



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

**As competências socioemocionais em adolescentes em
acolhimento residencial e a exposição à violência em
contexto familiar: Um estudo exploratório**

Inês Filipa Baiona Russo

Orientador(es) | Heldermerina Samutelela Pires

Évora 2026



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

**As competências socioemocionais em adolescentes em
acolhimento residencial e a exposição à violência em
contexto familiar: Um estudo exploratório**

Inês Filipa Baiona Russo

Orientador(es) | Heldemerina Samutelela Pires

Évora 2026



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | João Nuno Ribeiro Viseu (Universidade de Évora)

Vogais | Dora Isabel Fialho Pereira (Universidade da Madeira) (Arguente)
Heldemerina Samutelela Pires (Universidade de Évora) (Orientador)

Agradecimentos

Este foi sem sombra de dúvida um dos caminhos mais difíceis da minha vida! Colocou-me à prova de diferentes maneiras! Foi longo e duro este percurso, sob todas as medidas possíveis e imagináveis, mas só foi possível ser feito com pessoas extraordinárias ao meu lado. Pessoas essas que já tinha na minha vida e outras que tive o prazer de conhecer. Este percurso não tinha sido o mesmo sem vocês!

Quero começar por agradecer profundamente à Prof^a Doutora Heldemerina, por estar sempre pronta a explicar-me todas as minhas infindáveis dúvidas. A você que me ajudou em qualquer circunstância e me fez acreditar que é possível continuar, levo comigo o seu grande lema “Só não há solução para a morte!”, este que me ajudou e acredito que continuará a ajudar-me no futuro. Muito obrigada!

À minha família que esteve sempre presente para me apoiar, estou grata eternamente a vocês por serem tão acessíveis e por me respeitarem neste percurso. Foram muitas vezes o colo que precisava! Sem nunca esquecer de agradecer à minha nova irmã que me tanto me motivou, sobretudo, nos momentos mais difíceis!

Às minhas melhores amigas, Daniela, Inês, Marta e Vanessa, agradeço-vos por me ajudarem a desconectar e a disfrutar de momentos tão divertidos e aconchegantes, que tanta força me deram para continuar o meu caminho!

Às minhas eternas companheiras Margaridas, que tanto adorei conhecer, levo-vos comigo no coração. Obrigada a vocês porque, mesmo longe, fizeram-se sentir perto!

Às minhas queridas amigas Andreia e Daniela um especial obrigado, por tanto me ajudarem. Com vocês, sei que tenho um espaço, onde todas partilhamos experiências idênticas, que tantas vezes me fizeram perceber que não estava sozinha neste caminho!

A si Isabel, muito obrigada por estar sempre tão disposta em me acolher na sua casa, quando tinha de me deslocar.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer a todas as instituições que se disponibilizaram para colaborar neste estudo e, sobretudo, a todos/as os/as adolescentes que me permitiram explorar as suas vivências que tão difíceis foram!

As competências socioemocionais em adolescentes em acolhimento residencial e a exposição à violência em contexto familiar: Um estudo exploratório

Resumo

O presente estudo pretendeu explorar a relação entre as dimensões das competências socioemocionais de adolescentes institucionalizados e a sua exposição à violência presenciada no contexto familiar. Participaram no estudo 34 adolescentes, 22 do género masculino e 12 do género feminino, com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos. A recolha de dados foi realizada através de uma entrevista semiestruturada e por meio do Questionário de Inteligência Emocional de Bar-On: Versão para Jovens (EQ-i: YV; Bar-On & Parker, 2000). Os resultados sugerem que a exposição à violência familiar poderá constituir um fator de risco relevante para o desenvolvimento socioemocional de adolescentes institucionalizados/as, nomeadamente ao nível da tolerância ao *stress*, da perceção otimista e da autoimagem positiva. Os resultados do estudo apontam para a necessidade de intervenção psicológica e socioeducativa ajustadas às especificidades das trajetórias desenvolvimentais e familiares destes/as adolescentes.

Palavras-chave: competências socioemocionais, violência familiar, exposição à violência, adolescentes, medidas de proteção.

Socioemotional competences in adolescents in residential care and exposure to violence in the family context: An exploratory study

Abstract

This study aimed to explore the relationship between the dimensions of socioemotional competences in adolescents in residential care and their exposure to witnessed violence within the family context. 34 adolescents took part in the study: 22 males and 12 females, aged between 12 and 19. Data were collected through a semi-structured interview and using the Bar-On Emotional Intelligence Questionnaire: Version for Young People (EQ-i: YV; Bar-On & Parker, 2000). The results suggest that exposure to domestic violence may constitute a significant risk factor for the socioemotional development of adolescents in care, particularly in terms of stress tolerance, optimistic perception and positive self-image. The study's findings point to the need for psychological and socio-educational interventions tailored to the specific developmental and family trajectories of these adolescents.

Keywords: socioemotional competences, family violence, exposure to violence, adolescents, protective measures.

Índice

1. Introdução e Enquadramento Teórico.....	1
1.1. Introdução.....	1
1.2. A família como contexto primário de desenvolvimento.....	2
1.3. Violência em contexto familiar.....	4
1.4. A institucionalização.....	7
1.5. Competências socioemocionais na adolescência.....	8
1.6. Síntese integrativa do enquadramento teórico.....	12
2. Objetivos do estudo	13
3. Método.....	14
3.1. Desenho do estudo.....	14
3.2. Participantes	14
3.3. Instrumentos de recolha de dados.....	15
3.3.1. Entrevista semiestruturada.....	15
3.3.2. Questionário de Inteligência Emocional de Bar-On: Versão para Jovens	16
3.4. Procedimentos de recolha de dados.....	17
3.5. Procedimentos de análise de dados	18
3.5.1. Procedimentos de análise qualitativa.....	19
3.5.2. Procedimentos de análise quantitativa.....	19
4. Resultados.....	21
4.1. Resultados qualitativos.....	21
4.2. Resultados quantitativos.....	29
5. Discussão.....	42
6. Referências	63
7. Anexos	75
7.1. Anexo A - Guião da Entrevista	75
7.2. Anexo B – Declaração de Consentimento Informado	78
7.3. Anexo C – Perspetiva Global das Entrevistas	79
7.4. Anexo D – Descrição dos resultados qualitativos	210
7.5. Anexo E – Tabelas complementares à análise quantitativa do objetivo 5	254

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica dos/as participantes (género, coabitação, nível de escolaridade, residência anterior à institucionalização).....	14
Tabela 2. Tema 4 – Objetivo 1: Identificar o conceito de família	21
Tabela 3. Tema 4 – Objetivo 2: Identificar a percepção dos/as participantes sobre a sua família.....	23
Tabela 4. Tema 4 – Objetivo 3: Identificar a percepção dos/as participantes sobre o seu contexto familiar.....	25
Tabela 5. Distribuição da percepção de violência pelos/as participantes	29
Tabela 6. Distribuição da percepção de violência familiar segundo os/as participantes ..	30
Tabela 7. Distribuição dos tipos de violência familiar presenciados pelos/as participantes.....	31
Tabela 8. Dimensões das competências socioemocionais em função do género (masculino e feminino).....	32
Tabela 9. Dimensões das competências socioemocionais em função da idade (12-15 anos vs 16-19 anos)	33
Tabela 10. Resultados do Modelo Linear Geral (GLM) para as dimensões das competências socioemocionais em função do tipo de violência e do género.....	35
Tabela 11. Resultados do Modelo Linear Geral (GLM) para as dimensões das competências socioemocionais em função do tipo de violência e a idade	38
Tabela 12. Teste comparativo nas dimensões das competências socioemocionais em função da exposição à violência (expostos vs não expostos)	41

Índice de siglas

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

CASEL – Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning (Colaboração para Aprendizagem Académica, Social e Emocional)

EQ-i:YV – Bar-On Emotional Intelligence Questionnaire: Version for Young People (Questionário de Inteligência Emocional de Bar-On: Versão para Jovens)

OECD - Organisation for Economic Co-operation and Development (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico)

1. Introdução e Enquadramento Teórico

1.1. Introdução

A investigação contemporânea tem vindo a demonstrar que o desenvolvimento humano deve ser compreendido à luz dos modelos ecológicos e transacionais, que enfatizam a interação dinâmica entre o indivíduo e o contexto (Cantor et al., 2019; Masten & Cicchetti, 2016). Contudo, persiste na literatura o risco de fragmentação conceptual, em que violência familiar, institucionalização e competências socioemocionais são frequentemente analisadas como domínios autónomos, sem articulação suficiente entre si (Humphreys et al., 2020; Malti, 2020). Tal dissociação pode obscurecer a compreensão das trajetórias reais dos/as adolescentes em acolhimento residencial, cuja experiência desenvolvimental é marcada pela sobreposição de múltiplos fatores de risco e por reorganizações contextuais sucessivas (Masten, 2021).

A adolescência constitui uma etapa particularmente sensível do desenvolvimento, caracterizada por tarefas centrais como a construção da identidade, a autonomização emocional e a consolidação de competências socioemocionais. Tais processos estão fortemente dependentes da qualidade das experiências relacionais (Cimino & Cerniglia, 2023; Malti, 2020; Sawyer et al., 2018). A evidência recente indica que a exposição prolongada a adversidade familiar, nomeadamente violência e negligência, está associada a alterações nos sistemas de autorregulação emocional, na organização da vinculação e no ajustamento psicossocial (McLaughlin et al., 2021; Humphreys et al., 2020). Assim, quando o sistema familiar falha na sua função protetora, o impacto ultrapassa a esfera emocional imediata, podendo comprometer estruturas desenvolvimentais mais profundas (Masten, 2021; McLaughlin et al., 2021).

A institucionalização surge, neste contexto, como resposta do sistema de proteção perante a rutura das funções familiares, configurando uma reorganização ecológica que introduz novos contextos, normas e figuras de referência (Bronsard et al., 2016; Ijzendoorn et al., 2020). Contudo, a literatura sublinha que o acolhimento residencial não elimina automaticamente os efeitos das experiências adversas anteriores, sendo o seu impacto mediado pela qualidade das relações institucionais e pelas características individuais do/a adolescente (Giraldi et al., 2022; Malti, 2020). A sua compreensão exige, portanto, uma leitura desenvolvimental cumulativa, na qual vulnerabilidades prévias e recursos individuais interagem com as oportunidades de reorganização oferecidas pelo novo contexto (Cantor et al., 2019; Ijzendoorn et al., 2020; Masten, 2021).

É neste ponto que as competências socioemocionais assumem relevância central enquanto construto integrador. As competências socioemocionais têm sido apontadas na literatura como mecanismos mediadores entre experiências adversas e trajetórias de adaptação, podendo atenuar os efeitos de contextos familiares adversos e favorecer processos de resiliência (Jones et al., 2015; Malti, 2020). Tais competências configuram um conjunto dinâmico de capacidades (autorregulação, empatia, competências relacionais e tomada de decisão responsável) desempenhando um papel crucial na reorganização psicológica em contextos adversos (Loon et al., 2020; Taylor et al., 2017).

Deste modo, a dissertação organiza-se em cinco seções. A primeira seção começa com o enquadramento teórico estruturado em torno de quatro eixos conceptuais interligados e uma síntese integrativa final que articula estes domínios. Assim, o enquadramento fundamenta teoricamente a pertinência da investigação e clarifica o posicionamento conceptual adotado.

Posteriormente, apresenta-se o método que expõe o objetivo principal e os objetivos específicos do estudo, as características dos/as participantes, os instrumentos utilizados, a recolha de dados e os procedimentos de análise de dados. Por conseguinte, apresentam-se os resultados e a respetiva discussão e conclusão que inclui algumas reflexões, contribuições e limitações do estudo, bem como propostas para futuras investigações.

1.2. A família como contexto primário de desenvolvimento

A família constitui-se como o contexto primário do desenvolvimento humano, sendo um dos preditores mais robustos do ajustamento socioemocional ao longo da infância e adolescência (Bronfenbrenner & Morris, 2006; Steinberg, 2014). No modelo bioecológico do desenvolvimento, o funcionamento familiar integra o microsistema do indivíduo, onde ocorrem interações proximais regulares e emocionalmente significativas, determinantes para a organização da autorregulação, das competências relacionais e da adaptação emocional (Bronfenbrenner & Morris, 2006; Masten, 2021). Estas interações moldam trajetórias desenvolvimentais diferenciadas, na medida em que a qualidade dos vínculos, a sensibilidade parental e a consistência das práticas educativas influenciam diretamente os processos de regulação emocional e de ajustamento socioemocional (Malti, 2020; Morris et al., 2007).

Evidência empírica recente demonstra que um funcionamento familiar caracterizado por comunicação aberta, coesão emocional e práticas parentais responsivas está associado a melhores competências socioemocionais, menor reatividade emocional

e menor envolvimento em comportamentos de risco durante a adolescência (Jiang et al., 2025; Lansford et al., 2018; Loon et al., 2020). Estes resultados reforçam a ideia de que a coesão e a adaptabilidade familiar constituem fatores protetores no desenvolvimento socioemocional, promovendo maior estabilidade emocional, competências interpessoais mais ajustadas e melhor capacidade de tomada de decisão responsável (Olson, 2011).

Contrariamente, famílias caracterizadas por padrões disfuncionais, marcados por conflitos frequentes, limites ambíguos e práticas inconsistentes, apresentam maior probabilidade de configurar ambientes adversos. Estes contextos familiares adversos têm sido associados a dificuldades no ajustamento socioemocional, bem como a níveis elevados de sintomatologia ansiosa e depressiva e a uma maior prevalência de comportamentos externalizantes durante a adolescência (Pinquart, 2017; Yap et al., 2014). A literatura indica ainda que baixos níveis de funcionamento familiar predizem perfis de maior sofrimento emocional, menor procura de apoio e dificuldades persistentes na regulação emocional, com impacto direto no desenvolvimento socioemocional dos/as adolescentes (Loon et al., 2020; Morris et al, 2007; Restifo & Bögers, 2009).

A relevância do ambiente familiar para o ajustamento do/a adolescente é amplamente reconhecida na psicologia do desenvolvimento (domínio do desenvolvimento socioemocional em contexto ecológico e relacional), sendo frequentemente analisada a influência simultânea de múltiplos contextos, como família e pares sociais (Bronfenbrenner & Morris, 2006; Steinberg & Morris, 2001). Investigações empíricas têm demonstrado que padrões negativos do funcionamento familiar, quando combinados com relações com pares insatisfatórios ou rejeição social, amplificam a vulnerabilidade emocional e a dificuldade de regulação durante a adolescência (Lansford et al., 2018; McLaughlin et al, 2021; Rueger et al., 2016). Estes resultados evidenciam a importância de considerar múltiplos contextos de desenvolvimento de forma integrada, uma vez que experiências familiares e sociais interagem cumulativamente na organização das competências socioemocionais (Bronfenbrenner & Morris, 2006; Cantor et al., 2019; Masten, 2021).

A exposição a conflitos interparentais frequentes e hostilidade relacional constitui um fator de *stress* significativo, que compromete o sentimento de segurança emocional e aumenta sintomas internalizantes e externalizantes em adolescentes, reforçando a importância da estabilidade relacional do lar (Cummings et al., 2012; Harold & Sellers, 2018). A literatura sustenta que é a qualidade das interações e não a

configuração estrutural da família que melhor prediz o ajustamento socioemocional dos/as adolescentes (Harold & Sellers, 2018; Lansford et al., 2018).

No contexto específico da violência em meio familiar, a literatura evidencia que padrões negativos no funcionamento familiar se associam a maior probabilidade de ocorrência de práticas parentais coercivas, conflitos interparentais e padrões relacionais desregulados. Tais dinâmicas familiares constituem fatores de risco relevantes, na medida em que podem comprometer o ajustamento socioemocional e aumentar a vulnerabilidade a dificuldades emocionais e comportamentais durante a adolescência (Harold & Sellers, 2018). Estas dinâmicas não se limitam a constituir ambientes adversos momentâneos, mas tendem a estruturar modelos internos de relação que influenciam a forma como o/a adolescente interpreta experiências emocionais, regula afetos e estabelece vínculos interpessoais (Humphreys et al., 2020; Masten, 2021; McLaughlin et al., 2021).

Importa ainda reconhecer que a família não opera de forma isolada, interagindo continuamente com contextos sociais mais amplos, nomeadamente culturais e institucionais, que podem influenciar a sua capacidade de funcionamento adaptativo ou inversamente, potenciar situações de risco. Abordagens ecológicas sublinham que fatores estruturais (e.g., *stress* parental crónico e instabilidade contextual) impactam os padrões relacionais familiares e a qualidade das interações no microsistema, com repercussões diretas no desenvolvimento socioemocional dos/as adolescentes (Cantor et al., 2019; Humphrey et al., 2020; Masten, 2021).

A adolescência constitui um período marcado por intensas transformações emocionais, cognitivas e identitárias, tornando os/as adolescentes particularmente sensíveis aos efeitos de contextos familiares adversos. Assim, a existência de violência no contexto familiar configura-o como um espaço de desenvolvimento adverso, com impacto significativo no desenvolvimento global de crianças e adolescentes incluindo o desenvolvimento socioemocional (Sawyer et al., 2018; Steinberg, 2014).

1.3. Violência em contexto familiar

A violência familiar é um fenómeno relacional multidimensional complexo. Esta ocorre em relações de proximidade, interdependência e assimetria de poder, nas quais comportamentos intencionais provocam dano físico, psicológico ou emocional a membros da família, comprometendo as funções protetoras do sistema familiar (Evans et al., 2008; Joyos et al., 2022; World Health Organization, 2026). Ao contrário de outras formas de violência interpessoal, a violência familiar emerge no contexto que, em condições adequadas, deveria garantir segurança emocional, previsibilidade e regulação

afetiva. A rutura da função protetora da família associa-se a consequências desenvolvimentais particularmente adversas, dado que afeta diretamente o sentimento de segurança emocional e a organização dos vínculos (Cummings et al., 2012; Harold & Sellers, 2018).

A violência familiar pode manifestar-se sob múltiplas formas (física, psicológica, emocional, negligência e exposição a conflitos interparentais intensos e persistentes) que frequentemente coexistem e se acumulam ao longo do tempo (Evans et al., 2008; Joyos et al., 2022; McLaughlin et al., 2019). A literatura distingue ainda entre exposição direta e indireta à violência. A exposição direta ocorre quando o/a adolescente é alvo de comportamentos violentos. Enquanto a exposição indireta verifica-se quando o/a adolescente presencia episódios de violência entre outros membros da família, particularmente entre cuidadores/as (Calvete, 2023; Cecil et al., 2017; Evans et al., 2008). Investigação empírica demonstra que ambas as forma de exposição se associam a prejuízos no ajustamento socioemocional, incluindo dificuldade na autorregulação emocional, aumento da sintomatologia internalizante e externalizante, e comprometimento das competências relacionais, a curto e a longo prazo (Calvete, 2023; Cecil et al., 2017; Evans et al., 2008; Fosco et al, 2012; Holt et al., 2008; Humphreys et al., 2020).

Importa sublinhar que a exposição reiterada à violência no contexto familiar pode contribuir para a normalização de padrões disfuncionais de interação, influenciando as crenças do/a adolescente acerca da resolução de conflitos, da autoridade e da expressão emocional (Bandura, 1977; Grych & Fincham, 1990).

Estudos indicam que a vivência prolongada em contextos familiares marcados pela violência está associada a alterações nos processos de regulação emocional e a maior vulnerabilidade a dificuldades de ajustamento durante a adolescência (McLaughlin et al., 2019; Morris et al., 2007). Assim, a violência em contexto familiar não deve ser entendida como um evento isolado, mas como processo relacional cumulativo que molda trajetórias desenvolvimentais ao longo do tempo (Cecil et al., 2017; Masten, 2021; McLaughlin et al., 2019).

Conforme Spinazzola et al. (2014) e Stoltenborgh et al. (2015), a literatura demonstrou que a violência psicológica e emocional, embora menos visível, tem impactos duradouros nos/as adolescentes, interferindo na construção da identidade, na autoestima e na capacidade de regulação emocional. Comportamentos como humilhação, desvalorização, ameaças ou rejeição persistentes predisõem a dificuldades emocionais,

incluindo maior sintomatologia ansiosa e depressiva e menor competência social (Evans et al., 2008; Madigan et al., 2025). A negligência emocional, caracterizada pela ausência de resposta às necessidades afetivas, também se revela um forte preditor de disfunções relacionais e de dificuldades em estabelecer vínculos seguros ao longo da vida (McLaughlin et al., 2019).

A fase da adolescência, que se caracteriza por intensas transformações neurobiológicas e psicossociais, representa um período de maior sensibilidade às experiências ambientais, tornando-a particularmente vulnerável aos efeitos da violência familiar (World Health Organization, 2014). Fosco et al. (2012), num estudo longitudinal sobre relações familiares e comportamento problemático na adolescência, verificaram que níveis mais problemáticos de funcionamento familiar predizem maior vulnerabilidade ao desenvolvimento de comportamentos externalizantes ao longo do tempo. De forma consistente, a revisão sistemática de Madigan et al. (2025) identificou uma associação entre exposição a adversidade familiar e maior envolvimento em comportamentos de risco, nomeadamente o uso de substâncias. Estes efeitos acumulativos podem comprometer o ajustamento social e o bem-estar socioemocional global durante a adolescência (Madigan et al., 2025; Masten, 2021; McLaughlin et al., 2019).

Importa salientar que os efeitos da violência familiar raramente ocorrem de forma isolada, estando frequentemente associados à presença concomitante de outros fatores de risco (e.g., instabilidade socioeconómica, consumo de substâncias dos/as cuidadores/as, etc.). A acumulação de adversidades potencia o impacto negativo da violência no desenvolvimento do/a adolescente, aumentando a probabilidade de trajetórias de vulnerabilidade emocional, dificuldades comportamentais e necessidade de intervenção dos sistemas de proteção (Evans et al., 2013; Evans et al., 2008; Humphreys et al., 2020; McLaughlin et al., 2021; McLaughlin et al., 2019).

O contexto familiar adverso, particularmente nos casos em que a violência é persistente e compromete gravemente o desenvolvimento e a segurança dos/as adolescentes, surge frequentemente associado à aplicação de medidas de promoção e proteção, como o acolhimento residencial. Estudos recentes indicam que a exposição prolongada à violência familiar constitui um dos antecedentes mais prevalentes nas trajetórias da institucionalização, configurando um fator de risco crítico no percurso desenvolvimental destes/as adolescentes (Berridge et al., 2012; Giraldi et al., 2022; Ijzendoorn et al., 2020). Assim, a violência em contexto familiar não apenas compromete

o ajustamento imediato, mas integra um conjunto de circunstâncias que podem culminar na reorganização ecológica do/a adolescente através da sua integração em contexto institucional (Bronfenbrenner & Morris, 2006; Ijzendoorn et al., 2020; McLaughlin et al., 2019).

1.4. A institucionalização

A institucionalização, no âmbito das políticas de promoção e proteção, constitui uma medida aplicada quando o contexto familiar deixa de assegurar condições mínimas de segurança, estabilidade e desenvolvimento integral da criança ou do/a adolescente. Em Portugal, o acolhimento residencial integra o sistema de proteção previsto na Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (Lei nº 147/99, de 1 de setembro, na sua redação atual), assumindo um carácter excecional e temporário. Este deve ser acionado quando medidas menos intrusivas se revelem inadequadas à salvaguarda do superior interesse da criança ou do/a adolescente (Assembleia da República, 1999; Instituto da Segurança Social, 2025). O enquadramento legal enfatiza a primazia da família enquanto contexto preferencial de desenvolvimento, sendo o acolhimento residencial entendido como resposta subsidiária e orientada para a proteção e promoção do bem-estar (Assembleia da República, 1999; Instituto da Segurança Social, 2025; United Nations, 1989).

Do ponto de vista desenvolvimental, a institucionalização ocorre, na maioria dos casos, na sequência de trajetórias marcadas por múltiplas adversidades, como negligência, violência familiar, instabilidade relacional e privação emocional (Giraldi et al., 2022; Ijzendoorn et al., 2020; Vinnerljung et al., 2014). Estas experiências configuram um quadro de risco cumulativo, no qual a exposição reiterada a fatores adversos aumenta significativamente a probabilidade de dificuldades ao nível da regulação emocional, da vinculação e do ajustamento socioemocional (Humphreys et al., 2020; McLaughlin et al., 2021).

Assim, os/as adolescentes em acolhimento residencial tendem a apresentar fragilidades desenvolvimentais prévias à aplicação da medida, refletindo trajetórias caracterizadas por experiências relacionais desorganizadas e contextos familiares disfuncionais (Bronsard et al., 2016; Ijzendoorn et al., 2020; Vinnerljung et al., 2014).

À luz do modelo bioecológico do desenvolvimento, quando o microsistema familiar gera risco, a intervenção institucional pode compreender uma tentativa de reorganização ecológica, introduzindo um novo contexto estruturado, com o objetivo de interromper trajetórias desenvolvimentais adversas (Bronfenbrenner & Morris, 2006). Contudo, esta reorganização não é neutra. A transição para o acolhimento residencial

implica uma rutura com o contexto familiar de origem, podendo desencadear sentimentos de ambivalência, insegurança e desconfiança, particularmente durante a adolescência, fase marcada pela construção identitária e pela procura de autonomia (Cimino & Cerniglia, 2023; Greeson et al., 2015).

Neste sentido, a institucionalização deve ser analisada como parte de uma trajetória desenvolvimental complexa, na qual se articulam vulnerabilidades prévias e características do novo contexto de acolhimento. No novo contexto, a qualidade das relações estabelecidas assume um papel determinante. A literatura demonstra que instituições que promovem vínculos estáveis com cuidadores/as, práticas educativas estruturadas e apoio psicossocial especializado tendem a mitigar os efeitos negativos das experiências adversas prévias e a favorecer processos de reorganização adaptativa e resiliência (Giraldi et al., 2022; Greeson et al., 2015; Ijzendoorn et al., 2020). A presença de figuras de referência estáveis e responsivas tem sido associada a melhorias na regulação emocional e na adaptação social de adolescentes em acolhimento (Giraldi et al., 2022; Greeson et al., 2015; Humphreys et al., 2020).

Por outro lado, contextos institucionais marcados por rotatividade de cuidadores/as, ausência de vínculos estáveis e práticas pouco responsivas podem reproduzir padrões de insegurança relacional, dificultando a consolidação de sentimentos de pertença e segurança emocional (Berridge et al., 2012; Greeson et al., 2015; Ijzendoorn et al., 2020). A literatura sugere que contextos de instabilidade relacional podem comprometer o desenvolvimento socioemocional, particularmente ao nível da regulação emocional. (Bronsard et al., 2016; Ijzendoorn et al., 2020; McLaughlin et al., 2019).

Neste sentido, adolescentes institucionalizados encontram-se frequentemente numa condição de dupla vulnerabilidade desenvolvimental. Por um lado, apresentam trajetórias marcadas por experiências familiares prévias adversas que comprometem processos de autorregulação e organização relacional. Por outro, enfrentam o desafio adaptativo inerente à transição para um novo contexto institucional, com novas regras, figuras de referência e dinâmicas sociais (Masten, 2021; Ijzendoorn et al., 2020). Esta dupla condição pode afetar competências socioemocionais centrais, nomeadamente a regulação emocional, a empatia, a adaptabilidade e a gestão de *stress* (Humphreys et al., 2020; Malti, 2020; Masten, 2021; McLaughlin et al., 2021).

1.5. Competências socioemocionais na adolescência

As competências socioemocionais correspondem a um conjunto integrado de capacidades que permitem ao indivíduo identificar, compreender e regular emoções,

estabelecer relações interpessoais positivas e tomar decisões responsáveis em contextos sociais complexos (CASEL, 2020; Portela-Pino et al., 2024). Na adolescência, estas competências assumem particular atenção, uma vez que este período desenvolvimental é marcado por intensas transformações neurobiológicas, emocionais e identitárias, que exigem maior capacidade de autorregulação, adaptação social e gestão de conflitos (Oberle & Schonert-Reichl, 2017; OECD, 2021).

A literatura tem vindo a consolidar o papel das competências sociomocionais como determinantes centrais do ajustamento socioemocional na adolescência (Durlak et al., 2011; Jones & Doolittle, 2017; Taylor et al., 2017). Taylor et al. (2017), numa meta análise longitudinal, verificaram que níveis mais elevados de autorregulação, empatia e competências interpessoais estavam associados a melhor ajustamento emocional e menor desenvolvimento em comportamentos de risco. De forma consistente, os dados da OECD indicaram que adolescentes com maiores níveis de autorregulação, persistência e competências relacionais apresentam menor prevalência de sintomatologia ansiosa e depressiva e maior satisfação com a vida (OECD, 2021).

De forma adicional, estudos longitudinais indicaram que a autorregulação emocional e as competências interpessoais funcionam como fatores de risco e de proteção em contextos adversos, mediando a relação entre exposição ao risco e resultados desenvolvimentais negativos (Loon et al., 2020; Malti, 2020). Assim, as competências socioemocionais configuram não apenas indicadores de ajustamento, mas também mecanismos de resiliência ao longo da adolescência (Malti, 2020; Masten, 2021; Oberle & Schonert-Reichl, 2017; OECD, 2021).

Diversos modelos teóricos têm conceptualizado as competências socioemocionais ao longo das últimas décadas. Entre os mais influentes destaca-se o modelo proposto pelo CASEL, que organizou estas competências em cinco domínios centrais: (1) autoconsciência; (2) autorregulação; (3) consciência social; (4) competências relacionais; (5) e tomada de decisão responsável (CASEL, 2020). Este enquadramento tem sido amplamente aplicado a programas de intervenção socioemocional, sendo sustentado por investigações que associam a sua implementação a melhorias no ajustamento emocional e na redução de comportamentos problemáticos (Jones et al., 2019; OECD, 2021; Taylor et al., 2017). A sua estrutura permite articular dimensões emocionais, sociais e comportamentais numa perspetiva desenvolvimental (CASEL, 2020; Jones et al., 2019; Oberle & Schonert-Reichl, 2017).

Por sua vez, o modelo de Mayer e Salovey conceptualizou a inteligência emocional enquanto um conjunto de capacidades cognitivas relacionadas com a percepção, compreensão, utilização e regulação das emoções (Mayer et al., 2016). Esta abordagem, enquadrada no paradigma da inteligência emocional, enfatiza o processamento emocional como capacidades mensuráveis através de instrumentos baseados em tarefas. Investigações recentes continuam a sustentar a validade desta conceptualização enquanto modelo cognitivo da competência emocional. No entanto, estas mesmas investigações sublinham que a sua ênfase recai predominantemente na dimensão interpessoal e no processamento emocional individual, em detrimento das dimensões relacionais e contextuais mais amplas (MacCann et al., 2020; Keefer et al., 2018).

O modelo da OECD (2021), no âmbito do *Survey on Social and Emotional Skills*, propôs uma organização das competências em cinco grandes domínios: desempenho de tarefas, regulação emocional, colaboração, abertura ao novo, e envolvimento com os outros, oferecendo uma perspetiva comparativa internacional.

No presente estudo, opta-se pelo modelo de Bar-On (2006) por este apresentar uma conceptualização integradora das competências emocionais e sociais enquanto conjunto de capacidades interdependentes que influenciam a adaptação ao ambiente. Ao contrário dos modelos estritamente cognitivos da inteligência emocional, o modelo de Bar-On enquadra-se numa perspetiva mista, integrando componentes intrapessoais, interpessoais e adaptativas, articulando emoção, comportamento e funcionamento social (Bar-On, 2006; Keefer et al., 2018). Esta abordagem tem sido amplamente utilizada em contextos educativos e clínicos, sendo associada a indicadores de ajustamento socioemocional, bem-estar e adaptação em adolescentes (MacCann et al., 2020; Sánchez-Álvarez et al., 2016). O modelo organiza-se em cinco domínios principais: (1) competências intrapessoais; (2) competências interpessoais; (3) gestão de *stress*; (4) adaptabilidade; (5) humor geral (Bar-On, 2006).

As competências intrapessoais incluem autoconsciência emocional, assertividade, autoconceito, autorrealização e independência. Estas dimensões relacionam-se com a capacidade de reconhecer e compreender estados emocionais internos, regular a expressão emocional e agir de forma autodeterminada (Bar-On, 2006). Estudos recentes demonstram que níveis mais elevados das competências intrapessoais estão associados a menor sintomatologia internalizante e maior bem-estar subjetivo na adolescência (Malti, 2020; Sánchez-Álvarez et al., 2016).

As competências interpessoais compreendem empatia, responsabilidade social e qualidade das relações interpessoais (Bar-On, 2006), sendo fundamentais para o estabelecimento de vínculos seguros, cooperação e ajustamento relacional. Evidência empírica indica que adolescentes com melhores competências interpessoais apresentam menor envolvimento em comportamentos agressivos e maior integração social e escolar (Loon et al., 2020; OECD, 2021).

A gestão de *stress* envolve tolerância ao *stress* e controlo de impulsos, dimensões particularmente relevantes na adolescência, período caracterizado por maior reatividade emocional, regulação emocional e reorganização neurobiológica (Bar-On, 2006; Dahl et al., 2018; Steinberg, 2014). Investigações contemporâneas sugerem que dificuldades nesta área se associam a maior probabilidade de comportamentos externalizantes e envolvimento em condutas de risco (Humphreys et al., 2020; MacCann et al., 2020).

A adaptabilidade integra flexibilidade cognitiva e capacidade de resolução de problemas, permitindo o ajustamento eficaz a novos contextos ou a contextos imprevisíveis e desafiantes (Bar-On, 2006). Estas competências têm sido identificadas como mediadores entre experiências adversas e ajustamento positivo, funcionando como mecanismos de proteção em contextos de risco (Malti, 2020; Masten, 2021).

Por fim, o domínio do humor geral, que inclui otimismo e felicidade, associa-se a níveis mais elevados de motivação, envolvimento social e bem-estar socioemocional global. Evidência recente indica que disposições positivas, como otimismo, estão relacionadas com melhor capacidade de *coping* e maior adaptação emocional durante a adolescência (Bar-On, 2006; OECD, 2021; Sánchez-Álvarez et al., 2016).

Estudos empíricos com o *Bar-On Emotional Intelligence Questionnaire: Version for Young People* (EQ-i: YV), mostraram que níveis mais elevados nas dimensões intrapessoal, interpessoal, gestão de *stress* e adaptabilidade se associam a melhor ajustamento socioemocional, a estratégias de *coping* adaptativo e menor agressividade em adolescentes (Keefer et al., 2018). Em particular, investigações de validação do instrumento indicaram que pontuações mais elevadas nas escalas intrapessoal e de gestão de *stress* predizem menor sintomatologia emocional (Keefer et al., 2018; Resurrección et al., 2014).

Adicionalmente, estudos realizados em contextos de risco sugerem que défices nestas dimensões (intrapessoal, interpessoal, gestão de *stress*, adaptabilidade e humor geral) estão associadas a maior vulnerabilidade emocional em adolescentes expostos/as a adversidade familiar, nomeadamente violência, negligência e conflito interparental

persistente (Humphreys et al., 2020; Trinidad & Johnson, 2002). Estes resultados reforçam a relevância da avaliação das competências socioemocionais através do modelo de Bar-On em populações caracterizadas por trajetórias desenvolvimentais adversas (Keefer et al., 2018; Malti, 2020; Masten, 2021).

Do anteriormente exposto, depreende-se que o desenvolvimento das competências socioemocionais é profundamente influenciado pelo meio familiar. Ambientes caracterizados por suporte emocional e comunicação consistente favorecem a consolidação da autorregulação e da empatia. Em contrapartida, a exposição à violência familiar compromete significativamente estas competências, dificultando a identificação emocional, a gestão de impulsos e a construção de modelos relacionais seguros (Evans et al., 2008; Madigan et al., 2025).

No contexto específico do acolhimento residencial, estudos recentes indicam que adolescentes institucionalizados apresentam frequentemente perfis de maior vulnerabilidade socioemocional, refletindo trajetórias desenvolvimentais marcadas por experiências adversas precoces (Giraldi et al., 2022; Ijzendoorn et al., 2020). Contudo, a literatura também evidencia que o desenvolvimento de competências socioemocionais pode funcionar como mecanismo de reorganização e resiliência, mediando a relação entre experiências adversas e ajustamento posterior (Loon et al., 2020; Malti, 2020).

Assim, a avaliação destas competências em adolescentes em acolhimento residencial permite não apenas identificar possíveis fragilidades desenvolvimentais, mas também compreender potenciais recursos adaptativos que poderão sustentar processos de ajustamento e reorganização psicológica (Ijzendoorn et al., 2020; Loon et al., 2020; Malti, 2020; Masten, 2021).

1.6. Síntese integrativa do enquadramento teórico

Um olhar sistêmico permite ultrapassar leituras fragmentadas e situar adolescentes institucionalizados numa trajetória onde se pode observar a interação dinâmica entre adversidade no ambiente relacional, vulnerabilidade desenvolvimental e reorganizações contextuais sucessivas (Cantor et al., 2019; Ijzendoorn et al., 2020; Masten, 2021).

A adolescência constitui uma etapa desenvolvimental particularmente sensível, caracterizada por reorganizações emocionais e identitárias intensas, nas quais a qualidade das experiências familiares assume um papel determinante na consolidação de competências socioemocionais essenciais ao ajustamento (Sawyer et al., 2018; OECD, 2021). Estudos longitudinais demonstram que contextos familiares coesos e responsivos

favorecem o desenvolvimento de autorregulação, empatia e adaptabilidade, enquanto contextos marcados por conflito persistente ou violência comprometem processos de regulação e segurança emocional (Harold & Sellers, 2018; Humphreys et al., 2020).

A violência em contexto familiar emerge, neste quadro, como um fator de risco crítico. Evidências de meta-análises e estudos longitudinais indicam que a exposição direta e indireta à violência familiar está associada a dificuldades ao nível do ajustamento socioemocional, da capacidade de manter relações saudáveis e da regulação emocional (Cecil et al., 2017; Evans et al., 2008; Madigan et al., 2025). Estes efeitos tornam-se particularmente relevantes quando considerados à luz dos modelos de risco cumulativo, que evidenciam como a acumulação de adversidades intensifica trajetórias de vulnerabilidade desenvolvimental (Masten, 2021; McLaughlin et al., 2021).

Quando a violência e outras formas de adversidade comprometem gravemente a segurança e o desenvolvimento dos/as adolescentes, a institucionalização surge como medida de proteção. A investigação internacional demonstra que adolescentes em acolhimento residencial apresentam maior prevalência de dificuldades emocionais e comportamentais comparativamente à população geral. No entanto, tais vulnerabilidades refletem predominantemente o impacto das experiências adversas prévias, e não exclusivamente o efeito da medida de acolhimento (Bronsard et al., 2016; Giraldi et al., 2022; Vinnerljung et al., 2014).

A literatura sugere que as competências socioemocionais podem assumir um papel mediador neste processo, funcionando como fatores de proteção quando suficientemente desenvolvidas ou como fatores de risco quando fragilizadas (Loon et al., 2020; Malti, 2020).

Assim, compreender o nível de desenvolvimento destas competências em adolescentes institucionalizados poderá facilitar o papel do acolhimento residencial na possível reorganização das suas trajetórias desenvolvimentais (Ijzendoorn et al., 2020; Masten, 2021; McLaughlin et al., 2021).

2. Objetivos do estudo

A presente investigação teve como objetivo principal explorar a relação entre as competências socioemocionais de adolescentes em acolhimento residencial e a sua exposição prévia a experiências de violência no contexto familiar de origem. Foram formulados os seguintes objetivos específicos: (1) Identificar o conceito de família; (2) Identificar a perceção dos/as participantes sobre a sua família; (3) Identificar a perceção dos/as participantes sobre o seu contexto familiar; (4) Descrever a perceção da violência

familiar dos/as participantes; (5) Descrever as competências socioemocionais dos/as participantes em função do género e da idade; (6) Verificar se existem diferenças significativas nas competências socioemocionais dos/as participantes em função do tipo de violência a que foram expostos/as, do género e da idade; (7) Analisar o efeito da exposição à violência (expostos/as versus não expostos/as) nas dimensões das competências socioemocionais.

3. Método

3.1. Desenho do estudo

A presente investigação assumiu um carácter exploratório e descritivo, integrando um método misto devido à complexidade do fenómeno em estudo (o desenvolvimento das competências socioemocionais em adolescentes institucionalizados com historial de violência familiar). Esta opção permitiu explorar em profundidade as experiências subjetivas dos/as adolescentes, através de entrevistas semiestruturadas, e, simultaneamente, quantificar dimensões específicas das competências socioemocionais por meio da aplicação de um questionário padronizado (Creswell & Clark, 2018).

3.2. Participantes

A amostra do estudo foi constituída por 34 adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos ($M = 15,56$; $DP = 1,88$). Todos os/as participantes residiam em casas de acolhimento residencial, com um tempo de permanência que variou entre 1 e 3 anos ($M = 2,35$; $DP = 0,81$).

A tabela 1 apresenta os dados de caracterização sociodemográfica dos/as participantes no estudo. Estes dados foram analisados estatisticamente para garantir uma interpretação e leitura mais sustentada dos resultados.

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica dos/as participantes (género, coabitação, nível de escolaridade, residência anterior à institucionalização).

Variáveis sociodemográficas		<i>n</i>	%
Género	Masculino	22	64.7
	Feminino	12	35.3
Com quem coabitavam	Pai e Mãe	7	20.6
	Pai	2	5.9
	Mãe	8	23.5

Variáveis sociodemográficas		<i>n</i>	%
	Mãe e Padrasto	6	17.6
	Pai e Madrasta	5	14.7
	Avós / outros familiares	3	8.8
	Tia	2	5.9
	Irmão	1	2.9
Nível de escolaridade	1.º ciclo	1	2.9
	2.º ciclo	7	20.6
	3.º ciclo	17	50.0
	Secundário	7	20.6
	Formação profissional	2	5.9
Residência anterior à institucionalização	Meio Urbano	28	82.4
	Meio Rural	6	17.6

Nota. *n* = tamanho da amostra; % = percentagem.

É possível observar uma predominância de participantes do género masculino ($n=22$; 64.7%) face ao género feminino ($n=12$; 35.3%). A maioria dos/as participantes frequenta o 3.º ciclo do ensino básico ($n=17$; 50%). Verificou-se igualmente que uma parte significativa dos/as participantes viveu em configurações familiares monoparentais ou reconstituídas ($n=21$). Quanto à residência anterior à institucionalização, verificou-se que a maioria dos/as participantes é oriunda de meio urbano ($n=28$; 82.4%).

3.3. Instrumentos de recolha de dados

A recolha de dados para o presente estudo foi realizada através de dois instrumentos complementares: uma entrevista semiestruturada e um Questionário de Inteligência Emocional de Bar-On: Versão para Jovens traduzido e adaptado por Candeias e Rebocho (2007).

3.3.1. Entrevista semiestruturada

A entrevista semiestruturada permitiu explorar de forma aprofundada as experiências subjetivas dos/as participantes, bem como possibilitou um equilíbrio entre a

orientação temática e a flexibilidade necessárias para acolher narrativas espontâneas e significativas (Quivy & Campenhoudt, 2017).

Partindo deste pressuposto, elaborou-se um guião de entrevista contemplando questões relacionadas com: (1) vivências familiares prévias dos/as adolescentes; e (2) experiências de violência em contexto familiar, permitindo explorar de forma aprofundada as trajetórias familiares e os contextos de adversidade que antecederam a institucionalização (Jiang et al., 2025; Magalhães, et al., 2017; Quivy & Campenhoudt, 2017). Neste sentido, desenvolveu-se um guião da entrevista com duas partes distintas. A primeira parte incorporou dois temas: (1) Tema 1 (“Legitimação da entrevista”), que incentivava à colaboração, assegurava a confidencialidade e o anonimato, garantia o direito à desistência em qualquer momento, assegurava a utilização dos dados exclusivamente para fins científicos e solicitava a gravação por áudio; (2) Tema 2, que pretendeu reger a caracterização sociodemográfica dos/as participantes, considerando as seguintes variáveis: (1) género; (2) idade; (3) residência anterior (meio urbano ou rural); (4) com quem coabitavam; (5) nível de escolaridade; (6) e tempo de permanência na instituição.

A segunda parte da entrevista abordou os temas a explorar na investigação: (1) o Tema 3, que pretendeu identificar a perceção de violência para os/as participantes; (2) e o Tema 4, que visou identificar o conceito de família, bem como identificar a perceção dos/as participantes sobre a sua família e contexto familiar. Perante a pouca capacidade dos/as participantes em elaborar respostas, além das principais questões do guião da entrevista, a entrevistadora, quando necessário, fez algumas questões complementares de forma a clarificar as suas respostas.

3.3.2. Questionário de Inteligência Emocional de Bar-On: Versão para Jovens

O Questionário de Inteligência Emocional de Bar-On: Versão para Jovens (EQ-i:YV; Bar-On & Parker, 2000), traduzido e adaptado por Candeias e Rebocho (2007) para a língua portuguesa. O EQ-i:YV é um instrumento de autorrelato que apresenta boas propriedades psicométricas, tendo um índice de consistência interna de 0.87 para a escala total e coeficientes de fiabilidade entre os 0.69 e os 0.86 nas dimensões das competências socioemocionais (Candeias et al., 2011).

O EQ-i: YV contém 60 itens de autorrelato, avaliados numa escala Likert de 4 pontos, sendo 1=Nunca, 2=Às vezes, 3=Quase sempre e 4=Sempre (Candeias, 2025). Os itens estão agrupados em cinco dimensões que abordam o perfil social e afetivo dos/as

participantes, sendo estas: (1) Intrapessoal; (2) Interpessoal; (3) Gestão de *stress*; (4) Adaptabilidade; (5) e Humor Geral (Bar-On & Parker, 2000; Candeias, 2025).

A dimensão Intrapessoal avalia a capacidade de o/a adolescente expressar e comunicar os próprios sentimentos e necessidades (e.g., “Falo com facilidade sobre os meus sentimentos”). A dimensão Interpessoal refere-se à capacidade de escutar, compreender e apreciar os sentimentos dos outros (e.g., “Compreendo bem como as outras pessoas se sentem”). A dimensão Adaptabilidade analisa a capacidade de gerir problemas no quotidiano (e.g., “É-me fácil entender coisas novas”). A dimensão Gestão de *Stress* incide na capacidade de lidar com situações de *stress* sem explosões de ira (e.g., “Tenho brigas com os outros”). A dimensão Humor Geral explora o otimismo e a capacidade de manter uma aparência positiva (e.g., “Penso que vai correr tudo bem”). Além disso, tem uma dimensão de Impressão Positiva que analisa o efeito da desejabilidade social (e.g., “Tenho bons pensamentos acerca das outras pessoas”) (Bar-On & Parker, 2000; Candeias, 2025).

3.4. Procedimentos de recolha de dados

Na fase de recolha de dados, os/as participantes foram selecionados através de um processo de amostragem não probabilística intencional, no qual os sujeitos foram escolhidos em função de características específicas consideradas relevantes para os objetivos da investigação. Este tipo de amostragem permitiu compreender mais aprofundadamente o fenómeno em estudo, ao centrar-se numa população-alvo com experiências diretamente relacionadas com a problemática investigada (Creswell & Clark, 2018; Flick, 2022; Mukti, 2025). Assim, a seleção dos/as participantes foi elaborada com base nos seguintes critérios de inclusão: (1) adolescentes de ambos os géneros; (2) idade compreendida entre os 12 e os 19 anos; (3) institucionalização em Casas de Acolhimento Residencial; (4) existência de indicadores de risco no contexto familiar, nomeadamente a probabilidade de exposição a situações de violência familiar. Contudo, após a análise das entrevistas, verificou-se que uma pequena minoria dos/as adolescentes não relataram explicitamente experiências de violência, seja por não as terem presenciado de forma direta, seja por dificuldades ou resistência em verbalizar essas vivências. Esta diversidade de experiências e de níveis de revelação foi considerada na análise dos dados, respeitando os princípios éticos da investigação e a natureza sensível do fenómeno em estudo.

Foram excluídos das análises os questionários incompletos ou com mais de 50% de itens por responder. Em função destes critérios, foi excluído do estudo um participante.

Previamente à execução das entrevistas foi elaborado um estudo piloto com recurso à primeira versão do guião da entrevista semiestruturada. O estudo contou com a participação de uma jovem exposta a violência no contexto familiar, não preenchendo unicamente o critério da idade. Devido à distância geográfica, a entrevista foi realizada com recurso à videoconferência através da plataforma Zoom. Após a entrevista, a participante considerou adequadas todas as perguntas da entrevista.

Inicialmente, o estudo previa a realização de 12 entrevistas semiestruturadas, considerando o princípio da saturação teórica que permite interromper a recolha de dados quando deixam de emergir novos conteúdos relevantes (Guest et al., 2006). Contudo, após a integração do método quantitativo, optou-se por alargar o número de participantes para aprofundar e complementar a compreensão das competências socioemocionais dos/as participantes.

Importa ainda salientar que, inicialmente, os/as participantes a seleccionar tinham idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos e deviam residir há mais de seis meses na instituição. No entanto, a falta de participantes para o estudo, obrigou a alargar a idade pretendida para os 12 e os 19 anos e a eliminar o critério de mais de seis meses. Deste modo, o guião foi reestruturado e atualizado em função das características dos/as novos/as participantes, desenvolvendo-se a segunda versão do guião.

A recolha de dados decorreu após o parecer positivo das instituições e a assinatura do consentimento informado por parte dos respetivos representantes legais (Anexo B - Declaração de Consentimento Informado). Todas as entrevistas foram realizadas presencialmente em contexto institucional, em espaços que garantiam a privacidade e o conforto dos/as participantes.

A recolha de dados qualitativos e quantitativos decorreu entre fevereiro e junho de 2025, a sua duração oscilou entre os 25 e os 45 minutos dependendo da capacidade de elaboração de respostas de cada participante. Após a entrevista foi aplicado o questionário, permitindo que os/as participantes respondessem de forma individual e confidencial, com o apoio da investigadora sempre que necessário.

A investigação respeitou os princípios éticos fundamentais da investigação em Psicologia, nomeadamente o respeito pela dignidade humana, pela confidencialidade e pelo anonimato dos/as participantes.

3.5. Procedimentos de análise de dados

No seguimento da recolha de dados, a análise de dados foi elaborada em duas fases distintas. Numa primeira fase, procedeu-se à análise qualitativa e, numa segunda

fase, à análise quantitativa. Optou-se por explorar, de forma qualitativa, os três primeiros objetivos específicos: (1) Identificar o conceito de família; (2) Identificar a percepção dos/as participantes sobre a sua família; (3) Identificar a percepção dos/as participantes sobre o seu contexto familiar. Os outros objetivos foram alvo de análise quantitativa.

3.5.1. Procedimentos de análise qualitativa

Após a realização das entrevistas, procedeu-se a uma “transcrição mais polida e seletiva” (citado por Azevedo et al., 2017, p. 163) que omitiu determinados elementos linguísticos (e.g., pausas, interjeições, vocalizações involuntárias) (Guazi, 2021). Para o efeito, as transcrições foram efetuadas num suporte físico para facilitar a análise de conteúdo. Posto isto, recorreu-se à análise de conteúdo que visou extrair inferências do texto de forma precisa e objetiva (Teodoro & de Oliveira, 2024), para melhor compreender a percepção e a realidade de cada sujeito (Paiva et al., 2021).

De seguida, procedeu-se à codificação que visa garantir o anonimato dos/as participantes. Para tal, construíram-se códigos compostos por: (1) uma letra do primeiro nome do/a participante; (2) o género feminino (F) ou o género masculino (M); (3) e a idade do/a participante. A codificação seria, por exemplo, V-M-17 participante chamado “Vitor” do género masculino e com 17 anos de idade.

Posteriormente, procedeu-se à categorização, que visa reconstruir significados e aprofundar a interpretação da realidade (Paiva et al., 2021). Este processo permitiu compreender as vivências e percepções dos/as participantes, ao identificar unidades de significado nas suas verbalizações, através de uma análise global das entrevistas (Anexo C – Perspetiva Global das Entrevistas). Assim sendo, a investigadora começou por elaborar categorias, subcategorias e subcategorias secundárias. Depois deste procedimento, estas foram discutidas e revistas em conjunto com a orientadora, onde se determinou a reformulação e combinação de algumas e a eliminação de outras.

Posto isto, estabeleceu-se as Unidades de Registo (UR) através do registo de elementos concretos como palavras, temas, conceitos ou símbolos expressos por cada participante, objetivando a posterior interpretação dos mesmos (Reis, 2017). Por acrescento, elaborou-se as Unidades de Contagem (UC) que, segundo Bento (2016), quantificam a frequência das unidades de registo.

3.5.2. Procedimentos de análise quantitativa

Após a análise de conteúdo, procedeu-se à análise quantitativa dos restantes dados recolhidos (e.g., caracterização sociodemográfica dos/as participantes; percepção de violência para os/as participantes) e igualmente tratados os dados recolhidos através do

Questionário de Inteligência Emocional de Bar-On: Versão para Jovens com recurso ao software IBM SPSS Statistics (versão 27).

Após a organização e verificação da base de dados, a análise dos dados decorreu em diferentes etapas. Numa primeira fase, procedeu-se à análise estatística descritiva das variáveis sociodemográficas dos/as participantes, à caracterização da distribuição dos tipos de violência relatados, bem como à descrição das dimensões das competências socioemocionais em função do género e da idade.

Numa segunda fase, realizou-se a verificação dos pressupostos necessários à aplicação de testes paramétricos. Para o efeito, avaliou-se a normalidade das distribuições através do teste de Shapiro–Wilk, recomendado para amostras inferiores a 50 participantes (Field, 2018; Marôco, 2021). Adicionalmente, foram analisados os valores de assimetria e curtose. De forma geral, os resultados indicaram a ausência de desvios significativos à normalidade ($p > .05$), permitindo a utilização de testes paramétricos nas análises subsequentes.

Com base nesta verificação, procederam-se às análises inferenciais em função dos objetivos definidos. Foram aplicados: (1) o Modelo Linear Geral (GLM), para avaliar simultaneamente o efeito dos tipos de violência, do género e da idade nas diferentes dimensões das competências socioemocionais (Field, 2018; Agresti, 2019), para interpretar o efeito de magnitude usa-se o ηp^2 (eta quadrado parcial) segundo os critérios de Richardson (2011); (2) e o teste t de Student para amostras independentes, com o objetivo de comparar as dimensões das competências socioemocionais em função da exposição à violência familiar (expostos/as versus não expostos/as), bem como do género e da idade, quando aplicável (Field, 2018), utilizando-se o d = Cohen (1988) para interpretar o efeito de magnitude.

Relativamente à operacionalização das variáveis, a exposição à violência familiar inclui os tipos de violência presenciados em contexto familiar, sendo estas a violência física, psicológica, bem como física e psicológica. Por sua vez, a categoria de não exposição à violência familiar integra participantes que não presenciaram violência ou que não forneceram nenhuma resposta.

Adotou-se como nível de significância estatística $\alpha = .05$. Esta abordagem metodológica permitiu uma análise detalhada das dimensões das competências socioemocionais (intrapessoal, interpessoal, gestão de *stress*, adaptabilidade, humor geral e impressão positiva), possibilitando a identificação de padrões específicos associados à exposição da violência familiar.

4. Resultados

Considerando os procedimentos de análise qualitativa e quantitativa previamente descritos, apresentam-se primeiro os resultados da análise qualitativa, seguidos dos resultados quantitativos, organizados segundo a ordem dos temas e dos objetivos delineados anteriormente.

4.1. Resultados qualitativos

Face à extensão da informação recolhida optou-se por apresentar a análise detalhada dos resultados em anexo (Anexo D – Descrição dos resultados qualitativos). Importa salientar que, quanto aos resultados qualitativos, será abordado apenas o Tema 4: Identificar o conceito de família, bem como identificar a perceção dos/as participantes sobre a sua família e contexto familiar, enquanto os restantes temas (Tema 2: caracterização sociodemográfica dos/as participantes e Tema 3: Identificar a perceção de violência para os/as participantes) serão apresentados nos resultados quantitativos.

Tema 4: Identificar o conceito de família, bem como identificar a perceção dos/as participantes sobre a sua família e contexto familiar.

O Tema 4 visa identificar: (1) o conceito de família, (2) a perceção dos/as participantes sobre a sua família (3) e a perceção dos/as participantes sobre o seu contexto familiar.

Tema 4 – Objetivo 1: Identificar o conceito de família

“Identificar o conceito de família” visa compreender a perceção dos/as participantes relativamente ao conceito de família. Da análise das verbalizações dos/as participantes resultaram 4 categorias (“Apoio parental”; “Proteção e prestação de cuidados”; “União”; “Ambiente favorável ao bem-estar”) resumidas na tabela 2.

Tabela 2

Tema 4 – Objetivo 1: Identificar o conceito de família

Categorias	Subcategorias
Apoio Parental	Apoio emocional Ajuda perante dificuldades/problemas

Proteção e prestação de cuidados

Categorias	Subcategorias
União	Predominância do vínculo afetivo (consanguíneos e/ou não consanguíneos) Vínculo biológico Vínculo afetivo e biológico Desunião
Ambiente favorável ao bem-estar	Confiança e Disponibilidade Paz Respeito Convívio

Nota. Para efeitos de síntese, as subcategorias secundárias, unidades de registo e unidades de contagem não são apresentadas nesta tabela, encontrando-se descritas em tabelas próprias no Anexo D – Descrição dos resultados qualitativos.

A categoria 1 - “Apoio parental” contempla duas subcategorias (“Apoio emocional” e “Ajuda perante dificuldades/problemas”). Esta categoria refere o entendimento de família pelos/as participantes enquanto fonte de suporte emocional, manifestado em termos físicos (e.g., abraços) e verbais (e.g., amor), bem como apoio perante dificuldades ou problemas (e.g., ajuda em situações de necessidade pessoal). Observa-se que a subcategoria de “Apoio emocional” assume maior relevância apresentando o maior número de unidades de registo (UR=20) e unidades de contagem (UC=47).

A categoria 2 - “Proteção e prestação de cuidados” não apresenta subcategorias. Esta categoria faz referência à proteção emocional (qualidade do vínculo afetivo) e proteção física (satisfação das necessidades básicas como a alimentação) evidenciando a família enquanto estrutura responsável pela segurança e provisão de recursos e prestação de cuidados essenciais. Nesta categoria, emergiram das verbalizações dos/as participantes UR=9 e UC=11.

A categoria 3 - “União” refere-se à perceção dos/as participantes que entendem a família como um conjunto de elementos ligados entre si. Este entendimento assenta na perceção da existência de um vínculo predominantemente afetivo, estabelecido entre indivíduos consanguíneos e/ou não consanguíneos, em detrimento dos laços estritamente biológicos. Baseia-se também num vínculo exclusivamente biológico entre sujeitos

consanguíneos, ou ainda na combinação equilibrada de ambos os tipos de vínculo, biológico e afetivo. Verifica-se, nesta categoria, que 14 participantes (UC=20) percebem a ligação familiar como a “Predominância do vínculo afetivo (consanguíneos e/ou não consanguíneos)”. Curiosamente, a família também é percebida, por uma participante (UR=1) e (UC=3), como um espaço de “Desunião” caracterizado pela separação e falta de coesão entre membros familiares tendo como referência a desunião da sua própria estrutura familiar.

A categoria 4 - “Ambiente favorável ao bem-estar” compreende a família enquanto espaço emocionalmente positivo e seguro, onde os/as participantes associam a família a sentimentos e estados emocionais positivos, bem como a uma estabilidade relacional e respeitosa. Assim sendo, esta categoria, integra quatro subcategorias, em que se destaca a subcategoria “Confiança e Disponibilidade” verbalizada por 9 participantes e compreende UC=15.

Tema 4 – Objetivo 2: Identificar a percepção dos/as participantes sobre a sua família

“Identificar a percepção dos/as participantes sobre a sua família” traduz a percepção destes/as relativamente à sua própria família. Na tabela 3 apresentam-se quatro categorias (“União”; “Relacionamentos”; “Características e dificuldades dos elementos da família”; “Sentimentos negativos associados às figuras de referência”) obtidas da análise das respostas dos/as participantes. As categorias e respetivas subcategorias, tornam evidente a forma tão diversa como os/as participantes percebem a sua família. Tal diversidade vai desde representações de união ou desunião, à existência de boas ou más relações ou a inexistência destas, passando pela identificação de dificuldades manifestadas em elementos familiares até à verbalização de sentimentos negativos associados às figuras de referência.

Tabela 3

Tema 4 – Objetivo 2: Identificar a percepção dos/as participantes sobre a sua família

Categorias	Subcategorias
União	Unida
	Desunida
Relacionamentos	Boas relações
	Más relações
	Ausência de relações

Categorias	Subcategorias
Características e dificuldades dos elementos da família	Famíliares desempregados Problemas financeiros dos membros da família Famíliares com medidas de proteção Doença física e/ou doença mental nos pais Famíliares com histórico criminal Ausência de figuras de referência Comportamentos aditivos na família Maus-tratos por figuras de referência
Sentimentos negativos associados às figuras de referência	Sentimento de exclusão (figura paterna) Inexistência de afeto pelas figuras parentais

Nota. Consultar nota da tabela 2 para esclarecimentos relativos a informações adicionais.

A categoria 1 - “União” refere-se à presença ou ausência de vínculos afetivos ou biológicos entre membros do seio familiar dos/as participantes, evidenciando o grau de coesão relacional existente. Observa-se, nesta categoria, que a subcategoria “Desunida” destaca-se de forma significativa pelos/as participantes ao apresentar o maior número de unidades de registos (UR=7) e o maior número de unidades contagens (UC=13).

A categoria 2 - “Relacionamentos” refere-se aos diferentes tipos de interações emocionais, sociais, funcionais ou não, que conectam os membros no seio familiar. Estas interações podem manifestar-se de diversas formas, desde relações fortes e positivas a vínculos frágeis ou ausentes. Neste sentido, as “Boas relações” assumem relevância, apresentando (UR= 18) e (UC=22). Contudo, as subcategorias “Más relações” (UR=10; UC=10) e “Ausência de relações” (UR=10; UC=11) também adquirem um papel importante.

A categoria 3 - “Características e dificuldades dos elementos da família”, faz referência a um conjunto de fatores e características que configuram os membros da família dos/as participantes. Conclui-se que, das respostas dos/as participantes, se destaca a subcategoria secundária “Ausência da figura paterna” (integrada na subcategoria “Ausência de figuras de referência”) ao apresentar o maior número de verbalizações de participantes (UR=8; UC=9). Seguidos destes, estão os “Maus-tratos físicos” de figuras

de referência (integrado na subcategoria “Maus-tratos por figuras de referência”) (UR=6) e (UC=7). Importa salientar a presença de “Familiares desempregados” (UR=1; UC=2), “Problemas financeiros dos membros da família” (UR=2; UC=2) e “Comportamento aditivos na família” como “Álcool” (UR=3; UC=3), “Drogas” (UR=1; UC=3) e “Tabaco” (UR=2; UC=2).

A categoria 4 - “Sentimentos negativos associados às figuras de referência” refere-se a sentimentos negativos resultantes das vivências negativas com as figuras parentais, em relação às quais os/as participantes não sentem afeto e, face às quais, se percebem de forma desintegrada no contexto familiar. Os resultados mostram-se muito semelhantes no que respeita às subcategorias “Sentimento de exclusão (figura paterna)” (UR=2; UC=2) e “Inexistência de afeto pelas figuras parentais” (UR=3; UC=4).

Tema 4 – Objetivo 3: Identificar a percepção dos/as participantes sobre o seu contexto familiar

“Identificar a percepção dos/as participantes sobre o seu contexto familiar” refere-se à identificação da percepção dos/as participantes acerca das características do funcionamento do contexto familiar. Das verbalizações dos/as participantes emergiram 8 categorias principais: (1) “Apoio Parental”; (2) “Cuidado Parental”; (3) “Empatia”; (4) “Proteção e segurança”; (5) “Convivência familiar”; (6) “Comunicação”; (7) “Reação ao comportamento do/a adolescente”; (8) “Negligência das figuras parentais”. As categorias elaboradas e respetivas subcategorias, resultantes da análise das respostas dos/as participantes, encontram-se apresentadas na Tabela 4.

Tabela 4

Tema 4 – Objetivo 3: Identificar a percepção dos/as participantes sobre o seu contexto familiar

Categorias	Subcategorias
Apoio Parental	Existência de apoio Falta de apoio
Cuidado Parental	Cuidado não especificado Cuidados básicos Preocupação com o estado de saúde física e/ou psicológica dos/as adolescentes

Categorias	Subcategorias
Empatia	Existência de empatia Falta de empatia
Proteção e segurança	Existência de proteção e segurança Falta de proteção e segurança
Convivência familiar	Existência de momentos em família Sentimentos associados aos momentos em família Inconstância no comportamento do pai/madrasta/padrasto dentro versus fora de casa Falta de momentos em família Sentimentos associados à falta de momentos em família
Comunicação	Comunicação funcional Comunicação disfuncional
Reação ao mau comportamento do/a adolescente	Advertência Repreensão Maus-tratos Físicos/Punição física Maus-tratos Psicológicos Retirada de privilégios Castigo não especificado Diálogo
Negligência das figuras parentais	Desvalorização e/ou desconhecimento do estado de saúde física e/ou psicológica do/a adolescente Falta de satisfação de necessidades básicas Outros indivíduos que assumem as responsabilidades parentais (irmão ou próprio/a adolescente)

Categorias	Subcategorias
	Outros sujeitos que representam a figura paterna
	Falta de monitorização do comportamento do/a adolescente

Nota. Consultar nota da tabela 2 para esclarecimentos relativos a informações adicionais.

A categoria 1 - “Apoio Parental” refere-se à existência ou à falta de apoio emocional e de elementos que caracterizam a escuta, aconselhamento e ajuda necessária à gestão das adversidades, no contexto familiar e/ou por outros membros da família. No âmbito desta categoria, a subcategoria “Existência de apoio” destaca-se de forma significativa com a sua subcategoria secundária “Apoio emocional”, tendo sido, esta última, mencionada por mais de metade dos/as participantes (UR=25; UC=88). Importa referir que a subcategoria “Falta de apoio” inclui 13 verbalizações dos/as participantes (UC=23).

A categoria 2 - “Cuidado Parental” diz respeito às responsabilidades parentais assumidas por determinados familiares, integrando não apenas cuidados prestados (não especificados ou reativos a necessidades imediatas como doença), mas também a preocupação relativamente ao estado de saúde física e/ou psicológica dos/as adolescentes. Esta categoria, integra as subcategorias “Cuidados básicos” (UR=27; UC=54) e “Preocupação com o estado de saúde física e/ou psicológica dos/as adolescentes” (UR=23; UC=41) ambas claramente mais referidas pelos/as participantes, em comparação com a subcategoria “Cuidado não especificado” (UR=4; UC=4).

A categoria 3 - “Empatia” diz respeito à presença ou à falta de capacidade de compreender os sentimentos dos/as participantes por parte de um ou mais membros do seio familiar. De forma geral, destaca-se, nesta categoria, a subcategoria “Falta de empatia” que integra (UR= 6) e (UC=8), em comparação com a subcategoria “Existência de empatia”, (UR=2; UC=3).

A categoria 4 - “Proteção e segurança” faz referência à perceção dos/as participantes quanto à existência ou não de proteção e de sentimento de segurança proporcionado por um ou mais membros da família. Nesta categoria, destacaram-se as subcategorias secundárias “Por parte da figura materna” (integrada na subcategoria “Existência de proteção e segurança”) e “Contexto familiar” (integrada na subcategoria “Falta de proteção e segurança”). Ambas foram as mais referidas pelos/as participantes

(UR=3), sendo que a primeira subcategoria secundária teve UC=3, enquanto a segunda teve UC=4.

A categoria 5 - “Convivência familiar” refere-se à presença ou à falta de momentos partilhados com toda a família, ou com alguns dos seus membros. Além disso, inclui percepções dos/as participantes sobre estes momentos e às alterações comportamentais dentro e fora do lar, manifestando ainda sentimentos positivos ou negativos, conforme as experiências individuais. A subcategoria “Existência de momentos em família” destaca-se significativamente ao representar (UR=29) e (UC=41). Importa salientar que a subcategoria secundária “Sentimentos positivos” (integrada na subcategoria “Sentimentos associados aos momentos em família”) também assume relevância ao ser mencionada por mais de metade dos/as participantes (UR=18; UC=25).

A categoria 6 - “Comunicação” refere-se aos estilos de comunicação (funcionais ou disfuncionais) dentro do contexto familiar. Curiosamente, os/as participantes destacaram, de forma significativa e em igual medida, duas subcategorias secundárias com estilos de comunicação completamente dispares: a “Comunicação Serena” (integrada na subcategoria “Comunicação funcional) e a “Dificuldade de comunicação” (integrada na subcategoria “Comunicação disfuncional”). Ambas as subcategorias secundárias contêm o mesmo número de verbalizações (UR=16), sendo que “Comunicação Serena” inclui UC=17 e a “Dificuldade de comunicação” apresenta UC=12. Verificou-se que a subcategoria “Comunicação disfuncional” se destacou de forma mais frequente, tendo sido também referida a comunicação “Agressiva” com UR=14 e UC=20.

A categoria 7 - “Reação ao comportamento do/a adolescente” refere-se à forma como um ou mais membros do seio familiar respondem às ações em geral dos/as participantes ou a comportamentos negativos destes/as. Observou-se, nesta categoria, que os/as participantes destacaram significativamente a subcategoria “Maus-tratos Físicos/Punição física”, (UR=18; UC=33).

A categoria 8 - “Negligência das figuras parentais”, e atendendo à sua extensão e precisão, a mesma encontra-se descrita de forma detalhada no Anexo D - Descrição dos resultados qualitativos. De forma geral, esta categoria refere-se à incapacidade de cuidadores/as ou de outros familiares em identificar e valorizar a saúde física e/ou psicológica dos/as adolescentes, assegurar condições básicas de sobrevivência e monitorizar comportamentos considerados inadequados. Inclui ainda figuras paternas e/ou maternas que não cumprem os seus deveres parentais, assim como outro familiar ou

o/a própria/a adolescente que assume essas responsabilidades. Verifica-se, nesta categoria, que a subcategoria “Desvalorização e/ou desconhecimento do estado de saúde física e/ou psicológica do/a adolescente” assume maior relevância, (UR= 8) e (UC=10). Importa referir que a subcategoria “Outros indivíduos que assumem as responsabilidades parentais (irmão ou próprio/a adolescente)” acresce relevância com esta categoria (UR=3) e (UC=6).

4.2. Resultados quantitativos

Nesta secção, serão expostos os resultados quantitativos referentes aos seguintes objetivos: (1) Descrever a percepção da violência familiar dos/as participantes; (2) Descrever as competências socioemocionais dos/as participantes em função do género e da idade; (3) Verificar se existem diferenças significativas nas competências socioemocionais dos/as participantes em função do tipo de violência a que foram expostos/as, do género e da idade; (4) Analisar o efeito da exposição à violência (expostos/as versus não expostos/as) nas dimensões das competências socioemocionais. Assim sendo, a apresentação dos resultados obtidos seguirá a mesma ordem pela qual os objetivos foram inicialmente apresentados.

Objetivo 4 – Descrever a percepção da violência familiar dos/as participantes

O objetivo 4 pretende descrever a violência familiar, com base na percepção e na experiência de vida dos/as participantes. Para esse efeito, este objetivo estrutura-se em três etapas.

Numa primeira fase, procede-se à descrição da percepção dos/as participantes acerca do conceito de violência em termos gerais. De seguida, apresentam-se os resultados relativos à compreensão do conceito de violência familiar por parte destes/as. Por último, são expostos os resultados referentes à identificação dos diferentes tipos de violência (física, psicológica, física e psicológica, não presenciou/ não respondeu) vivenciados pelos/as participantes no contexto familiar prévio à sua institucionalização.

Percepção dos/as participantes sobre o que entendem por violência em geral

A Tabela 5 apresenta os resultados obtidos sobre o que os/as participantes entendem por violência em termos gerais.

Tabela 5

Distribuição da percepção de violência pelos/as participantes

Percepção de violência segundo os/as participantes	<i>n</i>	%
Agressão física	6	17.6

Percepção de violência segundo os/as participantes	<i>n</i>	%
Agressão física e verbal	25	73.5
Agressão física e psicológica	1	2.9
Agressão física, verbal e psicológica	2	5.9

Nota. *n* = tamanho da amostra; % = percentagem.

Pode-se observar que a percepção de violência segundo os/as participantes baseia-se, sobretudo, na agressão física e verbal 73.5% (*n*=25). Enquanto 17.6% dos/as participantes (*n*=6) percebem violência como uma agressão apenas física. Apenas 5.9% dos/as participantes conseguiu perceber violência como um ato de agressão física, verbal e psicológica. Por outro lado, 2.9% participantes (*n*=1) veem a violência como uma agressão física e psicológica.

Percepção de violência familiar segundo os/as participantes

A Tabela 6 apresenta os resultados obtidos na distribuição da percepção de violência familiar de acordo com a perspectiva de cada participante.

Tabela 6

Distribuição da percepção de violência familiar segundo os/as participantes

Percepção de violência familiar segundo os/as participantes	<i>n</i>	%
Agressão entre familiares	21	61.8
Agressão entre parceiros	3	8.8
Agressão de pais para filhos/as	4	11.8
Agressão entre pais e filhos/as	1	2.9
Agressão do pai para com a mãe	1	2.9
Não sabe	4	11.8

Nota. *n* = tamanho da amostra; % = percentagem.

Verifica-se que a percepção de violência familiar mais frequentemente reportada pelos/as participantes corresponde à agressão entre familiares, com 61.8% (*n*=21). Segue-se a agressão de pais para filhos/as e participantes que não conseguem identificar o conceito de violência familiar, ambos com 11.8% (*n*=6). Por outro lado, a agressão entre parceiros foi reportada apenas por 8.8% dos/as participantes (*n*=3). Enquanto a agressão entre pais e filhos/as e agressão do pai para com a mãe correspondem apenas a 2.9% dos/as participantes (*n*=1).

Tipos de violência familiar presenciados pelos/as participantes

A Tabela 7 apresenta os resultados obtidos na distribuição dos tipos de violência familiar vivenciados pelos/as adolescentes no contexto familiar.

Tabela 7

Distribuição dos tipos de violência familiar presenciados pelos/as participantes

Tipos de violência	<i>n</i>	%
Física	2	5.9
Psicológica	6	17.6
Física e psicológica	15	44.1
Não presenciou / não respondeu	11	32.4

Nota. *n* = tamanho da amostra; % = percentagem.

Verifica-se que a forma de violência mais frequentemente presenciada no contexto doméstico, segundo os/as participantes, corresponde à violência física e psicológica com 44.1% (*n*=15), seguindo-se “não presenciou violência/ não respondeu”, com 32.4% (*n*=11). Por outro lado, a violência psicológica foi reportada por 17.6% dos/as participantes (*n*=6), enquanto a violência física apresenta a menor frequência, correspondendo a 5.9% (*n*=2).

Objetivo 5 - Descrever as competências socioemocionais dos/as participantes em função do género e da idade

No âmbito do Objetivo 5, procedeu-se à análise descritiva das dimensões das competências socioemocionais (intrapessoal, interpessoal, gestão de *stress*, adaptabilidade, humor geral e impressão positiva) dos/as participantes, tendo em consideração as variáveis género e idade.

Para melhor descrever as competências socioemocionais entre os grupos, a apresentação dos resultados foi organizada em duas etapas. Numa primeira fase, analisaram-se as dimensões das competências socioemocionais em função do género (masculino e feminino). Numa segunda fase, procedeu-se à análise das mesmas em função da idade, considerando dois grupos etários: participantes com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos e participantes entre os 16 e os 19 anos.

Descrição das competências socioemocionais dos/as participantes em função do género

A Tabela 8 apresenta as médias e desvios padrão das diferentes dimensões das competências socioemocionais, onde se considera a variável género masculino e género feminino.

Tabela 8

Dimensões das competências socioemocionais em função do género (masculino e feminino)

Dimensões	Género masculino (n=22)		Género feminino (n=12)	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Intrapessoal	14.00	3.41	14.17	4.28
Interpessoal	37.86	5.16	37.42	4.70
Gestão de <i>Stress</i>	32.64	5.17	30.67	2.71
Adaptabilidade	29.14	4.24	25.17	5.04
Humor Geral	44.27	7.01	37.17	6.49
Impressão Positiva	16.41	3.36	14.83	2.73

Nota. *n* = tamanho da amostra; *M* = média; *DP* = desvio-padrão.

Pode-se observar que a amostra é composta, maioritariamente, por participantes do género masculino (*n*=22), comparativamente ao género feminino (*n*=12).

De um modo geral, observa-se que os participantes do género masculino apresentam médias superiores em várias dimensões das competências socioemocionais, nomeadamente na gestão de *stress* (*M*=32.64; *DP* =5.17), na adaptabilidade (*M* = 29.14; *DP* = 4.24) e no humor geral (*M* = 44.27; *DP* = 7.01).

Adicionalmente, na tabela 20 apresentada em anexo (Anexo E – Tabelas complementares à análise quantitativa do objetivo 5), procedeu-se à análise comparativa das dimensões das competências socioemocionais em função do género.

Verifica-se uma diferença mais acentuada entre os grupos na dimensão humor geral, onde se observa uma discrepância mais expressiva entre as médias (género masculino: *M* = 44.27; género feminino: *M* = 37.17). Nesta dimensão, observam-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos (*t*=2.896; *p* = 0.007) com efeito de magnitude forte (*d* = 1.039), indicando uma média mais elevada para os participantes do género masculino.

Especificamente, a dimensão adaptabilidade apresenta igualmente uma diferença relevante nas médias (género masculino: $M = 29.14$; género feminino: $M = 25.17$), observando-se uma diferença estatisticamente significativa ($t = 2.443$; $p = 0.020$), sendo corroborada por um efeito de magnitude forte ($d = 0.877$).

Na dimensão gestão de *stress*, embora não se tenham verificado diferenças estatisticamente significativas ($t = 1.226$; $p = 0.229$), observa-se um efeito de magnitude próxima da moderada ($d = 0.440$).

Por sua vez, na dimensão impressão positiva, embora não se encontre uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos ($t = 1.391$; $p = 0.174$), verifica-se um efeito de magnitude próxima da moderada ($d = 0.499$).

Por fim, nas dimensões intrapessoal e interpessoal, as diferenças entre os géneros são reduzidas, com valores médios bastante próximos e efeitos de magnitude fraca ($d = -0.045$ e $d = 0.089$, respetivamente), sugerindo uma possível proximidade entre os grupos.

Descrição das competências socioemocionais dos/as participantes em função da idade

A Tabela 9 apresenta as médias e desvios padrão das diferentes dimensões das competências socioemocionais, onde se considera a variável idade. Os/as participantes estão organizados/as em dois grupos etários: (1) dos 12 aos 15 anos ($n = 14$); (2) e dos 16 aos 19 anos ($n = 20$).

Tabela 9

Dimensões das competências socioemocionais em função da idade (12-15 anos vs 16-19 anos)

Dimensões	12-15 anos ($n = 14$)		16-19 anos ($n = 20$)	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Intrapessoal	14.64	3.05	13.65	4.08
Interpessoal	38.36	4.36	37.25	5.36
Gestão de <i>Stress</i>	33.79	3.49	30.65	4.77
Adaptabilidade	28.00	4.67	27.55	5.09
Humor Geral	45.86	5.87	38.90	7.41
Impressão Positiva	17.00	2.48	15.05	3.46

Nota. Ver abreviaturas na Tabela 8.

Pode-se observar que o grupo etário entre os 12 e 15 anos é constituído por 14 participantes, enquanto os outros 20 pertencem ao grupo etário dos 16 aos 19 anos. Verifica-se que os/as participantes mais novos (12–15 anos) apresentam médias superiores em várias dimensões, nomeadamente na gestão de *stress* ($M=33.79$), no humor geral ($M=45.86$) e na impressão positiva ($M=17.00$), em comparação com o grupo etário mais velho (16-19 anos).

Adicionalmente, na Tabela 21, apresentada em anexo (Anexo E – Tabelas complementares à análise quantitativa do objetivo 5), procedeu-se à análise comparativa das dimensões das competências socioemocionais em função da idade.

Os resultados evidenciam diferenças estatisticamente significativas nas dimensões gestão de *stress* e humor geral, verificando-se médias superiores no grupo etário mais novo (12–15 anos).

Especificamente, na dimensão gestão de *stress*, observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($t = 2.094$; $p = .044$), com um efeito de magnitude moderada ($d = 0.730$), indicando uma média superior, desta competência, nos/as participantes mais novos/as.

Relativamente à dimensão humor geral, os resultados revelaram igualmente diferenças estatisticamente significativas ($t = 2.926$; $p = .006$), sendo identificado um efeito de magnitude forte ($d = 1.020$). Esta dimensão corresponde à discrepância mais acentuada entre os grupos etários, com os/as participantes dos 12–15 anos a apresentarem uma média superior ($M = 45.86$; $DP = 5.87$), comparativamente ao grupo dos 16–19 anos.

No que se refere à dimensão impressão positiva, apesar de não terem sido encontradas diferenças estatisticamente significativas ($t = 1.807$; $p = .080$), observou-se um efeito de magnitude moderada ($d = 0.630$).

Por outro lado, nas dimensões intrapessoal, interpessoal e adaptabilidade, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários ($p > .05$), sendo identificados efeitos de magnitude fraca. Estes resultados sugerem uma relativa proximidade entre os grupos nestas dimensões das competências socioemocionais.

Objetivo 6 - Verificar se existem diferenças significativas nas competências socioemocionais dos/as participantes em função do tipo de violência a que foram expostos/as, do género e da idade.

O objetivo 6 visa identificar se existem diferenças significativas nas dimensões das competências socioemocionais (intrapessoal, interpessoal, gestão de *stress*,

adaptabilidade, humor geral e impressão positiva), considerando o tipo de violência a que os/as participantes foram expostos no ambiente familiar, o seu género e idade.

Para assegurar maior rigor analítico, o objetivo organiza-se em duas etapas. A primeira etapa consiste em analisar diferenças nas competências socioemocionais dos/as participantes em função do tipo de violência e do género. A segunda etapa incide sobre a análise das diferenças nas competências socioemocionais dos/as participantes em função do tipo de violência e da idade.

Verificar se existem diferenças significativas nas competências socioemocionais dos/as participantes em função do tipo de violência a que foram expostos/as e do género

Conforme apresentado na Tabela 10, procedeu-se à análise do efeito do tipo de violência (violência física, psicológica, física e psicológica e situações em que não foi presenciada violência ou não houve uma resposta dos/as participantes) e do género (masculino e feminino) nas dimensões das competências socioemocionais, através do Modelo Linear Geral (GLM).

Tabela 10

Resultados do Modelo Linear Geral (GLM) para as dimensões das competências socioemocionais em função do tipo de violência e do género

Dimensões	Tipos de violência	Gênero masculino (n=22)		Gênero feminino (n=12)		F	p	ηp^2	Magnitude
		M	DP	M	DP				
Intrapessoal	Física	16.00	-	14.00	-	0.761	.526	.078	Moderada
	Psicológica	13.50	1.29	11.50	0.71				
	Física e psicológica	11.50	3.27	14.78	4.79				
	Não presenciou/ respondeu	15.36	3.50	-	-				
Interpessoal	Física	39.00	-	37.00	-	0.134	.939	.015	Frac
	Psicológica	35.50	4.44	37.50	3.54				
	Física e psicológica	38.17	7.22	37.44	5.36				
	Não presenciou/ respondeu	38.45	4.59	-	-				

Dimensões	Tipos de violência	Gênero masculino (n=22)		Gênero feminino (n=12)		<i>F</i>	<i>p</i>	ηp^2	Magnitude
		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>				
Gestão de Stress	Física	26.00	-	27.00	-	1.944	.146	.178	Forte
	Psicológica	30.75	6.19	28.50	4.95				
	Física e psicológica	32.00	6.75	31.56	1.81				
	Não presenciou/ respondeu	34.27	3.58	-	-				
Adaptabilidade	Física	31.00	-	20.00	-	1.035	.425	.209	Forte
	Psicológica	29.75	3.40	26.00	8.49				
	Física e psicológica	28.17	4.67	25.56	4.72				
	Não presenciou/ respondeu	29.27	4.71	-	-				
Humor Geral	Física	35.00	-	37.00	-	2.430	.052	.351	Forte
	Psicológica	43.50	5.51	35.00	2.83				
	Física e psicológica	40.83	10.11	37.67	7.45				
	Não presenciou/ respondeu	47.27	4.15	-	-				
Impressão Positiva	Física	15.00	-	12.00	-	1.765	.146	.152	Forte
	Psicológica	16.50	3.79	15.50	0.71				
	Física e psicológica	13.83	2.79	15.00	3.00				
	Não presenciou/ respondeu	17.91	2.98	-	-				

Nota. *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *F* = valor estatístico *F* obtido no Modelo Linear Geral; *p* = probabilidade de significância; ηp^2 = eta quadrado parcial. A magnitude do

efeito foi interpretada de acordo com Richardson (2011). $< .06$ = fraco; $.06 - .14$ = moderado; $> .14$ = forte.

De um modo geral, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas em nenhuma das dimensões analisadas, considerando o efeito conjunto do tipo de violência e do gênero ($p > .05$).

Especificamente, na dimensão intrapessoal, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas ($F = 0.761$; $p = .526$). Observou-se, contudo, um efeito de magnitude moderada ($\eta p^2 = .078$), com maior diferença de médias para a violência física e psicológica, onde o gênero masculino apresenta a média mais baixa ($M=11.50$; $DP=3.27$), em comparação com o gênero feminino ($M=14.78$; $DP=4.79$).

Relativamente à dimensão interpessoal, os resultados também não evidenciaram diferenças significativas ($F = 0.134$; $p = .939$). No entanto, verificou-se um efeito de magnitude fraca ($\eta p^2 = .015$), o que sugere possível proximidade entre os grupos.

No que se refere à gestão de *stress*, verificou-se uma ausência de significância estatística, ($F = 1.944$; $p = .146$). Contudo, observou-se um efeito de magnitude forte, ($\eta p^2 = .178$), com a média mais baixa no gênero masculino exposto à violência física ($M=26.00$).

De igual modo, na dimensão adaptabilidade, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas, ($F = 1.035$; $p = .425$). Por outro lado, identificou-se um efeito de magnitude forte ($\eta p^2 = .209$), verificando-se que o gênero feminino exposto à violência física apresentou a média mais baixa ($M=20.00$), em comparação ao gênero masculino exposto ao mesmo tipo de violência ($M=31.00$).

Na dimensão humor geral, os resultados não atingiram significância estatística, ($F = 2.430$; $p = .052$), ainda que se observe um efeito de magnitude forte ($\eta p^2 = .351$), com maior diferença de médias para a violência psicológica, onde o gênero feminino apresenta uma média mais baixa ($M=35.00$; $DP=2.83$), quando comparado com o gênero masculino exposto ao mesmo tipo de violência ($M=43.50$; $DP=5.51$).

Por fim, na dimensão impressão positiva, não foram encontradas diferenças significativas, ($F = 1.765$; $p = .146$). No entanto, apresentou-se um efeito de magnitude forte ($\eta p^2 = .152$), destacando-se uma média inferior no gênero feminino exposto à violência física ($M=12.00$), em comparação com o gênero masculino no mesmo tipo de violência ($M=15.00$).

Verificar se existem diferenças significativas nas competências socioemocionais dos/as participantes em função do tipo de violência a que foram expostos/as e a idade

A Tabela 11 apresenta a análise do efeito dos tipos de violência (violência física, psicológica, física e psicológica e situações em que não foi presenciada violência ou não houve uma resposta dos/as participantes) e a idade (12-15 anos e 16-19 anos) nas dimensões das competências socioemocionais, através do Modelo Linear Geral (GLM).

Tabela 11

Resultados do Modelo Linear Geral (GLM) para as dimensões das competências socioemocionais em função do tipo de violência e a idade

Dimensões	Tipos de violência	12–15 anos (<i>n</i> =14)		16–19 anos (<i>n</i> =20)		<i>F</i>	<i>p</i>	ηp^2	Magnitude
		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>				
Intrapessoal	Física	-	-	15.00	1.41	0.754	.529	.102	Moderada
	Psicológica	13.50	2.12	12.50	1.29				
	Física e psicológica	14.33	1.53	13.25	4.94				
	Não presenciou/ respondeu	15.00	3.67	17.00	2.83				
Interpessoal	Física	-	-	38.00	1.41	0.628	.603	.149	Forte
	Psicológica	36.00	1.41	36.25	4.99				
	Física e psicológica	42.00	3.00	36.67	6.08				
	Não presenciou/ respondeu	37.67	4.64	42.00	2.83				
Gestão de Stress	Física	-	-	26.50	0.71	3.479	.011	.436	Forte
	Psicológica	31.00	1.41	29.50	6.86				
	Física e psicológica	37.00	3.46	30.42	3.40				
	Não presenciou/ respondeu	33.33	3.24	38.50	0.71				
Adaptabilidade	Física	-	-	25.50	7.78	0.971	.421	.187	Forte
	Psicológica	25.00	7.07	30.25	3.59				

Dimensões	Tipos de violência	12–15 anos (n=14)		16–19 anos (n=20)		<i>F</i>	<i>p</i>	ηp^2	Magnitude
		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>				
Humor Geral	Física e psicológica	28.67	4.04	26.08	4.89				
	Não presenciou/ respondeu	28.44	4.75	33.00	2.83				
	Física	-	-	36.00	1.41	1.333	.283	.187	Forte
	Psicológica	41.00	11.31	40.50	4.73				
	Física e psicológica	44.00	6.56	37.67	8.57				
	Não presenciou/ respondeu	47.56	4.33	46.00	4.24				
Impressão Positiva	Física	-	-	13.50	2.12	2.231	.108	.281	Forte
	Psicológica	17.00	2.83	15.75	3.40				
	Física e psicológica	15.33	1.16	14.33	3.17				
	Não presenciou/ respondeu	17.56	2.70	19.50	4.95				

Nota. Ver abreviaturas na Tabela 10.

De um modo geral, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas na maioria das dimensões analisadas, considerando o efeito conjunto do tipo de violência e da idade ($p > .05$), com exceção da dimensão gestão de *stress*, onde foram observadas diferenças estatisticamente significativas.

Especificamente, na dimensão intrapessoal, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, ($F = 0.754$; $p = .529$). No entanto, identificou-se um efeito de magnitude moderada ($\eta p^2 = .102$), onde o grupo dos 16-19 anos exposto à violência psicológica apresenta a média mais baixa ($M=12.50$; $DP=1.29$).

Relativamente à dimensão interpessoal, também não se verificaram diferenças estatisticamente significativas, ($F = 0.628$; $p = .603$). Observou-se, contudo, um efeito de magnitude forte ($\eta p^2 = .149$), destacando a média baixa no grupo dos 12-15 anos exposto à violência psicológica ($M=36.00$; $DP=1.41$).

No que concerne à gestão de *stress*, foram identificadas diferenças estatisticamente significativas, ($F = 3.479$; $p = .011$), com um efeito de magnitude forte ($\eta p^2 = .436$), indicando que as diferenças, nesta dimensão, variam em função do tipo de violência e idade. Quanto às diferenças observadas, os/as adolescentes com idades entre os 16-19 anos que reportaram exposição à violência psicológica ($M=29.50$; $DP=6.86$) e à violência física e psicológica ($M=30.42$; $DP=3.40$) apresentaram uma média inferior, comparativamente aos/as adolescentes com idades entre os 12 e os 15 anos.

Na dimensão adaptabilidade, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas, ($F = 0.971$; $p = .421$). Por outro lado, observa-se um efeito de magnitude forte ($\eta p^2 = .187$), em que o grupo dos 12-15 anos exposto à violência psicológica apresentou a média mais baixa ($M=25.00$; $DP=7.07$).

Relativamente ao humor geral, os resultados não atingiram significância estatística, ($F = 1.333$; $p = .283$). Contudo, identificou-se um efeito de magnitude forte ($\eta p^2 = .187$), onde os/as participantes entre os 16-19 anos expostos/as à violência física e psicológica apresentaram uma média mais baixa ($M=37.57$; $DP=8.57$), em comparação com o grupo 12-15 anos ($M=44.00$; $DP=6.56$).

Por fim, na dimensão impressão positiva, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas, ($F = 2.231$; $p = .108$). Verificou-se, contudo, um efeito de magnitude forte ($\eta p^2 = .281$), sendo que uma média mais baixa foi observada nos/as participantes entre os 16-19 anos expostos/as à violência física e psicológica ($M=14.33$; $DP=3.17$), comparativamente aos/as adolescentes entre os 12-15 anos.

Objetivo 7 – Analisar o efeito da exposição à violência (expostos/as versus não expostos/as) nas dimensões das competências socioemocionais

O objetivo 7 pretende analisar o efeito da exposição à violência no ambiente familiar nas diferentes dimensões das competências socioemocionais, tendo em consideração a comparação entre dois grupos (expostos/as versus não expostos/as). Para obter a análise inferencial, recorreu-se ao teste t de Student, uma vez que a variável independente é categorial (exposição vs não exposição à violência), sendo mais adequado o recurso a testes de comparação de grupos. Assim sendo, a correlação de Pearson não foi utilizada, uma vez que esta técnica é apropriada para analisar a relação entre variáveis contínuas (Field, 2018).

Tal como representado na Tabela 12, procedeu-se à análise das diferenças nas dimensões das competências socioemocionais, em função da exposição à violência no ambiente familiar, considerando dois grupos distintos: (1) participantes expostos/as à

violência no ambiente familiar; (2) e participantes não expostos/as à violência no ambiente familiar.

Tabela 12

Teste comparativo nas dimensões das competências socioemocionais em função da exposição à violência (expostos vs não expostos)

Dimensões	Exposição à violência familiar	<i>n</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d</i>	Magnitude
Intrapessoal	Expostos/as	23	13.43	3.67	-1.455	.155	-0.53	Moderada
	Não expostos/as	11	15.36	3.50				
Interpessoal	Expostos/as	23	37.35	5.15	-0.606	.549	-0.22	Fraca
	Não expostos/as	11	38.45	4.59				
Gestão de <i>Stress</i>	Expostos/as	23	30.83	4.55	-2.202	.035	-0.81	Forte
	Não expostos/as	11	34.27	3.58				
Adaptabilidade	Expostos/as	23	27.00	4.85	-1.289	.207	-0.47	Próxima da moderada
	Não expostos/as	11	29.27	4.71				
Humor Geral	Expostos/as	23	39.13	7.46	-4.081	.001	-1.23	Forte
	Não expostos/as	11	47.27	4.15				
Impressão Positiva	Expostos/as	23	14.87	2.87	-2.857	.007	-1.05	Forte
	Não expostos/as	11	17.91	2.98				

Nota. *n* = tamanho da amostra; *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *t* = valor T-Student; *p* = probabilidade de significância. A magnitude do efeito foi interpretada segundo Cohen (1988). 0.2 = fraco; 0.5 = moderado; > 0.8 = forte.

Os resultados indicam que existem diferenças estatisticamente significativas em algumas dimensões, nomeadamente na gestão de *stress*, humor geral e impressão positiva, evidenciando o impacto da exposição à violência nestes domínios.

Especificamente, na dimensão intrapessoal, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, ($t = -1.455$; $p = .155$). No entanto, é

possível observar um efeito de magnitude moderada ($d = -0.53$), e uma média baixa nos/as participantes expostos/as à violência familiar ($M=13.43$; $DP=3.67$).

Relativamente à dimensão interpessoal, também não se verificaram diferenças significativas, ($t = -0.606$; $p = .549$), com um efeito de magnitude fraca ($d = -0.22$), sugerindo uma possível proximidade entre os grupos.

No que se refere à gestão de *stress*, foram identificadas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, ($t = -2.202$; $p = .035$), com um efeito de magnitude forte ($d = -0.81$). Verificou-se uma média inferior desta competência nos/as participantes expostos/as à violência ($M=30.83$; $DP=4.55$).

Na dimensão adaptabilidade, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($t = -1.289$; $p = .207$). Contudo, é possível observar-se um efeito de magnitude próxima da moderada ($d = -0.47$) e uma média inferior nos/as participantes expostos/as à violência familiar, ($M=27.00$; $DP=4.85$).

Por sua vez, na dimensão humor geral, observaram-se diferenças estatisticamente significativas, ($t = -4.081$; $p = .001$), com um efeito de magnitude forte ($d = -1.23$), evidenciando uma média mais baixa nos/as participantes expostos/as à violência ($M=39.13$; $DP=7.46$).

Por fim, na dimensão impressão positiva, foram igualmente encontradas diferenças estatisticamente significativas, ($t = -2.857$; $p = .007$), com um efeito de magnitude forte ($d = -1.05$), evidenciando-se uma média mais baixa nos/as participantes expostos/as à violência ($M=14.87$; $DP=2.87$).

5. Discussão

Face aos resultados quantitativos e qualitativos obtidos no estudo, importa analisar se os mesmos vão de acordo, ou não, com a evidência empírica e outras perspetivas teóricas existentes. Assim, nesta secção, proceder-se-á à sua discussão considerando a literatura existente.

De modo a analisar minuciosamente os resultados obtidos, a discussão seguirá a mesma ordem pela qual foram apresentados os resultados. Num primeiro momento, a discussão centrar-se-á apenas nos resultados qualitativos do estudo (relativamente aos objetivos 1, 2 e 3 do Tema 4). De seguida, serão discutidos os resultados quantitativos (objetivo 4, 5, 6 e 7), tendo presente os resultados qualitativos em aspetos relevantes para tal. Posteriormente, será apresentada a conclusão geral do estudo, as suas contribuições práticas, as limitações e, conseqüentemente, as propostas para estudos futuros.

Assim sendo, inicia-se a discussão dos resultados qualitativos relativos aos objetivos 1, 2 e 3 referentes ao Tema 4. Para cada objetivo, são apresentadas as categorias mais relevantes, ilustradas com excertos das entrevistas. Alguns desses excertos foram sintetizados para efeitos de apresentação, encontrando-se as versões integrais no Anexo D – Descrição dos resultados qualitativos.

Tema 4 – Objetivo 1: Identificar o conceito de família

Para explorar adequadamente o ambiente familiar dos/as participantes, é fundamental compreender o seu conceito de família, de modo a obter uma visão mais aprofundada das dinâmicas familiares analisadas a posteriori.

Neste sentido, os/as participantes do presente estudo entendem família como um sítio de “Apoio Parental” (categoria 1) percecionado como prestação de “Apoio emocional” e “Ajuda perante dificuldades/problemas”.

Nota-se que o “Apoio emocional” ganhou maior relevância nos relatos (UR= 20; UC=47), sendo usado para demonstrar manifestações de afeto físico e verbal (e.g., O-M-13: “... *partilham carinho, dão beijos, abraços...*”), auxiliando na gestão das emoções e na superação de adversidades. Tal resultado converge com o estudo de Antoni e Koller (2000), no qual algumas adolescentes institucionalizadas vítimas de violência identificaram igualmente a família como uma referência de apoio emocional perante situações de *stress*. De igual modo, crianças e adolescentes em acolhimento tendem a associar família a emoções positivas e relações caracterizadas por apoio (Ie et al., 2022).

Destacou-se também a categoria 2 - “Proteção e prestação de cuidados” (UR=9; UC=11), que atribuí à família funções relacionadas com a articulação entre proteção emocional e física (e.g., H-F-18: “*Família é um porto seguro, se tudo der errado, a família está lá para te fazer sorrir.*”). Esta atribuição pode ser compreendida à luz da teoria de vinculação, segundo a qual a vinculação corresponde à tendência do indivíduo para procurar proximidade junto de figuras significativas, correspondendo a uma necessidade de proteção, sobretudo quando existe sofrimento (Dalbem & Dell'Aglio, 2005; Pinquart, 2023).

Na categoria 3 - “União”, verifica-se que os/as participantes entendem família como um conjunto de elementos consanguíneos e/ou não consanguíneos, onde se destaca a “Predominância do vínculo afetivo” (UR= 14; UC=20), em detrimento dos laços estritamente biológicos (e.g., G-M-12: “*A família não é só ligada pelo sangue, ultrapassa isso, pois também inclui amizade e amor.*”). Tal resultado converge com os estudos de Antoni e Koller (2000) e de Vieira e Coutinho (2019), os quais demonstraram que o

conceito de família, segundo adolescentes institucionalizados/as, assentou sobretudo na qualidade das relações afetivas e não exclusivamente na consanguinidade. Por outro lado, emergiu na mesma categoria de “União”, uma subcategoria de “Desunião” (UR=1; UC=3), tendo por base a própria estrutura familiar da adolescente, caracterizada pela separação dos familiares e a ausência de coesão no seu núcleo familiar (e.g., N-F-17: “... *a minha família está separada, portanto eu construiria a família de forma separada, em que os familiares estão todos separados e cada um no seu canto.*”). Tal resultado é consistente com Olson (2000), que associou baixos níveis de coesão familiar a reduzida proximidade relacional. Embora residual, esta subcategoria de desunião evidencia a heterogeneidade da percepção de união familiar segundo os/as participantes, corroborando com a literatura que aponta para a diversidade de trajetórias desenvolvimentais e variabilidade individual na resposta às experiências adversas (Masten, 2021; McLaughlin et al., 2019).

A família é também percebida como um “Ambiente favorável ao bem-estar” (categoria 4), atribuindo-lhe segurança emocional e aspetos positivos, onde se evidencia, particularmente, a “Confiança e disponibilidade” (UR=9; UC=15) associada à presença consistente e constante dos familiares (e.g., A-F-17: “... *é quem nunca nos deixa sozinhos.*”). Estes resultados encontram suporte na literatura, que refere que relações consistentes e disponibilidade emocional de figuras significativas, podem promover sentimentos de estabilidade e segurança (Brandão & Simão, 2024; Siqueira et al., 2009).

De forma geral, os resultados sugerem, a partir da maioria dos/as participantes, um conjunto de dimensões que parecem configurar uma representação global de família centrada em quatro eixos interdependentes: apoio emocional, proteção, confiança e predominância afetiva. Esta representação converge com a evidência de crianças e adolescentes em acolhimento que tendem a associar família ao cuidado, segurança e suporte emocional (Ie et al., 2022). Importa, contudo, considerar que esta representação pode referir uma tendência para a idealização de família por parte dos/as participantes, enquanto possível mecanismo de proteção psicológica face à exposição a contextos de risco (Antoni & Koller, 2000; Bonfatti et al., 2023; Vieira & Coutinho, 2019). Este conceito predominantemente positivo sobre família poderá ser compreendido à luz de uma perspetiva integrada do desenvolvimento humano, segundo o qual o desenvolvimento resulta da interação dinâmica entre os múltiplos contextos em que o sujeito se insere (Bronfenbrenner & Morris, 2006; Cantor et al., 2019; Masten, 2021). Neste sentido, a representação de família não parece decorrer exclusivamente da

influência das experiências familiares diretas, mas também da vivência institucional subsequente, que pode ter funcionado como contexto promotor de reorganização adaptativa e processos de resiliência (Greeson et al., 2015; Ijzendoorn et al., 2020; Masten, 2021).

Tema 4 – Objetivo 2: Identificar a percepção dos/as participantes sobre a sua família

Numa segunda fase, analisou-se a percepção dos/as adolescentes relativamente à sua própria família. Desta análise, emergiu a categoria 1 - “União” que refere a presença ou ausência de vínculos afetivos ou biológicos entre os familiares. Nesta categoria, predominou a subcategoria “Desunida” (UR=7; UC=13), descrita pela fragilidade dos vínculos afetivos, o que conduz à reduzida coesão familiar (e.g., N-F-17: *“É muito desunida, cada um fala mal nas costas uns dos outros, tentam-se lixar-se uns aos outros... Também não sinto que haja uma ligação afetiva nem apoio entre todos... há uma desunião.”*). Estes resultados encontram-se em consonância com a literatura que associa baixos níveis de coesão familiar à violência familiar e fragilidade relacional (Olson, 2000; Paixão et al., 2018).

A categoria 2 - “Relacionamentos” faz referência a boas relações e a vínculos frágeis ou ausentes entre os elementos que compõem a família dos/as adolescentes. Neste sentido, evidenciam-se “Boas relações” (UR= 18; UC=22) caracterizadas pela ligação afetiva com determinados familiares (e.g., I-F-16: *“Eu e o meu padrasto sempre estabelecemos uma boa relação. Este nunca teve comportamentos agressivos nem me insultava. Comigo ele era muito amoroso e carinhoso.”*). Se considerarmos os contextos adversos destes/as adolescentes, este resultado pode ser observado à luz da teoria de vinculação, segundo a qual crianças tendem a recorrer a uma figura significativa como fonte de refúgio quando expostas a situações de sofrimento (Pinquart, 2023). Ao longo da adolescência, o sistema de vinculação torna-se progressivamente mais complexo, passando a integrar múltiplas figuras de vinculação (Umemura et al., 2021). Esta evolução poderá explicar a possibilidade de boas relações com determinados familiares ou elementos da família, servindo como eventual proteção perante as adversidades familiares.

Por outro lado, nesta mesma categoria 2 - “Relacionamentos”, assume relevância a presença de relações frágeis ou ausentes identificadas por participantes em relação a certos familiares. Deste modo, evidenciam-se “más relações” (UR=10; UC=10), devido a conflitos, relações distantes ou hostilidades (e.g., F-F-15: *“Eu discutia imenso com a minha mãe, nós não nos entendemos bem.”*), bem como a “Ausência de relações”

(UR=10; UC=11), atribuída à rutura de vínculos afetivos, afastamento relacional ou experiências familiares adversas (e.g., F-F-15: “... *não mantenho contacto nem tenho laços com a minha mãe.*”). Considerando que a maioria dos/as participantes revelaram viver violência familiar, então estes resultados são consistentes com a literatura que evidencia o impacto negativo da experiência de violência no vínculo entre criança e adolescentes e os seus cuidadores/as, contribuindo para perceções de indisponibilidade emocional das figuras parentais (Delgado, et al., 2022; Machisa, et al., 2025; Noonan & Pilkington, 2020; Paixão et al., 2018).

A categoria 3 - “Características e dificuldades dos elementos da família” reflete os fatores que configuram o ambiente familiar, onde se destaca particularmente a “Ausência da figura paterna” (UR=8; UC=9) (e.g., A-F-17: “*O meu pai não estava presente...*”). Tal ausência encontra-se em consonância com os dados sociodemográficos do presente estudo, nos quais predomina uma configuração familiar monoparental e/ou reconstituída. Da mesma forma os estudos com filhos/as de pais separados tendem a apresentar contacto reduzido com a figura paterna, verificando-se também a sua ausência em contextos de institucionalização (Siqueira et al. 2009; Tosi e Guetto, 2024). Além disso, as dificuldades no contexto familiar são reforçadas pela existência da subcategoria “Maus-tratos por figuras de referência”, onde se realçam os “Maus-tratos físicos” (UR=6; UC=7) caracterizados por agressões físicas intencionais dirigidas por familiares que, consequentemente, afetam as relações interpessoais nesse contexto (e.g., F-F-15: “*Desde os meus doze anos, a minha mãe agredia-me constantemente.*”). De igual modo, a literatura refere que o abuso físico é a forma mais visível de violência familiar (Whitten et al., 2024) e que experiências de abuso se associam a relações familiares mais negativas (Kong, et al., 2019)

Acresce a estas dificuldades, a presença de “Familiares desempregados” (UR=1; UC=2), “Problemas financeiros dos membros da família” (UR=2; UC=2) e “Comportamento aditivos na família” como “Álcool” (UR=3; UC=3), “Drogas” (UR=1; UC=3) e “Tabaco” (UR=2; UC=2). Considerando que a maioria dos/as adolescentes apresenta uma exposição à violência familiar, pode sugerir que esta é acompanhada por estes fatores de risco (e.g., instabilidade socioeconómica, consumo de substâncias dos/as cuidadores/as, etc), tal como evidencia a literatura (Evans et al., 2008; Evans et al., 2013; McLaughlin et al., 2019; McLaughlin et al., 2021).

De um modo geral, é possível verificar que há uma predominância de aspetos negativos associados à família destes/as adolescentes. Tais aspetos são reforçados pela

presença de desunião, dificuldades caracterizadas pela ausência paterna, maus-tratos físicos e fatores de risco (e.g., problemas financeiros e comportamentos aditivos), além de relações frágeis e ausentes. A literatura tem demonstrado que a acumulação a múltiplos fatores de risco familiares constitui um importante fator de vulnerabilidade para o desenvolvimento psicológico de crianças e adolescentes, encontrando-se frequentemente associada a contextos de violência familiar e outras experiências adversas (Evans et al., 2013; Machisa, et al., 2025; McLaughlin et al., 2019; Noonan & Pilkington, 2020; Paixão et al., 2018). Contudo, evidencia-se a presença de boas relações com determinados familiares, o que pode servir como possível fator protetor face às experiências violentas nos contextos familiares. Tal levanta a possibilidade de atenuar, em certa medida, os efeitos sobre o desenvolvimento destes/as adolescentes. À luz da teoria de vinculação crianças recorrem tendencialmente a uma figura significativa como refúgio perante sofrimento, (Pinquart, 2023), sendo que, na adolescência, esse aspeto abrange outras figuras, além dos pais (Umemura et al., 2021). Tal perspetiva poderá explicar a possibilidade da existirem boas relações com outras pessoas do meio familiar, além dos pais, servindo até como possível sensação de proteção face às adversidades familiares.

Tema 4 – Objetivo 3: Identificar a perceção dos/as participantes sobre o seu contexto familiar

Da análise das verbalizações dos/as participantes, destacou-se a categoria 1 - “Apoio Parental”, comportando duas subcategorias “Existência de apoio” e “Falta de apoio” emocional e de outros elementos caracterizados pela escuta, aconselhamento e ajuda. Nesta categoria, predomina a “Existência de apoio” com a subcategoria secundária “Apoio emocional” (UR=25; UC=88), a qual integra a presença de manifestações afetivas verbais e afetivas de contacto físico provenientes da família ou de um ou mais familiares (e.g., J-M-15: *“Sentia carinho vindo da minha mãe e ela também me dava abraços.”*). Tal apoio converge com o estudo de Siqueira et al. (2009), os quais indicaram que adolescentes institucionalizados tendem a perceber positivamente as figuras parentais enquanto elementos da sua rede de apoio. Por outro lado, poderá refletir, em certa medida, um viés de desejabilidade social, tão refletido em estudos qualitativos, onde os/as participantes podem tentar apresentar um contexto familiar socialmente aceitável (Júnior, 2022).

A subcategoria “Falta de apoio” (UR=13; UC=23) diz respeito à carência de apoio afetivo sentida pelos/as participantes em relação a determinados familiares e/ou a todo o contexto familiar em termos físicos e verbais (e.g., H-F-18: *“Todas as vezes que*

eu tentava desabafar com a minha mãe, ela sempre encontrava forma de me colocar mal ou de me culpar da situação, fazendo me sentir pior... ”). Considerando que a maioria dos/as adolescentes sofreu violência familiar, este resultado poderá indicar que a exposição à violência familiar está consistentemente associada a um menor suporte emocional parental, encontrando suporte com a literatura (Holt et., 2008; Machisa et al. 2025).

De seguida, ao nível do funcionamento familiar sobressaiu a categoria 2 - “Cuidado Parental”, referindo cuidados prestados não especificados ou relativos a necessidades imediatas (e.g., doença), ou preocupação em relação ao estado de saúde física e/ou psicológica dos/as adolescentes. Destacaram-se os “Cuidados básicos”, (UR=27; UC=54), prestados por alguns familiares, de forma a satisfazer as necessidades básicas dos/as adolescentes, sobretudo em situações de doença (e.g., P-F-14: “*(caso de doença) A minha mãe... ia sempre a comprar os remédios. Ela nunca me deixava faltar nada.*”). A “Preocupação com o estado de saúde física e/ou psicológica dos/as adolescentes” (UR=23; UC=41), expressa através de comportamentos de vigilância e interesse, não se restringindo apenas a contextos de doença (e.g., F-F-15: “*Quando estava triste sentia mais apoio vindo do meu padrasto... ia ter comigo, tentava perceber como é que eu estava e o que se passava comigo.*”). Tais resultados corroboram os estudos que verificaram que adolescentes expostos a adversidades tendem a valorizar relações caracterizadas por manifestações de cuidado (Ie et al., 2022; Siqueira et al., 2009; Vieira & Coutinho, 2019).

Os dados também apontaram para a importância da “Empatia” (categoria 3) no ambiente familiar, relacionando-a com a habilidade de compreender os sentimentos dos outros. Assim, destacou-se a “Falta de empatia” (UR=6; UC=8) por parte de figuras familiares e nas interações entre participantes e familiares (e.g., D-M-17: “*A minha mãe... não queria saber o que eu estava a sentir...*”). Tendo em consideração que a maioria dos/as participantes foram expostos/as à violência familiar, este resultado é consistente com a literatura, a qual indica que experiências de violência podem comprometer a regulação emocional dos/as cuidadores/as, levando a dificuldades ao nível da compreensão dos sentimentos dos/as outros/as (Fairchild et. al., 2026; Madigan et al., 2025).

Evidencia-se ainda a “Convivência familiar” (categoria 5), que se refere, sobretudo, à presença ou à falta de momentos com toda a família ou com determinados familiares, e a sentimentos positivos ou negativos associados, conforme as experiências

individuais. Na sequência disto, pode-se observar que se destaca significativamente a “Existência de momentos em família”, (UR=29; UC=41), ainda que os mesmos sejam experienciados de forma heterogênea e situacional. Estes momentos incluem desde interações quotidianas simples até episódios mais estruturados (e.g., G-M-15: *“Jantares e churrasco, quase todos os sábados nós íamos para o terreno do meu pai fazer churrasco e ir para a piscina.”*). Tais resultados estão em consonância com a literatura que evidencia a coexistência de interações positivas e contextos adversos (Antoni & Koller, 2000; Ie et al., 2022; Vieira & Coutinho, 2019). No âmbito dos “Sentimentos associados aos momentos em família”, verbalizaram-se, de forma relevante, “Sentimentos positivos” (UR=18; UC=25), como felicidade e maior proximidade com familiares, (e.g., D-M-12: *“Eu ficava muito feliz porque estávamos juntos e sentia que todas as pessoas estavam próximas umas das outras.”*). Da mesma forma Lauz e Borges (2013) referiram que crianças institucionalizadas têm lembranças positivas da família, associando-as a percepções favoráveis da mesma.

Relativamente à categoria “Comunicação” (categoria 6), os/as participantes identificaram, em igual proporção (UR=16), padrões comunicacionais distintos: (1) “Comunicação serena”, (UC=17), associada à “Comunicação funcional”, refletindo a utilização de um tom de voz tranquilo por parte de um ou mais familiares (e.g., I-F-16: *“... com o meu padrasto eu tinha maior facilidade para falar com ele, até porque ele era mais calmo e tranquilo na forma de falar...”*); (2) e a “Dificuldade de comunicação”, (UC=12), dentro da “Comunicação disfuncional”, que reflete a limitada comunicação com um ou mais familiares e ao constrangimento em se expressar (e.g., J-F-17: *“Eu não tinha comunicação nem com o meu pai nem com a minha madrasta, porque eu tinha medo... nem um lado nem o outro me compreendiam, então acabava por me calar.”*). No entanto, a “Comunicação disfuncional” adquire uma maior relevância, ao refletir-se sobre a comunicação “Agressiva”, (UR=14; UC=20), em que participantes afirmam ter presenciado conflitos e agressividade verbal por um ou mais familiares, (e.g., R-F-17: *“Se eu tivesse uma opinião diferente à da minha mãe, ela começava logo a gritar e a discutir comigo, até que começava a ameaçar-me.”*). Os resultados, relativos à comunicação disfuncional, são consistentes com a literatura, a qual associa problemas comunicacionais a uma menor abertura na comunicação e um nível significativo de conflitos familiares (Jiménez et al., 2019; Olson, 2000; Silva & Percicotte, 2024). Contudo, estes achados contrastam com o primeiro resultado, que remete para uma comunicação mais serena.

A “Reação ao comportamento do/a adolescente” (categoria 7), refere a forma como determinados familiares respondem às ações dos/as participantes, sobretudo, perante comportamentos negativos. Neste contexto, destacaram-se os “Maus-tratos físicos/punição física”, (UR=18; UC=33), evidenciando o uso da força física como estratégia de controlo perante comportamentos considerados inadequados (e.g., D-M-17: *“Quando me portei mal, a minha mãe partiu-me um pau na cabeça...”*). Esta ideia encontra-se em consonância com a literatura, que sugere que a punição física é considerada um maltrato físico e, em contextos familiares marcados por violência e práticas parentais coercivas, a punição física pode ser percebida como normativa do exercício da autoridade parental (Ferreira et al., 2023; Lansford et al., 2018; Magalhães et al., 2017).

Por último, “Negligência das figuras parentais” (categoria 8), que reporta a incapacidade dos/as cuidadores/as ou de outros familiares em identificar, assegurar e valorizar a saúde física e/ou psicológica dos/as adolescentes. Neste âmbito, destacou-se a “Desvalorização e/ou desconhecimento do estado de saúde física e/ou psicológica do/a adolescente”, (UR=8; UC=10), que resulta da ausência de acompanhamento adequado e da falta de confiança dos/as participantes para com os seus familiares (e.g., N-F-17: *“Eu curava-me sozinha e nunca ninguém chegava a saber que eu estava doente, porque não tinha confiança para tal”*). É de realçar a subcategoria “Outros indivíduos que assumem as responsabilidades parentais (irmão ou próprio/a adolescente)” (UR=3; UC=6), realça a importância desta categoria, ao destacar o afastamento das figuras parentais das suas responsabilidades parentais (e.g., F-F-15: *“Eu é que fui criando o meu irmão, eu é que o levava para a escola, eu é que lhe dava de comer...”*). Ambos os resultados encontram suporte na literatura, que associa o estilo negligente a baixos níveis de responsividade emocional e a fraca consistência na resposta às necessidades dos/as filhos/as (Mendes et al., 2024; Noonan & Pilkington, 2020).

Concluindo, os resultados sugerem que a perceção dos/as adolescentes sobre o contexto familiar é caracterizado por uma determinada ambivalência entre vivências negativas e positivas. Apesar desta ambivalência, as vivências negativas parecem assumir maior destaque e consistência ao longo da discussão, podendo sugerir uma possível interligação entre estas: a falta de empatia poderá contribuir para a falta de apoio emocional na estrutura familiar, refletindo, consequentemente, no predomínio de padrões comunicações disfuncionais e práticas parentais desajustadas (punição física e a negligência).

Ainda assim, é importante refletir sobre as vivências positivas marcadas pelo apoio emocional, cuidado parental e preservação de momentos positivos em contextos familiares marcados pela adversidade. Tal interpretação sugere que estas vivências poderão funcionar como fatores atenuantes ou estratégias adaptativas face às experiências adversas relatadas (Masten, 2021; Malti, 2020), sobretudo, quando estes/as adolescentes se encontram num novo contexto fora do ambiente familiar adverso (e.g., contexto institucional). Contudo, importa interpretar estes resultados com prudência, considerando a possibilidade da influência da desejabilidade social nas respostas dos/as participantes (Júnior, 2022).

Assim sendo, a discussão dos resultados prossegue abrangendo, agora, com os dados quantitativos mais importantes (enquadrados nos objetivos 4, 5, 6 e 7):

Objetivo 4 – Descrever a perceção da violência familiar dos/as participantes

Antes de explorar o impacto da violência, importa compreender o significado que os/as participantes atribuem à violência em geral e à violência familiar, bem como às experiências violentas presenciadas no contexto familiar.

Deste modo, o primeiro dado relevante prende-se com o facto da maioria dos/as participantes associar violência simultaneamente a agressão física e verbal (73.5%). Tal resultado é particularmente relevante, uma vez que sugere que os/as adolescentes não entendem violência apenas como um ato físico e visível, mas enquanto fenómeno multidimensional, ao integrar aspetos verbais. Tal interpretação é convergente com a literatura, uma vez que a violência é atualmente reconhecida de múltiplas formas, ultrapassando a perceção de agressão física ao incluir outras formas de violência como a verbal (Blom et al., 2023).

Posteriormente, os/as participantes identificam violência familiar como uma agressão entre familiares (61.8%), este conceito converge com a literatura, uma vez que a violência ocorre no contexto das relações familiares (Joyos et. al., 2022). No entanto, quando analisado de forma mais aprofundada, a violência revela-se como um fenómeno multidimensional e complexo, cuja abrangência não consegue ser captada pela maioria dos/as participantes (Blom et al., 2019).

No que respeita aos tipos de violência presenciados no contexto familiar, observa-se a predominância da violência física e psicológica (44.1%). Tal experiência é reforçada empiricamente, confirmando a coexistência de diferentes formas de violência no contexto familiar (Evans et al., 2008; Joyos et. al., 2022; McLaughlin et al., 2019). Além disso, no presente estudo os resultados apontam para a presença de violência

psicológica (17.6%) e de violência física (5.9%) separadas no contexto familiar. A interpretação destas formas de violência presenciadas pelos/as participantes podem ser aprofundadas qualitativamente quando se associam aspetos negativos sobre a família, nomeadamente desunião, fatores de risco (e.g., comportamentos aditivos) e fragilidade ou ausência de vínculos relacionais. Os diversos fatores de risco e outras experiências adversas encontram-se frequentemente associados a contextos de violência familiar (Evans et al., 2013; Machisa, et al., 2025; McLaughlin et al., 2019; Paixão et al., 2018). Esta compreensão articula-se, ainda, com as vivências negativas do contexto familiar dos/as participantes, marcados pelos maus-tratos físicos/punições físicas e negligência, atos frequentemente associados a outras expressões de violência familiar (Malta et al., 2019; Theodoro, 2025).

Importa salientar que 32.4% dos/as participantes revelaram que não presenciaram violência ou não quiseram responder a esta questão, tal resultado deve ser interpretado com prudência. Este poderá refletir não só a efetiva ausência da exposição à violência familiar, como também dificuldades em reconhecer ou verbalizar tais vivências (Smyth et al., 2024). Esta tendência poderá relacionar-se com a idealização da família evidenciada nos resultados qualitativos, expressa através do conceito predominantemente positivo de família, sugerindo possíveis mecanismos de minimização ou negação da violência familiar. Esta interpretação encontra suporte na literatura, que associa a necessidade de preservar uma imagem familiar socialmente valorizada, podendo favorecer a negação da realidade vivida e a minimização da violência nos relatos das vítimas (Cardoso et al., 2020; Smyth et al., 2024).

A análise destes resultados contribui para uma compreensão mais aprofundada das experiências de violência no contexto familiar dos/as participantes, constituindo um elemento relevante aquando da interpretação das suas possíveis repercussões ao nível das competências socioemocionais nos objetivos que se seguem. De igual modo, a eventual ausência destas experiências deverá ser considerada, dada a sua potencial influência no desenvolvimento dessas competências.

Objetivo 5 - Descrever as competências socioemocionais dos/as participantes em função do género e da idade

Na descrição das competências socioemocionais em função do género, os resultados evidenciam que o género masculino apresenta valores médios superiores em três dimensões das competências socioemocionais, nomeadamente na gestão de *stress* ($M=32.64$), na adaptabilidade ($M=29.14$) e no humor geral ($M=44.27$), comparativamente

ao género feminino. Nas dimensões de adaptabilidade ($t= 2.443$; $p=0.020$) e humor geral ($t=2.896$; $p = 0.007$) observaram-se diferenças estatisticamente significativas, acompanhadas de magnitudes de efeitos fortes ($d = 0.877$ e $d= 1.039$, respetivamente). Estes resultados parecem sugerir que os participantes do género masculino tendem a perceber-se como mais flexíveis cognitivamente e otimistas, em comparação com o género feminino. Os resultados obtidos encontram suporte na literatura, uma vez que os rapazes tendem a apresentar níveis superiores no humor geral e na adaptabilidade, comparativamente às raparigas (Candeias, 2025; Candeias et al., 2011; Tommasi et al., 2023). Tais diferenças poderão igualmente refletir as distintas formas de perceção e avaliação das competências socioemocionais, verificando-se nos rapazes uma maior tendência para sobrestimar as suas capacidades emocionais, contrariamente à maior consciência crítica evidenciada em raparigas (Candeias, 2025).

Relativamente à idade, os resultados evidenciam que os/as participantes mais novos/as (12-15 anos) apresentam valores médios superiores e diferenças estatisticamente significativas em duas dimensões das competências socioemocionais, nomeadamente na gestão de *stress* ($M=33.79$; $t = 2.094$; $p = .044$) e no humor geral ($M=45.86$; $t = 2.926$; $p = .006$). No entanto, a gestão de *stress* apresenta um efeito de magnitude moderada ($d = 0.730$), enquanto o humor geral é acompanhado de um efeito de magnitude forte ($d = 1.020$), reforçando a relevância prática das diferenças observadas entre os grupos etários. Estes resultados podem sugerir que os/as participantes mais novos/as tendem a perceber-se com maior capacidade de tolerar situações de *stress* e manter níveis mais elevados de motivação, envolvimento social e bem-estar global. Esta tendência poderá ser entendida à luz das especificidades do desenvolvimento emocional e cognitivo ao longo da adolescência, marcado por uma crescente complexificação do pensamento e por uma maior capacidade de reflexão sobre este seu funcionamento (Bailen, et al., 2019; Candeias, 2025).

Objetivo 6 - Verificar se existem diferenças significativas nas competências socioemocionais dos/as participantes em função do tipo de violência a que foram expostos/as, do género e da idade.

No que concerne à relação entre as competências socioemocionais, o tipo de violência e o género, os resultados não verificaram diferenças estatisticamente significativas nas competências socioemocionais em função do tipo de violência e do género. Esta análise sugere a falta de evidência estatística suficiente do efeito diferencial da violência nestas competências consoante o género. Estes resultados poderão

relacionar-se com a reduzida dimensão da amostra, potencialmente limitadora do poder estatístico das análises realizadas (Hussey, 2023).

Contudo, observam-se efeitos de magnitude forte na gestão de stress ($\eta p^2=.178$), na adaptabilidade ($\eta p^2=.209$), no humor geral ($\eta p^2=.351$) e na impressão positiva ($\eta p^2=.152$). Nas dimensões (adaptabilidade, humor geral e impressão positiva), destacaram-se médias inferiores no género feminino em contextos de violência física e violência psicológica separadamente. Estes resultados poderão sugerir uma possível tendência, por parte das raparigas, para se autoavaliarem como menos otimistas e terem uma perceção menos positiva de si próprias, em função da exposição à violência física e psicológica no contexto familiar. Esta possível tendência parece enquadrar parcialmente nos dados nacionais de vitimização no Relatório Anual da APAV (2025), que continua a evidenciar um predomínio da violência doméstica sobre vítimas do sexo feminino. Embora este relatório não permita avaliar diretamente as competências socioemocionais, poderá contribuir para contextualizar o facto de raparigas continuarem a ser as mais expostas à violência doméstica. Além disso, esta possível tendência poderá sugerir uma intensificação na perceção de maior autoconsciência crítica das raparigas face à avaliação das suas competências socioemocionais. Esta interpretação poderá contribuir para uma possível perceção menos positiva nas dimensões mencionadas, tal como evidenciado pela literatura (Candeias, 2025). Por outro lado, determinadas competências socioemocionais poderão assumir, em adolescentes do género masculino, possíveis estratégias de ajustamento psicológico e fatores protetores face à exposição à violência (Cimino & Cerniglia, 2023; Malti, 2020; Masten, 2021).

No que concerne a relação entre as competências socioemocionais, o tipo de violência e a idade, os resultados evidenciaram diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos (12 aos 15 anos e 16 aos 19 anos) na dimensão de gestão de stress ($F=3.479$; $p=.011$), com um efeito de magnitude forte ($\eta p^2=.436$). Os/as participantes do grupo (16 e os 19 anos) expostos/as à “violência psicológica” e à “violência física e psicológica” apresentaram médias inferiores nesta dimensão (gestão de stress) ($M=29.50$; $DP=6.86$ e $M=30.42$; $DP=3.40$, respetivamente), em comparação com os/as adolescentes pertencentes ao grupo (12 aos 15 anos). Este resultado corrobora integralmente a literatura que associa a exposição à violência a maiores dificuldades no ajustamento socioemocional, nomeadamente na regulação emocional (Calvete et al., 2023; McLaughlin et al., 2021; Morris et al., 2007). Neste sentido, os resultados sugerem que os/as adolescentes mais velhos/as poderão apresentar uma perceção mais crítica em lidar

com situações de *stress*, em consequência das características desenvolvimentais próprias da adolescência, marcadas por um aumento progressivo da complexidade reflexiva (Bailen, et al., 2019). Esta interpretação é parcialmente sustentada pelos resultados qualitativos do presente estudo, nos quais emergiram descrições críticas da família por parte dos participantes mais velhos (e.g., relações frágeis ou ausentes e maus-tratos físicos), acentuando vivências negativas no contexto familiar (e.g., maus-tratos físicos/punição físicas e predomínio da comunicação disfuncional).

Nas restantes dimensões, não se observaram diferenças estatisticamente significativas em função do tipo de violência e da idade, sugerindo, uma vez mais, o reduzido poder estatístico associado à pequena dimensão da amostra (Hussey, 2023). Contudo, verificaram-se efeitos de magnitude forte na dimensão interpessoal ($\eta p^2 = .149$), na adaptabilidade ($\eta p^2 = .187$), no humor geral ($\eta p^2 = .187$) e na impressão positiva ($\eta p^2 = .281$). Observa-se que, na dimensão “humor geral” e “impressão positiva”, os/as adolescentes mais velhos/as voltaram a apresentar médias inferiores, relevando-se particularmente expostos/as à violência física e psicológica.

Estes resultados sugerem um possível impacto deste tipo de violência no bem-estar de adolescentes mais velhos/as, especificamente no que concerne à diminuição da felicidade e da desejabilidade social percebidas. Esta evidência converge com o objetivo prévio sobre a progressão da capacidade reflexiva na adolescência, sugerindo que uma estrutura cognitiva mais amadurecida propicia uma compreensão mais profunda e elaborada dos efeitos da violência (Bailen, et al. 2019; Mayer et al., 2016; Steinberg, 2014).

Em síntese, os resultados evidenciam a ausência de diferenças estatisticamente significativas na maioria das dimensões das competências socioemocionais em função do tipo de violência presenciado, género e idade. Este aspeto pode estar relacionado com reduzida dimensão da amostra e a consequente limitação do poder estatístico das análises (Hussey, 2023). A gestão de *stress* foi a única dimensão a apresentar diferenças estatisticamente significativas em função da idade e do tipo de violência presenciado no contexto familiar.

Objetivo 7 – Analisar o efeito da exposição à violência (expostos/as versus não expostos/as) nas dimensões das competências socioemocionais

Os resultados evidenciaram diferenças estatisticamente significativas entre adolescentes expostos/as e não expostos/as à violência familiar em três dimensões das competências socioemocionais, nomeadamente na “gestão de *stress*” ($t = -2.202$; p

= .035), “humor geral” ($t = -4.081$; $p = .001$) e “impressão positiva” ($t = -2.857$; $p = .007$). Os/as participantes expostos/as à violência apresentaram médias inferiores nestas dimensões, acompanhadas por magnitudes de efeitos fortes. Tais resultados podem sugerir que, os/as adolescentes expostos/as à violência familiar, têm menor capacidade para tolerar o *stress*, menor predisposição para o otimismo, bem como uma percepção menos favorável de si próprios/as. Esta interpretação é consistente com a literatura, que associa diferentes formas de exposição à violência a prejuízos no ajustamento socioemocional, nomeadamente na regulação emocional, sintomas depressivos e crenças negativas de si próprios (Bonfatti et al. 2023; Calvete et al., 2023; Holt et al., 2008; Morris et al., 2007; McLaughlin et al., 2021).

Considerando que o número de adolescentes expostos/as à violência ($n=23$) corresponde aos/as participantes presentes nos dados qualitativos, as dimensões mais afetadas encontram igualmente suporte nestes resultados qualitativos. Desta forma, destacou-se a predominância de aspetos negativos associados à família destes/as adolescentes como a desunião, a fragilidade ou ausência de relações e dificuldades marcadas por maus-tratos físicos de membros da família e por fatores de risco (e.g., comportamentos aditivos). Também estes dados qualitativos evidenciaram um contexto familiar marcado por vivências negativas desde a falta de empatia e padrões de comunicações disfuncionais até às práticas parentais desajustadas. Tais adversidades poderão associar-se a dificuldades emocionais, comportamentais e relacionais, nomeadamente problemas de autorregulação emocional, sintomas internalizantes, dificuldades de ajustamento e bem-estar subjetivo (Evans et al., 2013; McLaughlin et al., 2019; McLaughlin et al., 2021; Humphreys et al., 2020).

Nas dimensões intrapessoal e adaptabilidade não se observaram diferenças estatisticamente significativas. Contudo, a análise dos efeitos de magnitude e dos valores médios mais baixos no grupo exposto à violência deve ser interpretada com prudência. Estes indicadores podem refletir tendências de diferenciação que não foram suficientemente robustas para alcançar a significância estatística (Hussey, 2023).

Relativamente à dimensão intrapessoal, observou-se um efeito moderado e uma média inferior nos/as participantes expostos/as à violência. Este valor pode sugerir apenas uma possível tendência para maiores dificuldades ao nível da autoconsciência, compreensão e expressão emocional nos/as adolescentes expostos/as à violência. Esta interpretação encontra algum suporte nos dados qualitativos, particularmente nas referências a experiências negativas associadas contexto familiar, nomeadamente a

negligência. De acordo com a literatura, ambientes familiares caracterizados por reduzida responsividade emocional e negligência podem comprometer o desenvolvimento da autoconsciência emocional e da capacidade de identificar os próprios estados emocionais (Humphreys et al., 2020; Malti, 2020; Masten, 2021; Morris et al., 2007). Contudo, esta interpretação não exclui a possibilidade de alguns/as adolescentes evidenciarem potenciais processos de reorganização adaptativa decorrentes da interação dinâmica com novos contextos de desenvolvimento (e.g., casa de acolhimento residencial) (Bronfenbrenner & Morris, 2006; Cantor et al., 2019; Ijzendoorn et al., 2020; Masten, 2021).

Também a dimensão “adaptabilidade” apresenta um efeito próximo da magnitude moderada, sugerindo um possível comprometimento parcial da flexibilidade cognitiva e da capacidade de resolução de problemas em adolescentes expostos/as à violência familiar. Este resultado sugere uma dualidade interpretativa, encontrando-se em conformidade com uma possível ambivalência observada sobre a família dos/as adolescentes nos dados qualitativos. Por um lado, as vivências negativas (e.g., predomínio de padrões comunicações disfuncionais e práticas parentais desajustadas), que comprometem processos centrais de adaptação psicológica (Bronfenbreener & Morris, 2006; Cantor et al., 2019; McLaughlin et al., 2021; Masten, 2021). Por outro lado, as vivências positivas (e.g., percepção de apoio emocional de alguns familiares). Desta forma, pode sugerir um possível desenvolvimento de estratégias adaptativas específicas em resposta às adversidades vividas, refletindo processos diferenciados de reorganização psicológica (Masten, 2021; Malti, 2020).

A dimensão “interpessoal”, por sua vez, associa-se apenas a um efeito de magnitude fraca e uma média mais baixa nos/as adolescentes expostos/as à violência ($M=37.35$; $DP=5.15$). Tal poderá sugerir uma possível proximidade entre os grupos, exigindo uma interpretação prudente e considerando diferentes possibilidades explicativas. Por um lado, o resultado poderá sugerir um possível comprometimento minoritário nesta dimensão, por dificuldades relacionais em adolescentes institucionalizados/as, independentemente da exposição à violência familiar, possivelmente em consequência de trajetórias marcadas por instabilidade relacional e rupturas afetivas (Ijzendoorn et al., 2020). Por outro lado, esta interpretação pode sugerir uma possível preservação, ainda que limitada, desta dimensão no grupo exposto à violência familiar, nomeadamente na manutenção de boas relações interpessoais. Esta interpretação poderá ser compreendida à luz de uma perspectiva desenvolvimental

integrada, segundo a qual o desenvolvimento resulta da interação dinâmica entre o indivíduo e os múltiplos contextos em que se insere (e.g., casas de acolhimento residencial) não se restringindo exclusivamente ao contexto familiar de origem (Bronfenbrenner & Morris, 2006; Cantor et al., 2019; Masten, 2021). Neste sentido, importa considerar que, no momento da investigação, os/as adolescentes encontravam-se institucionalizados/as, o que poderá ter proporcionado, em certa medida, processos de reorganização adaptativa, potenciando uma possível manutenção, ainda que limitada, nesta competência (Ijzendoorn et al., 2020; Masten, 2021). Esta ambivalência interpretativa, encontra igualmente um relativo suporte dos dados qualitativos, nos quais emergem simultaneamente relações frágeis e ausentes como boas relações, ambas com determinados membros familiares. Esta perspetiva evidencia a possível atenuação dos efeitos da exposição à violência familiar sobre o desenvolvimento das suas competências socioemocionais.

Conclusão geral

Assim, tendo como objetivo principal explorar a relação entre as competências socioemocionais dos/as adolescentes em acolhimento residencial e a sua exposição prévia à violência no contexto familiar, o estudo sustentou-se numa revisão teórica dos principais modelos de competências socioemocionais e inteligência emocional (Bar-On, 2006; CASEL, 2020; Mayer et al., 2016; OECD, 2021). Entre os modelos analisados, optou-se pelo modelo de Bar-On (2006), pela perspetiva integradora, que contempla dimensões intrapessoais, interpessoais e adaptativas, articulando emoção, comportamento e funcionamento social. Partindo deste enquadramento conceptual, considerou-se igualmente pertinente aprofundar outros domínios possivelmente relacionados com o fenómeno em estudo. Neste sentido, procurou-se compreender as perspetivas e o papel das experiências familiares dos/as adolescentes, bem como a influência da idade, do género e do tipo de violência experienciada, de forma a obter uma visão mais abrangente da problemática em estudo (Bronfenbrenner & Morris, 2006; Harold & Sellers, 2018; Paixão et al., 2018). A articulação entre estes pressupostos teóricos, dados empíricos recolhidos e as variáveis consideradas ao longo da investigação, emerge a seguinte conclusão geral:

Os resultados sugerem que a exposição à violência familiar poderá constituir um fator de risco relevante para o desenvolvimento socioemocional dos/as adolescentes, particularmente ao nível da tolerância ao *stress*, da perceção otimista e da autoimagem positiva. Esta interpretação é reforçada pelos dados qualitativos, nos quais emergem

estruturas familiares predominantemente marcadas por desunião, maus-tratos físicos, fatores de risco (e.g., comportamentos aditivos) e um contexto familiar marcado por vivências negativas (e.g., padrões de comunicações disfuncionais e práticas parentais desajustadas). Acentuando, assim, o impacto negativo sobre as competências socioemocionais expostas.

Contudo, a ausência de diferenças estatisticamente significativas nas dimensões intrapessoais, interpessoais e adaptabilidade, não permitiu concluir pela ausência total de influência da violência familiar nestes domínios. Neste contexto, os efeitos de magnitude observados e os valores médios sistematicamente inferiores registados no grupo exposto sugerem possíveis vulnerabilidades, ainda que menos evidentes. Estas interpretações encontram igualmente suporte nos dados qualitativos, que evidenciam percursos familiares marcados por negligência, ambivalência entre vivências familiares negativas e positivas e coexistência de relações frágeis ou ausentes com relações percecionadas positivamente. Tais possibilidades não invalidam a hipótese de alguns/as adolescentes desenvolverem mecanismos de adaptação associados à interação com outros contextos, em particular com a casa de acolhimento residencial (Bronfenbreener & Morris, 2006; Cantor et al., 2019; Ijzendoorn et al., 2020; Masten, 2021).

Ao nível da interação entre os tipos de violência, o género e a idade, de forma geral, não se evidenciaram diferenças estatisticamente significativas. Apesar das ausências de diferenças significativas, não se assumiu a total ausência das mesmas, tendo em consideração os valores dos efeitos de magnitude bem como os valores médios inferiores. Estas sugerem possíveis tendências de diferenças entre os grupos de idade (12-15 anos e 16-19 anos), género e tipo de violência, mas tal não pode ser corroborado em virtude da reduzida dimensão da amostra.

Excecionalmente, a gestão de *stress* apresenta diferenças estatisticamente significativas em função da idade e do tipo de violência presenciado no contexto familiar. Concluiu-se que esta diferença, poderá refletir que os/as adolescentes mais velhos/as expostos/as a “violência psicológica” e “violência física e psicológica” podem apresentar pior capacidade para lidar com situações de *stress*. Os dados qualitativos podem complementar a forma como as dinâmicas familiares negativas podem ter aprofundando esta diferenciação, sendo que a maioria dos autorrelatos eram provenientes de adolescentes mais velhos/as.

Contributos para a prática

Em termos práticos, o presente estudo contribui para uma compreensão mais integrada e aprofundada das competências socioemocionais de adolescentes expostos/as à violência familiar, através da articulação entre metodologia qualitativa e quantitativa. A complementaridade entre narrativas relativas à percepção do conceito de família e do ambiente familiar destes/as adolescentes e os resultados quantitativos (especificação e diferenciação rigorosa da violência familiar e das competências socioemocionais), permitiu uma análise mais abrangente das suas trajetórias desenvolvimentais, ultrapassando uma leitura exclusivamente descritiva dos resultados.

Neste sentido, os dados possibilitaram não apenas identificar vulnerabilidades emocionais e relacionais associadas às experiências adversas vividas, mas também compreender possíveis processos adaptativos presentes em algumas dimensões do funcionamento socioemocional. Os resultados salientam a importância da identificação precoce de fragilidades ao nível da capacidade de lidar com situações de *stress*, da felicidade e da percepção de si próprios/as. Perante isto, evidencia-se a necessidade de respostas psicológicas e socioeducativas ajustadas às especificidades das trajetórias desenvolvimentais e familiares destes/as adolescentes.

Além disso, os resultados reforçam como possibilidade o potencial dos contextos de acolhimento residencial enquanto espaços promotores da reorganização adaptativa, destacando a importância de vínculos afetivos seguros, relações emocionalmente positivas e de práticas educativas consistentes. Assim, o estudo poderá contribuir para a reflexão e sensibilização de profissionais das áreas da psicologia, educação e proteção de crianças e adolescentes, reforçando a necessidade de intervenções integradas, individualizadas e centradas nas necessidades emocionais e relacionais destes/as adolescentes.

Limitações do presente estudo e sugestão de estudos futuros

Apesar da pertinência e do contributo dos resultados obtidos para a compreensão do fenómeno em estudo, importa reconhecer as limitações do estudo. Em primeiro lugar, a reduzida dimensão da amostra (Giner-Sorolla et al., 2024), poderá ter condicionado o poder estatístico das análises (Hussey, 2023). Acresce ainda o desequilíbrio da amostra relativamente à distribuição do género, da idade e dos grupos expostos e não expostos à violência, circunstância que poderá ter limitado a interpretação dos resultados qualitativos e a robustez dos dados quantitativos.

O recurso predominante ao autorrelato na recolha de dados poderá igualmente introduzir enviesamentos associados à desejabilidade social (Júnior, 2022), influenciando a reconstrução e a verbalização das experiências adversas e dos contextos familiares. Nesse sentido, face à sensibilidade que envolve o tema da violência familiar, observou-se um discurso sucinto por parte de alguns participantes. Tal cenário exigiu um esforço de sistematização quantitativa dos dados, a qual, embora tenha viabilizado a identificação de padrões de ocorrência, limitou a análise interpretativa das vivências subjetivas. Acresce ainda a possibilidade de omissão parcial de experiências adversas, considerando que alguns/as adolescentes poderão não ter reconhecido determinadas vivências (e.g., violência familiar) ou terem revelado dificuldades em verbalizar acontecimentos potencialmente traumáticos. Neste sentido, poderá ter ocorrido a idealização ou a minimização das dinâmicas familiares como forma de proteção às vivências adversas (Bonfatti, et al., 2023; Lauz & Borges, 2013; Vieira & Coutinho, 2019).

O presente estudo também não explorou de forma aprofundada a experiência da institucionalização em si mesma, apesar da sua potencial relevância no desenvolvimento socioemocional destes/as adolescentes. O contexto de acolhimento residencial poderá influenciar a forma como os/as participantes reinterpretaram as experiências familiares adversas, reconstruíram os significados associados à família e desenvolveram competências socioemocionais após o afastamento regular dos contextos de violência familiar.

Acresce que a inexistência de investigações disponíveis sobre as diferenças associadas ao género e à idade sobre os tipos de violência em contextos familiares se relevou um constrangimento relevante. A insuficiência de referências nesta área limitou a possibilidade de aprofundar a interpretação dos resultados obtidos no âmbito do objetivo 6.

Face às limitações identificadas, considera-se pertinente que futuras investigações integrem amostras mais amplas e equilibradas relativamente ao género, idade e grupos expostos e não expostos à violência, de modo a clarificar o possível papel destas variáveis na relação entre a exposição à violência e as competências socioemocionais. Apesar da ausência de significância estatística, os efeitos de magnitudes encontrados sugerem a possibilidade de diferenças subjacentes que poderão ser aferidas em estudos futuros com maior robustez amostral.

Do mesmo modo, seria pertinente incluir diferentes fontes de informação, nomeadamente profissionais envolvidos no acompanhamento dos/as adolescentes e,

sempre que possível, elementos das suas famílias, promovendo uma maior triangulação dos dados. Tal poderá contribuir para uma compreensão mais abrangente das trajetórias familiares adversas e do impacto da violência familiar no desenvolvimento das competências socioemocionais, complementando os relatos dos/as adolescentes com diferentes perspectivas pessoais, contextuais e institucionais.

Futuras investigações poderão igualmente explorar o papel do acolhimento residencial enquanto contexto potencialmente promotor de reorganização emocional, adaptação e reconstrução relacional. Estes poderão analisar de que forma se poderá atenuar os impactos da exposição à violência familiar no desenvolvimento socioemocional dos/as adolescentes.

Por fim, destaca-se a importância de estudos longitudinais que permitam compreender, de forma consistente, a evolução das competências socioemocionais e os impactos duradouros da violência familiar e da institucionalização nos processos de desenvolvimento psicológico e relacional dos/as adolescentes.

6. Referências

- Agresti, A. (2019). *Na introduction to categorical data analysis* (3rd ed.). John Wiley & Sons, Inc.
- APAV. (2025). *Relatório anual 2025*. <https://estatisticas.apav.pt/relatorios>
- Assembleia da República. (1999). *Lei n.º 147/99, de 1 de setembro - Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo* [versão consolidada]. Diário da República, 1.^a série-A, n.º 204. <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/lei/1999-34542475>
- Azevedo, V., Carvalho, M., Fernandes-Costa, F., Mesquita, S., Soares, J., Teixeira, F., & Maia, Â. (2017). Transcrever entrevistas: questões conceituais, orientações práticas e desafios. *Revista de Enfermagem Referência*, 4(14), 159-167. <https://doi.org/10.12707/RIV17018>
- Bailen, N. H., Green, L. M., & Thompson, R. J. (2019). Understanding emotion in adolescents: A review of emotional frequency, intensity, instability, and clarity. *Emotion Review*, 11(1), 63-73. <https://doi.org/10.1177/1754073918768878>
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Prentice-Hall.
- Bar-On, R. (2006). The bar-on model of emotional-social intelligence (esi). *Psicothema*, 18, 13-25.
- Bar-On, R., & Parker, J. (2000). *The bar-on emotional quotient inventory: Youth version (EQ-i:YV): Technical manual*. Multi-Health Systems, Inc.
- Bento, A. (2016). Análise de conteúdo na investigação qualitativa. *Et al. – Revista da Associação Académica da Universidade da Madeira*, (83), 22-23.
- Berridge, D., Biehal, N., & Henry, L. (2012). *Living in children's residential homes*. Department for Education.
- Blom, N., Fadeeva, A., & Barbosa, E. C. (2023). The concept and measurement of violence and abuse in health and justice fields: Toward a framework aligned with the un sustainable development goals. *Social Sciences*, 12(6), 316. <https://doi.org/10.3390/socsci12060316>
- Bonfatti, S. C., Ribeiro, L. J., & Granato, T. M. M. (2023). Violência doméstica e seu impacto emocional sobre o adolescente: um estudo de revisão. *Psicologia Revista*, 32(1), 56-81. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2023v32i1p56-81>
- Brandão, T., & Simão, S. (2024). The Lum emotional availability of parents scale among portuguese adolescents: a psychometric evaluation. *European Journal of*

<https://doi.org/10.1080/17405629.2024.2333585>

- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). The bioecological model of human development. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology and developmental science: Theoretical models of human development* (6th ed., Vol. 1, pp. 793–828). John Wiley & Sons.
- Bronsard, G., Alessandrini, M., Fond, G., Loundou, A., Auquier, P., Tordjman, S., & Boyer, L. (2016). The prevalence of mental disorders among children and adolescents in the child welfare system: A systematic review and meta-analysis. *Medicine (Baltimore)*, 95(7), e2622. <https://doi.org/10.1097/MD.0000000000002622>
- Calvete, E. (2023). Are all child-to-parent violence profiles associated with exposure to family violence? Findings from a sample of spanish adolescents. *Healthcare*, 11(12), 1-17. <https://doi.org/10.3390/healthcare11121710>
- Candeias, A. A. (2025). Emotional intelligence in portuguese youth: Age and gender differences. *Journal of Intelligence*, 13(4), 1-16. <https://doi.org/10.3390/jintelligence13040048>
- Candeias, A. A., Rebelo, N., Silva, J. & Cartaxo, A. (2011). *Bar-On – Inventário de quociente emocional (Bar-On EQ-i:YV) - Estudos portugueses com crianças e jovens do ensino básico*. VIII Congresso Ibero americano de Avaliação Psicológica/Evaluación Psicológica/XV Conferência internacional de Avaliação Psicológica: Formas e contextos. Universidade de Lisboa.
- Candeias, A., & Rebocho, M. (2007). *Questionário de inteligência emocional de bar-on para crianças e jovens – Tradução portuguesa*. Universidade de Évora.
- Cantor, P., Osher, D., Berg, J., Steyer, L., & Rose, T. (2019). Malleability, plasticity, and individuality: How children learn and develop in context. *Applied Developmental Science*, 23(4), 307–337. <https://doi.org/10.1080/10888691.2017.1398649>
- Cardoso, A. S., Leandro, M., Silva, M. L. B. D., Moré, C. L. O. O., & Bousfield, A. B. S. (2020). Representações sociais da família na contemporaneidade: uma revisão integrativa. *Pensando famílias*, 24(1), 29-44.
- CASEL. (2020). *Casel's sel framework: What are the core competence areas and where are they promoted?*. CASEL. <https://casel.org/casel-sel-framework-11-2020/>

- Cecil, C.A. M., Viding, E., Fearon, P., Glaser, D., & McCrory, E. J. (2017). Disentangling the mental health impact of childhood abuse and neglect. *Child Abuse & Neglect*, 63, 106-119. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2016.11.024>
- Cimino, S., & Cerniglia, L. (2023). Psychological profiles, including emotion regulation characteristics, defence strategies and mentalisation capacity, of male adolescents involved in fights among peers. *BJPsych Open*, 9(1), 1-5. <https://doi.org/10.1192/bjo.2022.634>
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Erlbaum.
- Creswell, J. W., & Clark, V. L. P. (2018). *Designing and conducting mixed methods research* (3rd ed.). Sage Publications.
- Cummings, E. M., George, M. R. W., McCoy, K. P., & Davies, P. T. (2012). Interparental conflict in kindergarten and adolescent adjustment: Prospective investigation of emotional security as an explanatory mechanism. *Child Development*, 83(5), 1703-1715. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2012.01807.x>
- Dahl, R. E., Allen, N. B., Wilbrecht, L., & Suleiman, A. B. (2018). Importance of investing in adolescence from a developmental science perspective. *Nature*, 554(7693), 441–450. <https://doi.org/10.1038/nature25770>
- Dalbem, J. X., & Dell'Aglío, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12-24. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229017444003>
- De Antoni, C., & Koller, S. H. (2000). A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de Psicologia*, 5(2), 347-381. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2000000200004>
- Delgado, E., Serna, C., Martínez, I., & Cruise, E. (2022). Parental attachment and peer relationships in adolescence: A systematic review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(3), 1-22. <https://doi.org/10.3390/ijerph19031064>
- Durlak, J. A., Weissberg, R. P., Dymnicki, A. B., Taylor, R. D., & Schellinger, K. B. (2011). The impact of enhancing students' social and emotional learning: A meta-analysis of school-based universal interventions. *Child Development*, 82(1), 405–432. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2010.01564.x>

- Evans, G. W., Li, D., & Whipple, S. S. (2013). Cumulative risk and child development. *Psychological Bulletin*, 139(6), 1342–1396. <https://doi.org/10.1037/a0031808>
- Evans, S. E., Davies, C., & DiLillo, D. (2008). Exposure to domestic violence: A meta-analysis of child and adolescent outcomes. *Aggression and violent behavior*, 13(2), 131–140. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2008.02.005>
- Fairchild, J. N., Bogat, G. A., Nuttall, A. K., Levendosky, A. A., Lonstein, J. S., & Muzik, M. (2026). Maternal child maltreatment and intimate partner violence: Effects on perceptions of infant temperament and the mediating role of emotion regulation and responsiveness. *Journal of Family Violence*, 1-14. <https://doi.org/10.1007/s10896-026-01065-6>
- Ferreira, V. C. B. D. C., Costa, J. K. A. D., Ferreira, A. L. M., Ferreira, B. D. O., & Torres, M. D. S. (2023). Punição corporal em crianças e adolescentes: uma revisão de escopo. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, 11(4), 3092-3102. <https://doi.org/10.16891/2317-434X.v11.e3.a2023.pp3092-3102>
- Field, A. (2018). *Discovering statistics using ibm spss statistics* (5th ed.). Sage Publications.
- Flick, U. (2022). *An introduction to qualitative research* (7th ed.). Sage Publications.
- Fosco, G. M., Stormshak, E. A., Dishion, T. J., & Winter, C. E. (2012). Family relationships and parental monitoring during middle school as predictors of early adolescent problem behavior. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 41(2), 202–213 <https://doi.org/10.1080/15374416.2012.651989>
- Giner-Sorolla, R., Montoya, A. K., Reifman, A., Carpenter, T., Lewis, N. A. Jr., Aberson, C. L., Bostyn, D. H., Conrique, B. G., Ng, B. W., Schoeman, A. M., & Soderberg, C. (2024). Power to detect what? Considerations for planning and evaluating sample size. *Personality and Social Psychology Review*, 28(3), 276-301. <https://doi.org/10.1177/10888683241228328>
- Giraldi, M., Mitchell, F., Porter, R. B., Reed, D., Jans, V., McIver, L., Manole, M., & McTier, A. (2022). Residential care as an alternative care option: A review of literature within a global context. *Child & Family Social Work*, 27(4), 825–841. <https://doi.org/10.1111/cfs.12929>
- Greeson, J. K. P., Thompson, A. E., Ali, S., & Wenger, R. S. (2015). It's good to know that you got somebody that's not going anywhere: Attitudes and beliefs of older youth in foster care about child welfare permanency. *Children and Youth Services Review*, 48, 140-149. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2014.12.015>

- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin*, 108(2), 267–290. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.108.2.267>
- Guazi, T. S. (2021). Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. *Revista Educação, Pesquisa e Inclusão*, 2, 1-20. <https://doi.org/10.18227/2675-3294repi.v2i0.7131>
- Guest, G., Bunce, A., & Johnson, L. (2006). How many interviews are enough? An experiment with data saturation and variability. *Field Methods*, 18(1), 59–82. <https://doi.org/10.1177/1525822X05279903>
- Guetto, R., & Pirani, E. (2026). Non-intact families and adolescents' family satisfaction during the second demographic transition: A test of the institutionalization hypothesis. *Demographic Research*, 54, 645-676. <https://doi.org/10.4054/DemRes.2026.54.21>
- Harold, G. T., & Sellers, R. (2018). Annual research review: Interparental conflict and youth psychopathology: An evidence review and practice focused update. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 59(4), 374–402. <https://doi.org/10.1111/jcpp.12893>
- Holt, S., Buckley, H., & Whelan, S. (2008). The impact of exposure to domestic violence on children and young people: A review of the literature. *Child Abuse & Neglect*, 32(8), 797–810. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2008.02.004>
- Humphreys, K. L., Myint, M. T., & Zeanah, C. H. (2020). Increased risk for family violence during the covid-19 pandemic. *Pediatrics*, 146(1), e20200982. <https://doi.org/10.1542/peds.2020-0982>
- Hussey, I. (2023). A systematic review of null hypothesis significance testing, sample sizes, and statistical power in research using the Implicit Relational Assessment Procedure. *Journal of Contextual Behavioral Science*, 29, 86-97. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2023.06.008>
- Ie, J., Ursin, M., & Vicente-Marino, M. (2022). Foster children's views of family: A systematic review and qualitative synthesis. *Children and Youth Services Review*, 132, 106337. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2021.106337>
- Ijzendoorn, M. H. V., Bakermans-Kranenburg, M. J., Duschinsky, R., Fox, N. A., Goldman, P. S., Gunnar, M. R., Johnson, D. E., Nelson, C. A., Reijman, S., Sonuga-Barke, E. J. S., & Zeanah, C. H. (2020). Institutionalisation and deinstitutionalisation of children 1: A systematic and integrative review of

- evidence regarding effects on development. *The Lancet Psychiatry*, 7(8), 703–720. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(19\)30399-2](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(19)30399-2)
- Instituto da Segurança Social, I.P. (2025). *Casa 2024 - Relatório de caracterização anual da situação de acolhimento das crianças e jovens*. <https://www.garantiainfancia.gov.pt/documents/37502/0/Relatório+Casa+2024/d672f9d9-ef67-474c-8b78-65dee1f040bb>
- Jiang, Y., Huang, L., Song, Y., Wang, J., & Zhang, K. (2025). How family functioning shapes adolescent adjustment: The mediating role of interpersonal competence. *Behavioral Sciences*, 15(11), 1-19. <https://doi.org/10.3390/bs15111441>
- Jiménez, T. I., Estévez, E., Velilla, C. M., Martín-Albo, J., & Martínez, M. L. (2019). Family communication and verbal child-to-parent violence among adolescents: The mediating role of perceived stress. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(22), 1-13. <https://doi.org/10.3390/ijerph16224538>
- Jones, D. E., Greenberg, M., & Crowley, M. (2015). Early social-emotional functioning and public health: The relationship between kindergarten social competence and future wellness. *American Journal of Public Health*, 105(11), 2283–2290. <https://doi.org/10.2105/AJPH.2015.302630>
- Jones, S. M., & Doolittle, E. J. (2017). Social and emotional learning: Introducing the issue. *The Future of Children*, 27(1), 3–11. <https://doi.org/10.1353/foc.2017.0000>
- Joyos, G. E. Q., Camones, M. T. A., Ameiz, M. M. M., & Diaz, T. O. C. (2022). Factores asociados a la violencia familiar: una revisión sistemática. *Universidad y Sociedad*, 14(2), 518-531.
- Júnior, J. P. B. (2022). Viés de desejabilidade social na pesquisa qualitativa em saúde. *Revista de saúde pública*, 56. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2022056004164>
- Keefer K. V., Parker, J. D. A., & Saklofske, D. H. (2018). *Emotional intelligence in education: Integrating research with practice*. Springer.
- Kong, J., Moorman, S. M., Martire, L. M., & Almeida, D. M. (2019). The role of current family relationships in associations between childhood abuse and adult psychological functioning. *The Journals of Gerontology: Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 74(5), 858-868. <https://doi.org/10.1093/geronb/gby076>

- Lansford, J. E., Godwin, J., Bornstein, M. H., Chang, L., Deater-Deckard, K., Giunta, L. D., Dodge, K. A., Malone, P. S., Oburu, P., Pastorelli, C., Skinner, A. T., Sorbring, E., Steinberg, L., Tapanya, S., Tirado, L. M., U., Alampay, L. P., Al-Hassan, S. M., & Bacchini, D. (2018). Parenting, culture, and the development of externalizing behaviors from age 7 to 14 in nine countries. *Development and Psychopathology*, 30(5), 1937-1958. <https://doi.org/10.1017/S0954579418000925>
- Lauz, G. V. M., & Borges, J. L. (2013). Concepção de família por parte de crianças em situação de acolhimento institucional e por parte de profissionais. *Psicologia: Ciência e profissão*, 33(4), 852-867. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000400007>
- Loon, A. W. G. V., Creemers, H. E., Beumer, W. Y., Okorn, A., Vogelaar, S., Saab, N., Miers, A. C., Westenberg, P. M. & Asscher J. J. (2020). Can schools reduce adolescent psychological stress? A multilevel meta-analysis of the effectiveness of school-based intervention programs. *Journal of Youth and Adolescence*, 49(6), 1127–1145. <https://doi.org/10.1007/s10964-020-01201-5>
- MacCann, C., Jiang, Y., Brown, L. E. R., Double, K. S., Bucich, M., & Minbashian, A. (2020). Emotional intelligence predicts academic performance: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 146(2), 150–186. <https://doi.org/10.1037/bul0000219>
- Machisa, M. T., Jewkes, R., Shamu, S., Mahlangu, P., & Chirwa, E. (2025). Exposure to family violence and low parental connectedness associated with depressive symptoms, substance use and violence outcomes among adolescents in south africa. *Journal of Family Violence*, 1-21. <https://doi.org/10.1007/s10896-025-00907-z>
- Madigan, S., Thiemann, R., Deneault, A.-A., Fearon, R. M. P., Racine, N., Park, J., Lunney, C. A., Dimitropoulos, G., Jenkins, S., Williamson, T., & Neville, R. D. (2025). Prevalence of adverse childhood experiences in child population samples: A systematic review and meta-analysis. *JAMA Pediatrics*, 179(1), 19-33. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2024.4385>
- Magalhães, J. R. F. D., Gomes, N. P., Mota, R. S., Campos, L. M., Camargo, C. L. D., & Andrade, S. R. D. (2017). Violência intrafamiliar: vivências e percepções de adolescentes. *Escola Anna Nery*, 21(1) 1-6. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20170003>

- Malta, D. C., Antunes, J. T., do Prado, R. R., Assunção, A. A., & de Freitas, M. I. (2019). Fatores associados aos episódios de agressão familiar entre adolescentes, resultados da pesquisa nacional de saúde do escolar (pense). *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(4), 1287-1298. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.15552017>
- Malti, T. (2020). Children and violence: Nurturing social–emotional development to promote mental health. *Social Policy Report*, 33(2), 1–27. <https://doi.org/10.1002/sop2.8>
- Marôco, J. (2021). *Análise estatística com o spss statistics* (8ª Edição). ReportNumber.
- Masten, A. S. (2021). Resilience of children in disasters: A multisystem perspective. *International Journal of Psychology*, 56(1), 1–11. <https://doi.org/10.1002/ijop.12737>
- Masten, A. S., & Cicchetti, D. (2016). Resilience in development: Progress and transformation. In D. Cicchetti (Ed.), *Development Psychopathology: risk, resilience and intervention* (3rd ed., pp. 271–333). John Wiley & Sons, Inc.
- Mayer, J. D., Caruso, D. R., & Salovey, P. (2016). The ability model of emotional intelligence: Principles and updates. *Emotion Review*, 8(4), 290–300. <https://doi.org/10.1177/1754073916639667>
- McLaughlin, K. A., Sheridan, M. A., Humphreys, K. L., Belsky, J., & Ellis, B. J. (2021). The value of dimensional models of early experience: Thinking clearly about concepts and categories. *Perspectives on Psychological Science*, 16(6), 1463–1472. <https://doi.org/10.1177/1745691621992346>
- McLaughlin, K. A., Weissman, D., & Bitrán, D. (2019). Childhood adversity and neural development: A systematic review. *Annual Review of Developmental Psychology*, 1, 277–312. <https://doi.org/10.1146/annurev-devpsych-121318-084950>
- Mendes, M., Fernandes, O., & Relva, I. (2024). Os estilos educativos parentais e o funcionamento familiar numa amostra de adolescentes. *Revista Portuguesa de Educação*, 37(2), 1-22. <https://doi.org/10.21814/rpe.23809>
- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S., & Robinson, L. (2007). The role of the family context in the development of emotion regulation. *Social Development*, 16(2), 361–388. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00389.x>

- Mukti, B. H. (2025). Methods in health research: Probability and non-probability sampling. *Health Sciences International Journal*, 3(2), 220-234. <https://doi.org/10.71357/hsij.v3i2.64>
- Noonan, C. B., & Pilkington, P. D. (2020). Intimate partner violence and child attachment: A systematic review and meta-analysis. *Child Abuse & Neglect*, 109, 104765. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104765>
- Oberle, E., & Schonert-Reichl, K. A. (2017). Social and emotional learning: Recent research and practical strategies for promoting children's social and emotional competence in schools. In J. L. Matson (Eds.), *Handbook of social behavior and skills in children* (pp.175-197). Springer International Publishing AG. https://doi.org/10.1007/978-3-319-64592-6_11
- OECD. (2021). *Beyond academic learning: First results from the survey of social and emotional skills*. OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/92a11084-en>
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of family therapy*, 22(2), 144-167. <https://doi.org/10.1111/1467-6427.00144>
- Olson, D. H. (2011). Faces iv and the circumplex model: Validation study. *Journal of Marital and Family Therapy*, 37(1), 64–80. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x>
- Paiva, A. B. D., de Oliveira, G. S., & Hillesheim, M. C. P. (2021). Análise de conteúdo: uma técnica de pesquisa qualitativa. *Revista Prisma*, 2(1), 16-33.
- Paixão, R. F., Patias, N. D., & Dell'Aglio, D. D. (2018). Relações entre violência, clima familiar e transtornos mentais na adolescência. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 11(1), 109-122. <https://doi.org/10.36298/gerais2019110109>
- Pinquart, M. (2017). Associations of parenting dimensions and styles with internalizing symptoms in children and adolescents: A meta-analysis. *Marriage & Family Review*, 53(7), 613–640. <https://doi.org/10.1080/01494929.2016.1247761>
- Pinquart, M. (2023). Attachment security with mothers and fathers: A meta-analysis on mean-level differences and correlations of verbal attachment measures. *Journal of Child and Family Studies*, 32, 3848-3859. <https://doi.org/10.1007/s10826-023-02585-1>
- Portela-Pino, I., Domínguez-Alonso, J., & Alvariñas-Villaverde, M. (2024). Can we measure the level of socio-emotional competencies of adolescents?. *Education Sciences*, 14(4), 1-11. <https://doi.org/10.3390/educsci14040395>

- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2017). *Manual de investigação em ciências sociais* (7.^a Edição). Gradiva.
- Reis, B. (2017). O conteúdo em análise: teoria e práticas da análise de conteúdo. In J. Feijó (Ed.), *Metodologias de investigação em Ciências Sociais* (pp.205-236). Escolar Editora.
- Restifo, K., & Bögels, S. (2009). Family processes in the development of youth depression: Translating the evidence to treatment. *Clinical Psychology Review*, 29(4), 294–316. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2009.02.005>
- Resurrección, D. M., Salguero, J. M., & Ruiz-Aranda, D. (2014). Emotional intelligence and psychological maladjustment in adolescence: A systematic review. *Journal of Adolescence*, 37(4), 461-472. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2014.03.012>
- Richardson, J. T. E. (2011). Eta squared and partial eta squared as measures of effect size in educational research. *Educational research review*, 6(2), 135-147. <https://doi.org/10.1016/j.edurev.2010.12.001>
- Rueger, S. Y., Malecki, C. K., Pyun, Y., Aycok, C., & Coyle, S. (2016). A meta-analytic review of the association between perceived social support and depression in childhood and adolescence. *Psychological Bulletin*, 142(10), 1017–1067. <https://doi.org/10.1037/bul0000058>
- Sánchez-Álvarez, N., Extremera, N., & Fernández-Berrocal, P. (2016). The relation between emotional intelligence and subjective well-being: A meta-analytic investigation. *The Journal of Positive Psychology*, 11(3), 276–285. <https://doi.org/10.1080/17439760.2015.1058968>
- Sawyer, S. M., Azzopardi, P. S., Wickremarathne, D., & Patton, G. C. (2018). The age of adolescence. *The Lancet Child & Adolescent Health*, 2(3), 223–228. [https://doi.org/10.1016/S2352-4642\(18\)30022-1](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(18)30022-1)
- Silva, D. D., & Percicotte, J. P. (2024). A comunicação nos sistemas familiares—Uma revisão literária. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 10(5), 2591-2610. <https://doi.org/10.51891/rease.v10i5.13961>
- Siqueira, A. C., Tubino, C., D. L., Schwarz, C., & Dell'Aglio, D. D. (2009). Percepção das figuras parentais na rede de apoio de crianças e adolescentes institucionalizados. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(1), 176-190. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229019189017>

- Smyth, M. R., Teicher, S., & Wilde, D. J. (2024). How does denial, minimization, justifying, and blaming operate in intimate partner abuse committed by men: A systematic review of the literature. *Trauma, Violence, & Abuse*, 25(3), 1853-1870. <https://doi.org/10.1177/15248380231196108>
- Spinazzola, J., Hodgdon, H., Liang, L., Ford, J. D., Layne, C. M., Pynoos, R., Lee, R., & Stolbach, B. (2014). Unseen wounds: The contribution of psychological maltreatment to child and adolescent mental health and risk outcomes. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 6(1), 18–28. <https://doi.org/10.1037/a0037766>
- Steinberg, L. (2014). *Adolescence* (10th ed.). McGraw-Hill Education.
- Steinberg, L., & Morris, A. S. (2001). Adolescent development. *Annual Review of Psychology*, 52, 83–110. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.52.1.83>
- Stoltenborgh, M., Bakermans-Kranenburg, M. J., Alink, L. R. A., & Ijzendoorn, M. H. V. (2015). The prevalence of child maltreatment across the globe: Review of a series of meta-analyses. *Child Abuse Review*, 24(1), 37–50. <https://doi.org/10.1002/car.2353>
- Taylor, R. D., Oberle, E., Durlak, J. A., & Weissberg, R. P. (2017). Promoting positive youth development through school-based social and emotional learning interventions: A meta-analysis of follow-up effects. *Child Development*, 88(4), 1156–1171. <https://doi.org/10.1111/cdev.12864>
- Teodoro, N. R., & de Oliveira, G. S. (2024). Análise de Conteúdo: um método de qualitativo. *Humanidades e Tecnologia (FINOM)*, 46(1), 55-62.
- Theodoro, R. (2025). A violência oculta na sola do chinelo: punição corporal, violência intrafamiliar e os modelos de autoridade em São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 41(3), 1-13. <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT110324>
- Tommasi, M., Sergi, M. R., Picconi, L., & Saggino, A. (2023). The location of emotional intelligence measured by EQ-i in the personality and cognitive space: Are there gender differences?. *Frontiers in psychology*, 13, 1-11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.985847>
- Tosi, M., & Guetto, R. (2024). The social stratification in parent-child relationships after separation: Evidence from Italy. *Journal of Family Research*, 36, 25-42. <https://doi.org/10.20377/jfr-982>

- Trinidad, D. R., & Johnson, C. A. (2002). The association between emotional intelligence and early adolescent tobacco and alcohol use. *Personality and Individual Differences*, 32(1), 95–105. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(01\)00008-3](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(01)00008-3)
- Umemura, T., Lacinová, L., Juhová, D., Pivodová, L., & Cheung, H. S. (2021). Transfer of early to late adolescents' attachment figures in a multicohort six-wave study: Person-and variable-oriented approaches. *The Journal of Early Adolescence*, 41(7), 1072-1098. <https://doi.org/10.1177/0272431620978531>
- United Nations. (1989). *Convention on the Rights of the Child*. <https://www.ohchr.org/en/instruments-mechanisms/instruments/convention-rights-child>
- Vieira, I. M., & Coutinho, S. M. D. S. (2019). Representações sociais de família para adolescentes institucionalizados em um município norte fluminense. *Revista de Psicologia da IMED*, 11(2), 34-50. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2019.v11i2.2957>
- Vinnerljung, B., Sallnäs, M., & Berlin, M. (2014). Placement breakdowns in long-term foster care – a regional swedish study. *Child & Family Social Work*, 22(1), 15-25. <https://doi.org/10.1111/cfs.12189>
- Whitten, T., Tzoumakis, S., Green, M. J., & Dean, K. (2024). Global prevalence of childhood exposure to physical violence within domestic and family relationships in the general population: A systematic review and proportional meta-analysis. *Trauma, Violence, & Abuse*, 25(2), 1411-1430. <https://doi.org/10.1177/15248380231179133>
- World Health Organization. (2014). *Health for the world's adolescents: A second chance in the second decade*. World Health Organization. <https://www.who.int/publications/i/item/WHO-FWC-MCA-14.05>
- World Health Organization. (2026). *Violence against children*. World Health Organization. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-children>
- Yap, M. B. H., Pilkington, P. D., Ryan, S. M., & Jorm, A. F. (2014). Parental factors associated with depression and anxiety in young people: A systematic review and meta-analysis. *Journal of Affective Disorders*, 156, 8-23. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2013.11.007>

7. Anexos

7.1. Anexo A - Guião da Entrevista

Código de identificação: ____ - ____ - ____

Parte 1		
Tema	Objetivos específicos	Informações a transmitir/Questões
Tema 1: Legitimação da entrevista	- Legitimar a entrevista. - Justificar o tema e a entrevista. - Incentivar a colaboração do/a entrevistado/a.	• Solicitar a colaboração do/a entrevistado/a, para a consecução do estudo a realizar. • Informar o/a entrevistado/a, acerca dos principais objetivos da investigação. • Assegurar a confidencialidade e o anonimato. • Garantir o direito de desistência em qualquer momento, sem prejuízo para os/as participantes. • Assegurar a utilização dos dados exclusivamente para fins científicos • Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista. • Colocar a gravação/transcrição da entrevista à disposição do/a entrevistado/a.
Tema 2: Caracterização sociodemográfica dos/as participantes (Alvo de análise quantitativa)	- Identificar o/a entrevistado/a	• Caracterização do entrevistado/a: ○ Género ○ Idade ○ Residência anterior (meio rural ou urbano) ○ Com quem coabitava; ○ Nível de escolaridade; ○ Tempo de permanência na instituição

Parte 2		
Temas	Objetivos específicos	Questões
Tema 3: Identificar a percepção de violência para os/as participantes (Alvo de análise quantitativa)	- Identificar a percepção do que é violência no geral. - Identificar a percepção do que é violência familiar para os/as participantes - Identificar a percepção dos tipos de violência experienciados pelos/as participantes	Questões: 1. O que é para ti violência? 2. O que consideras como sendo violência familiar? 3. Que tipo/s de violência presenciaste na tua casa? Dê um exemplo? 4. Já presenciaste algum/alguns tipo/s de violência entre os teus pais? Qual ou quais?
Tema 4: Identificar o conceito de família, bem como identificar a percepção dos/as participantes sobre a sua família e contexto familiar	- Identificar o conceito de família - Identificar a percepção dos/as participantes sobre a sua família - Identificar a percepção dos/as participantes sobre o seu contexto familiar	Questões: 1. O que é para ti família? 2. Como descreves a tua família? 3. Como era a comunicação dentro da tua família? 4. Durante o tempo em que estiveste e/ou estás com os teus pais, como é/era o ambiente familiar (momentos em família)?

	Questões de apoio à questão 2 do Tema 4: “Como descreves a tua família?”	1. Quando te portavas mal, como reagiam os teus pais? 2. O que é que os teus pais faziam quando estavas triste (qual era a reação dos teus pais)? 3. O que é que faziam os teus pais quando estavas doente?
	Questão final e agradecimento pela colaboração.	Gostarias de acrescentar mais alguma coisa que possa ter ficado por dizer?

7.2. Anexo B – Declaração de Consentimento Informado



Declaração de Consentimento Informado

Eu, abaixo assinado, _____, responsável por _____, compreendi a explicação que me foi fornecida e autorizo a realização das entrevistas pedidas e do questionário de competências socioemocionais na dissertação intitulada de “Exposição à violência interparental e o desenvolvimento de competências socioemocionais em adolescentes: Um estudo exploratório” cuja finalidade e natureza me foram explicados, pela aluna Inês Filipa Baiona Russo que se encontra a desenvolver a sua dissertação orientada pela Professora Doutora Heldemerina Pires, da Universidade de Évora. Tomei igualmente conhecimento da gravação de áudio que será usado unicamente com fins académicos, desde que seja protegida a identidade e garantida a confidencialidade dos dados. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias e, de todas obtive resposta satisfatória. Além disso, foi-me afirmado que não é previsível qualquer desconforto, desvantagem ou risco para os jovens ao participarem no estudo. Os/as jovens são livres de desistir do estudo em qualquer momento sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Por isso, respeitando as recomendações da Declaração de Helsínquia, consinto que seja realizada a observação proposta.

Évora, ____ de _____ de 2025

Assinatura da Investigadora:

Assinatura do responsável pelo participante

7.3. Anexo C – Perspetiva Global das Entrevistas

Tema 4: Identificar o conceito de família, bem como identificar a perceção do/a adolescente sobre a sua família e contexto familiar			
Questão 1 - O que é para ti família?			
Participantes	Verbalizações	Unidades de Significado	Alguns exemplos elucidativos das verbalizações
A-F-17	“Cuida de mim e gosta de mim, é quem me agrada e me pode sempre ajudar. Além disso, é quem nunca nos deixa sozinhos.”	Ajuda perante dificuldades/problemas) União (Predominância do vínculo afetivo) Proteção e prestação de cuidados (Providenciar cuidados) Ambiente favorável ao bem-estar (disponibilidade - presença; familiares prestáveis)	
A-M-15	“Amor e carinho.” “... está cá sempre para me apoiar”	Apoio emocional (carinho, amor) Ambiente favorável ao bem-estar (Disponibilidade - presença)	
B-M-17	“Puder contar com os meus familiares para qualquer coisa, por exemplo, para falar	Apoio parental (emocional - Escuta e compreensão (diálogo) amor, partilha de	

	sobre assuntos mais íntimos e sentimentais. São pessoas que estão lá para me ouvirem e me ajudarem.” “Vai além dos laços de sangue...” “É amor, presença, saúde. Deve estar presente em todos os sentidos, incluindo a saúde.”	sentimentos; Ajuda perante dificuldades/problemas) União (Predominância do vínculo afetivo) Ambiente favorável ao bem-estar (disponibilidade - presença; familiares prestáveis)	
D-M-12	“... existe amor que fala mais alto que o sangue.” “É uma pessoa que ama muito alguém”.	Apoio emocional (Amor) União (Predominância do vínculo afetivo)	
D-M-15	“Família são pessoas que se importam comigo e que me ajudam quando eu preciso.”	Apoio parental (Ajuda) Ambiente favorável ao bem-estar (disponibilidade - familiares prestáveis)	
D-M-16	“Amor. Alegria.”	Apoio emocional (Amor) Ambiente favorável ao bem-estar (Alegria)	
D-M-17	“A família é unida pelo sangue e também	União (vínculo afetivo e biológico)	

	porque gostam uns dos outros.” “A família é amor, carinho e amizade” “... serve para proteger.”	Apoio emocional (Carinho; amor; Amizade) Proteção e prestação de cuidados (Proteção)	
E-M-17	“Os meus irmãos e os meus primos, a nossa relação é muito unida.”	União (Predominância do vínculo afetivo)	
F-F-15	“Família é onde eu consigo encontrar paz e amor. É o pilar, onde me possa segurar quando estou mal.” “... família nem sempre tem a ver com sangue, porque há muitas pessoas que são do mesmo sangue e nem sempre são consideradas família.” “A família não se resume a quem é do mesmo sangue.”	Ambiente favorável ao bem-estar (Paz) Apoio emocional (Amor) União (Predominância do vínculo afetivo)	
F-M-14	“Há dois tipos de família, a que cria e a que faz. Família são aqueles que conversam contigo e ouvem-te.”	União (Vínculo afetivo e biológico) Apoio emocional (diálogo)	

	“Pode ser a família biológica ou fraterna. A família biológica é a que nos fez e de onde nascemos, enquanto a fraterna é, por exemplo, um padrasto que cuidou de nós.”	Proteção e prestação de cuidados (Providenciar cuidados)	
G-M-12	“Pessoas que me tratam bem, fazem parte os meus familiares e amigos” “A família não é só ligada pelo sangue, ultrapassa isso, pois também inclui amizade e amor. Por exemplo, um amigo pode ser considerado família, porque me ajuda e é com quem eu partilho, por vezes, a minha felicidade.”	Apoio parental (Apoio emocional - partilha de sentimentos, amor e amizade; ajuda) Proteção e prestação de cuidados (Providenciar cuidados) União (Predominância do vínculo afetivo)	
G-M-15	“É casa. A ligação entre todos é afetiva e unida. A união da família vai além do sangue.”	União (Predominância do vínculo afetivo)	
H-F-18	“Você sabe que independentemente daquilo que você fizer,	Ambiente favorável ao bem-estar	

	a família vai lá estar para tudo, faça o que fizer.” “Família é um porto seguro, se tudo der errado, a família está lá para te fazer sorrir.” “A família é algo positivo e bom...” “Vai além dos laços de sangue.”	(disponibilidade – presença) Proteção e prestação de cuidados (Proteção) União (Predominância do vínculo afetivo)	
I-F-16	“Eu acho que a família partilha entre os seus familiares tanto os laços de sangue como os laços afetivos.”	União (Vínculo afetivo e biológico)	
I-F-19	“É uma coisa muito importante e temos de saber dar valor, muito valor, porque nós podemos ter muitos amigos, mas a família está sempre em primeiro lugar, uma vez que nos apoia. É a nossa mãe que nos mete ao mundo e não mais ninguém. Se não for os nossos pais,	União (vínculo biológico) Proteção e prestação de cuidados (Providenciar alimentação e educação)	

	talvez nós nem éramos ninguém.” “É a nossa família que nos dá educação e comida...” “(Quem representa a família) O meu pai, a minha mãe e os meus irmãos.”		
I-M-17	“A família é ligada pelo sangue, mas vai além disso, pois são pessoas próximas umas das outras. A família também partilha entre si os seus sentimentos.”	União (Predominância do vínculo afetivo) Apoio emocional (Partilha de sentimentos)	
J-F-17	“Família deve ser o pai e a mãe ou pessoas de coração com quem interagem e partilham amor, amizade, alegria, atenção, por vezes, broncas, discussões, ou seja, é uma mistura de emoções.” “As pessoas são ligadas pelo sangue. No entanto, também se	Apoio emocional (Partilha de sentimentos; atenção; amor; amizade) Ambiente favorável ao bem-estar (alegria) União (Vínculo afetivo e biológico)	

	incluem pessoas que não fazem parte da nossa família, mas também podem ser consideradas família. Há pessoas com as quais criamos uma maior ligação, do que com a nossa família propriamente dita.”		
J-M-15	“São as pessoas que nos ajudam e que tem o nosso sangue e não só, por exemplo, um amigo que conhecemos desde a infância que confiamos como se fosse um irmão ou um primo.”	Apoio parental (Apoio emocional - amizade; Ajuda perante dificuldades/problemas) União (Vínculo afetivo e biológico) Ambiente favorável ao bem-estar (Confiança)	
J-M-16	“A família partilha o mesmo sangue e não ultrapassa isso.” “Há uma proteção por parte dos familiares.”	União (vínculo biológico) Proteção e prestação de cuidados (Proteção)	
L-F-16	“Família é um conjunto de pessoas que se relacionam e respeitam-se. Tem emoções positivas e negativas. Algumas às vezes não se	União (Vínculo afetivo e biológico) Apoio emocional (diálogo)	

	entendem. Eu acho que todas as famílias deviam ter um diálogo, para evitar certas consequências e a violência (físicas, verbais e psicológicas). Para além dos laços de sangue que partilham, a família partilha o respeito entre as pessoas.”	Ambiente favorável ao bem-estar (respeito)	
L-M-17	“União, afeto.” “Pode haver maior ligação com um animal, pois há pessoas que mentem.”	União (Predominância do vínculo afetivo)	
M-F-16	“Família é quem está lá para nós quando acontece alguma coisa, e não é com quem nós crescemos ou quem supostamente é obrigatório ser família. Família é quem está mesmo lá e ajuda quando acontece alguma coisa ou quando não é esperado.”	Ambiente favorável ao bem-estar (disponibilidade - presença; familiares prestáveis) União (Predominância do vínculo afetivo) Apoio parental (Ajuda perante dificuldades/problemas)	

M-M-12	“(família)... são aqueles com quem estamos mais tempo e com quem nós nos damos mais.” “... quem me dá carinho.”	Apoio emocional (Carinho) Ambiente favorável ao bem-estar (convívio)	
N-F-17	“... a minha família está separada, portanto eu construiria a família de forma separada, em que os familiares estão todos separados e cada um no seu canto.”	Desunião	
O-M-13	“Entes queridos. Amizade.” “... partilham carinho, dão beijos, abraços, apoiam quando precisam, ajudam-se uns aos outros. Família inclui os nossos familiares de sangue e outras pessoas além dos familiares, ou seja, pessoas que podem não ser do mesmo sangue, mas são consideradas família.”	Apoio parental (apoio emocional – carinho, amizade e interações físicas afetuosas como abraços e beijos; Ajuda) União (Vínculo afetivo e biológico)	

	“Essas pessoas, que não são do mesmo sangue, fazem o mesmo que a nossa família, ajudam-nos.”		
O-M-15	“Família é com quem crescemos, os nossos pais e irmãos. A minha família é com quem eu estou sempre, com quem moro.”	União (vínculo biológico) Ambiente favorável ao bem-estar (convívio)	
P-F-14	“Amor, pessoas, carinho. “... eu acho que a família ultrapassa os laços de sangue, também é unida por carinho, porque é quem te cuida mais e está mais tempo consigo.”	Apoio emocional (carinho; Amor) Proteção e prestação de cuidados (Providenciar cuidados) União (Predominância do vínculo afetivo) Ambiente favorável ao bem-estar (convívio)	
P-M-18	“Acho que são pessoas muito próximas com quem eu sinto que possa confiar na minha vida.” “...acho que também tem a ver com as experiências e com as coisas que se	União (Predominância do vínculo afetivo) Ambiente favorável ao bem-estar (Confiança) Apoio emocional (Partilha de experiências; amizade)	

	partilham, por exemplo, com os amigos ou com a namorado.”		
R-F-17	“É uma mãe que te educa. É uma família que te acolhe, que te cria, que te dá apoio quando mais precisas. São aquelas pessoas que se tu precisares sabes que podes contar com elas, ou seja, mesmo nos momentos maus a família está lá.” Investigadora: “Quando falas em educar, falas em que sentido?” Resposta da participante: “Em todos os sentidos, desde ensinar a ser uma pessoa melhor, a ter respeito para com os outros, a saber fazer as coisas, a ter educação”	Proteção e prestação de cuidados (Providenciar cuidados, alimentação e educação) Apoio emocional (acolhimento) Ambiente favorável ao bem-estar (disponibilidade – presença; confiança)	
R-M-12	“Carinho, amor, tudo o que tenha a ver com amor. Família inclui amizade entre os familiares, sendo	Apoio emocional (carinho; amor; amizade)	

	diferente dos amigos, pois entre familiares é mais próxima. Família deve ser paz.”	Ambiente favorável ao bem-estar (Paz)	
S-M-13	“Amor.” “O apoio, o carinho”	Apoio emocional (carinho; amor)	
S-M-17	“Família para mim não está presa só no sangue, vai além disso. A família também está presa pela amizade, porque quando a amizade já é grande o suficiente, já não é apenas uma amizade qualquer, pois começamos a considerar aquela amizade como família. É uma pessoa que nós amamos do fundo do coração e que gostamos muito e não é como qualquer pessoa que vimos na rua.”	União (Predominância do vínculo afetivo) Apoio emocional (Amizade; Amor)	
T-F-16	“Há alguns laços entre determinados familiares que são apenas de sangue, enquanto outros familiares podem ser	União (Vínculo afetivo e biológico)	

	considerados mais do que isso, pois pode haver afeto...”		
T-M-16	“Família deve ser aquelas pessoas com quem tu deves conviver mais no dia a dia.”	Ambiente favorável ao bem-estar (convívio)	

Questão 2 - Como descreves a tua família?			
Participantes	Verbalizações	Unidades de Significado	Alguns exemplos elucidativos das verbalizações
A-F-17	“É separada, tem problemas financeiros acabam por desistir de trabalhar e pioram de condições.” “... a minha mãe não trabalhava e só recebia o nosso abono.” “A minha mãe tinha epilepsia...” “O meu pai é diabético.” “O meu pai não estava presente, porque só o via duas vezes por ano, sendo que ele vivia perto de mim.”	Família desunida Existência de problemas financeiros na família Familiares desempregados - irmão mais velho e a mãe Doenças físicas dos pais (diabetes por parte do pai e doença neurológica por parte da mãe) Ausência de figuras de referência (Pai ausente)	

	“Inicialmente, o meu irmão mais velho não trabalhava.” “O meu irmão mais velho não queria fazer nada, nem trabalhar. Ele gostava de fumar muito e pedia dinheiro à minha mãe” “(irmão) era este que nos batia imenso...”	Comportamentos aditivos na família (irmão fumador) Maltrato físico (por parte do irmão)	
A-M-15	(Não respondeu)	Sem unidades de significado	
B-M-17	“Era boa, pequena, mas tinha afeto.” “A minha mãe sempre me tentava entender e ouvir, estando sempre presente.” “O meu pai queria voltar a ter uma relação com ele que não existe, de vez em quando demonstrava afeto, mas estava muito ausente. Quando estava connosco era distante... apesar de	Existência de apoio (Apoio emocional - carinho por parte do pai e disponibilidade da figura materna; Escuta, aconselhamento e ajuda perante dificuldades/problemas - escuta e compreensão por parte da mãe) Empatia (sentir-se compreendida pela mãe)	

	não conseguir demonstrar muita coisa, sentia o seu carinho.” “...vivi com os meus pais até estes se separarem.”	Relacionamentos (ausência de relação com o pai) Ausência de figuras de referência (Pai ausente)	
D-M-12	“A minha mãe era muito feliz comigo... e eu ficava muito feliz com isso. Ela (mãe) também me dava carinho e beijinhos.” “O meu pai também brincava comigo e também me dava carinho e beijinhos. Dentro da família havia amor e transmitiam-no.” “Eu tenho uma irmã e dois irmãos, do mesmo pai e da mesma mãe e vieram todos para Portugal. Todos os meus irmãos foram para uma instituição.”	Existência de apoio (Apoio emocional/-carinho e amor; Interações físicas afetuosas - beijinhos) Irmã e dois irmãos com medidas de proteção	
D-M-15	“Desunida, porque uns não gostam dos outros. Por exemplo, o meu	Família desunida	

	pai não gosta do meu tio.” “... sentia-me excluído pelo meu pai. Por exemplo, havia alturas em que o meu pai dava coisas aos meus irmãos e a mim não. Outras vezes o meu pai saía de casa com os meus irmãos e comigo não... no fundo, ficava sentido, porque o meu pai levava os meus irmãos e não me levava a mim.” “A minha mãe está presa.” “... (mãe) até mesmo presa, ela está lá sempre para mim quando eu preciso.”	Familiar com histórico criminal (Mãe presa) Existência de apoio emocional (Disponibilidade – mãe presente) Sentimentos negativos associados à figura paterna (exclusão por parte da figura paterna)	
D-M-16	“(pai) Dava-me tudo o que eu queria. Por exemplo, dava-me uma consola.” Investigadora: Até ao momento que vivias com o teu pai como é	Irmã com medida de proteção	

	que o caracterizas? De que maneira? Resposta do participante: “Era bom, comprava tudo o que eu queria.” “A minha irmã mais velha estava numa instituição.”		
D-M-17	“A minha mãe tem Alzheimer.” “Não sentia muito afeto por parte da minha mãe, quando, por exemplo, ela me batia e, por isso, não conseguia confiar nela.” “Quando a minha mãe me bateu, o meu pai e a minha avó foram-me proteger.” “(avós)... escutavam o que eu tinha a dizer, tal como o meu pai.” “Sentia que o meu pai e os meus avós eram mais carinhosos	Presença de problemas de saúde dos pais (doença física neurológica por parte da mãe) Ausência de apoio emocional (por parte da mãe) Falta de proteção e segurança (da figura materna) Proteção e segurança (Proteção por parte do pai e da avó) Existência de apoio (Apoio emocional - carinho por parte do pai e dos avós; Escuta, aconselhamento e	

	comigo do que a minha mãe. Por exemplo, o meu pai deixava-me sair de casa, o meu avô deixava-me ir à praia e a minha avó dava-me dinheiro.” “A minha família era unida, só eu é que me portava mal.”	ajuda perante dificuldades/problemas – escuta por parte do pai e dos avós) Maltrato físico (por parte da mãe) União (por ligação afetiva)	
E-M-17	“Tenho pouca ligação com o meu pai, só vivi com ele em pequeno.” “A minha mãe já faleceu.”	Relacionamentos (Má relação com o pai) Ausência de figuras de referência (Mãe falecida)	
F-F-15	“Muito atribulada, porque eu nunca fui criada pelo meu pai, quem me criou foi a minha mãe.” “Cresci sem o amor paterno.” “... quem me criou foi o meu padrasto... o meu padrasto pode não ser do mesmo sangue que o meu, mas é como se fosse meu pai... criou-me desde os	Ausência de figuras de referência (Pai ausente) Relacionamentos (Má relação - conflitos com a mãe; Ausência de relação com o irmão, padrasto e ambos os pais; Boa relação com a madrasta e o padrasto) Negligência (Outro sujeito que representa a figura paterna – padrasto; outro individuo assume as	

	meus cinco anos até aos meus quinze anos... e, por isso, este é o meu pai.” “Eu discutia imenso com a minha mãe, nós não nos entendemos bem. Desde os meus doze anos, a minha mãe agredia-me constantemente.” “Entretanto o meu pai lembrou-se que eu existia, então ele quis que eu voltasse para Portugal... desde aí que já não vejo o meu irmão mais novo.” “... não mantenho contacto nem tenho laços com a minha mãe. A partir deste momento, acabei também por cortar laços com o meu padrasto, o mesmo aconteceu com o meu irmão mais novo...”	responsabilidades parentais – própria adolescente) Ausência de apoio emocional (por parte do pai e da mãe) Falta de proteção e segurança (com a figura paterna) Família desunida Maltrato físico (por parte da mãe) Existência de apoio (Apoio emocional-carinho por parte da madrastra) Sentimentos negativos associados às figuras de referência (Inexistência de afeto pela figura paterna)	
--	--	---	--

	“Em relação à minha madrasta, não tenho qualquer queixa dela, sempre me tratou bem e foi carinhosa comigo.” “... eu não sinto amor pelo meu pai. Não tenho nenhuma ligação com ele... para mim ele não é meu pai, é só um homem que me teve... então eu nunca tive muita confiança com ele.” “O meu padrasto era um pilar para mim e sinto muito falta dele.” “Estabeleci boas relações com o meu padrasto e a minha madrasta.” “Já com o meu padrasto eu era colada a ele, estava sempre ao pé dele e a brincar com ele.”		
--	---	--	--

	“... há uma desunião na minha família, porque... faltou o lado afetivo do meu pai, sendo que o meu padrasto me deu isso, o que lhe agradeço. Desde os meus dez anos que não recebo o amor da minha mãe.” “Eu é que fui criando o meu irmão, eu é que o levava para a escola, eu é que lhe dava de comer... antes de ir para a minha escola, deixava-o na escola e depois quando saía da escola, eu é que o ia buscar.”		
F-M-14	“Com a minha mãe eu mantenho uma boa relação com ela. Com o meu pai eu mantenho uma relação regular, com quem falo por telefone, saiu com ele e vamos almoçar fora”. “Sinto carinho dos meus pais.”	Relacionamentos (Boa relação com a mãe, o pai e os tios) Existência de apoio (Apoio emocional-carinho por parte dos pais e acolhimento por parte dos tios)	

	“A nossa ligação é mais do que sangue, o meu pai fala comigo como se fosse meu amigo, o meu pai é tudo para mim.” “... a minha mãe também é muito importante para mim... acho que ela tem muito afeto por mim.” “Também tenho uma ligação muito afetiva com os meus tios e os meus primos que estão na Bélgica.” “Quando eu nasci os meus pais já estavam separados.” “Os meus tios tratavam-me como se eu fosse filho deles também. Por exemplo, o meu tio comprava algo para mim tal como fazia com os meus primos para eu	União (por ligação afetiva com os pais, os tios e os primos)	
--	---	---	--

	não me sentir excluído.”		
G-M-12	“É boa e meiga. Havia amor. Davam abraços e diziam que gostavam de mim.” “Com os meus irmãos também tenho uma boa relação... falávamos alto quando discutíamos.”	Existência de apoio (Apoio emocional- amor e Interações físicas afetuosas - abraços) Relacionamento (Boa relação com os irmãos)	
G-M-15	“(família) Nós protegemo-nos uns aos outros. Por exemplo, se o meu irmão mais novo se colocasse numa briga com outras pessoas todos o defendíamos.” “... estavam sempre que eu precisava.”	Proteção e segurança (Proteção dentro do contexto familiar) Apoio emocional (Disponibilidade - família presente)	
H-F-18	“Não eram avós carinhosos, eles não têm muita bondade, não ajudava muito, se eu precisasse de ajuda dependia da situação.” “Em relação aos meus tios, com quem vive no Brasil, eu não gosto	Ausência de apoio emocional (por parte dos avós) Falta de proteção e segurança (para com os tios e o irmão)	

	deles, porque acho que são maus, e não consigo confiar neles nem para segurar o meu casaco.” “Em relação à minha mãe, é desequilibrada, tenta ser o melhor dela, mas o melhor é muito pouco... A minha mãe teve-me com 16 anos... A minha mãe é descontrolada e bêbeda.” “(mãe) Desde que eu entrei na instituição, ela tentou melhorar o seu comportamento, no entanto, ela não é o melhor tipo de pessoa para eu desabafar. Sendo que a melhor coisa é receber o seu carinho e não falar muito.” “Em relação ao meu irmão, nós temos uma relação distante com pouca intimidade... No entanto, nós	Comportamentos aditivos na família (mãe alcoólica) Existência de apoio (Apoio emocional-carinho da mãe) Relacionamentos (Má relação com o irmão) Ausência de figuras de referência (Pai desconhecido)	
--	---	---	--

	amamo-nos..., mas não me sinto confortável a falar com ele.” “Eu não conheço o meu pai.”		
I-F-16	“A minha família é complicada, mas também me dá muito amor.” “... a minha mãe sempre foi mais fria comigo, nunca me soube demonstrar o que sentia nem expressar o amor...” “Eu e o meu padrasto sempre estabelecemos uma boa relação. Este nunca teve comportamentos agressivos nem me insultava. Eu vejo-o como um pai biológico, um segundo pai. Comigo ele era muito amoroso e carinhoso.”	Ausência de apoio emocional (por parte da mãe) Relacionamentos (Boa relação com o padrasto e os irmãos) Existência de apoio (Apoio emocional-carinho e amor por parte do padrasto) Negligência (outro sujeito que representa a figura paterna - padrasto)	

	“(irmã) quando ela saiu de casa, passámos a ter uma relação mais próxima. Tal como com os meus outros irmãos. Estabeleço com eles uma relação muito próxima.”		
I-F-19	“Em relação à minha mãe, eu estou bem com ela. Em relação ao meu pai, eu ainda não falo com ele, em virtude de acontecimentos passados...” “... não falo com o meu irmão mais velho para eu não ter problemas com o outro irmão. Então eu só falo com a minha mãe.”	Relacionamentos (Boa relação com a mãe; Ausência de relação com o pai e com o irmão mais velho)	
I-M-17	“São muito importantes para mim, porque são a minha família e sem ela eu não estava neste mundo.” “A ligação da minha família é somente baseada nos laços de	União (vínculo biológico) Ausência de apoio emocional Relacionamentos (Boa relação com o irmão)	

	sangue e não vai além disso.” “Para mim não havia amor...” “(ligação com o irmão) Era uma boa relação, saíamos a passear, jogávamos à bola, nunca brigamos.”		
J-F-17	“Não são pessoas emocionais, eu ainda não experimentei aquela sensação do que é ter uma família.” “Eu nunca senti o que era uma família...” “Em relação à minha madrasta e ao meu pai eu não consigo considerar mesmo nada em relação a eles, exceto com a minha irmã mais nova, sendo esta a única pessoa que sinto que é preciosa para mim, porque ela é muito apegada a mim e eu a ela.”	Família desunida (marcada pela ausência do sentimento de família) Relacionamentos (Boa relação com a irmã, marcada pela proximidade) Ausência de apoio emocional Ausência de figuras de referência (Mãe desconhecida)	

	“Em termos afetivos, são pessoas muitos desligadas, sinto que não tenho ninguém para me dar afeto, ou para chamar de mãe ou de pai em concreto. Tudo o que eu faço é só para mim... porque não tenho uma família que me apoie.” “Eu não conheço a minha mãe.”		
J-M-15	“A minha mãe é trabalhadora, ela preocupa-se connosco. Ela estava lá quando nós precisávamos dela e cuidava de nós. Se alguém me fizesse mal, a minha mãe protegia-nos. Sentia carinho vindo da minha mãe e ela também me dava abraços.” “Eu gosto muito das minhas irmãs, elas sempre cuidaram de mim... tínhamos uma boa relação e dávamos bem, mas, como todos	Existência de apoio (Apoio emocional-carinho materno e Interações físicas afetuosas - abraços por parte da mãe) Cuidado (Preocupação com o estado de saúde física e/ou psicológica dos adolescentes - por parte da mãe; Cuidado não especificado por parte das irmãs) Existência de apoio emocional (Disponibilidade da	

	os irmãos tínhamos brigas, também por sermos muitos. Quando um queria uma coisa, os outros também queriam.” “Eu, atualmente, não tenho ligação com o meu padrasto.”	figura materna ao estar presente) Proteção e segurança (Proteção por parte da mãe) Relacionamentos (Boa relação com as irmãs; Ausência de relação para com o padrasto)	
J-M-16	“Eram carinhosos uns com os outros.” “A minha mãe protegia-me muito...” “Eu tinha uma boa relação com a minha avó, porque a minha avó estava sempre comigo, brincávamos juntos... Por exemplo, jogos de mesa no quintal.” “Quem me dava as regras... era a mãe e a tia.” “(relação com o avô) tinha uma relação mais distante e não brincava	Existência de apoio (Apoio emocional-carinho) Proteção e segurança (por parte da mãe) Relacionamentos (Boa relação com a avó; Má relação com o avô) Ausência de figuras de referência (Pai ausente)	

	tanto comigo... não falávamos muito.” “A minha tia dava-me regras, mesmo na presença da minha mãe, eu era para a minha tia como se fosse um filho dela.” “Vivi pouco tempo o meu pai.”		
L-F-16	“Quando perdi a minha mãe, fui viver com a minha tia que, ao invés de me cuidar, acabou por me maltratar imenso... O meu pai passava o tempo todo fora de casa. Eu criei afeto à minha mãe, mas não vivi muito tempo com ela. Sentia-me acarinhada e protegida pela minha mãe.” “No Brasil, eu perdi a minha mãe quando era pequena, porque foi assassinada pelo meu pai.”	Maltrato não especificado (por parte da tia) Ausência de figuras de referência (pai ausente; mãe falecida) Existência de apoio (Apoio emocional-carinho materno e acolhimento por parte da mãe) Proteção e segurança (Proteção por parte da mãe) Familiar com histórico criminal (pai homicida)	

	“Apenas a minha mãe era o meu colo”.		
L-M-17	(Não respondeu)	Sem unidades de significado	
M-F-16	“A minha avó era aquele tipo de pessoa que gostava sempre de estar certa, mas ela era muito carinhosa comigo.” “... o meu avô foi, mais ou menos, o meu pai.” “A minha mãe é instável... Por exemplo, se eu precisasse de falar sobre o meu dia ela não estava lá e também não me queria ouvir. Por exemplo, a minha mãe tem bipolaridade e depressão e uma vez nós estávamos em casa e houve um problema de luz e fomos para casa de uma amiga da minha mãe. Depois, quando regressámos a casa, a minha mãe tinha comprado vinho	Existência de apoio (Apoio emocional-carinho transmitido pela avó) Negligência (outros sujeitos que representam a figura paterna - avô e bisavô) Falta de empatia (por parte da mãe) Presença de problemas de saúde dos pais (doença mental da mãe com bipolaridade e depressão) Maltrato psicológico (uso de gritos por parte da mãe diante de uma determinada situação) Maltrato físico (mãe tenta assassinar a filha) Falta de apoio (por parte do pai)	

	branco e ela começou a beber e, quando ela não viu, eu despejei o vinho para ela não continuar a beber. Quando ela descobriu, começou a gritar comigo e houve uma tentativa por parte dela para me matar.” “Eu nunca senti nem afeto nem carinho do meu pai... ele nunca fez parte da minha infância... Nunca me senti bem com o meu pai, porque não me sentia integrada, sendo que os meus irmãos estavam todos integrados e eu sentia-me de parte.” “... o meu pai é como se fosse o meu bisavô, pois era ele que estava presente na minha vida e não o meu pai.” “A minha mãe sempre teve problemas financeiros.”	Ausência de figuras de referência (pai ausente durante a infância) Sentimentos negativos associados às figuras de referência (sentimentos de exclusão por parte da figura paterna) Existência de problemas financeiros por parte da mãe	
--	--	--	--

M-M-12	“... carinho e afeto.” Investigadora: Se tivesses algum problema sentias que a tua mãe te ajudava a resolvê-lo? Resposta do participante: “Depende. Por exemplo, se eu ficasse mal com um amigo, eu não iria pedir ajuda à minha mãe. Pedia ajuda à minha mãe se gozassem comigo, por exemplo.” “Eu não conheço o meu pai, nem sei quem é.”	Existência de apoio (Apoio emocional-carinho) Ausência de figuras de referência (Pai desconhecido)	
N-F-17	“É muito desunida, cada um fala mal nas costas uns dos outros, tentam-se lixar-se uns aos outros. Para mim a minha família é muito falsa e não tenho confiança para falar com eles. Também não sinto que haja uma ligação afetiva nem	Família desunida Falta de proteção e segurança (com a família) Falta de apoio (por parte da família)	

	apoio entre todos... há uma desunião.”		
O-M-13	“Boa. Ajudavam-se uns aos outros. Por exemplo, quando alguém se aleijava as outras pessoas ajudavam e também se a pessoa precisasse eles ajudavam.”	Existência de apoio (Escuta, aconselhamento e ajuda perante dificuldades/problemas - ajuda entre familiares)	
O-M-15	“É uma família normal, éramos cúmplices e unidos.” “(relação com a sua mãe) É boa, embora tenha sido aquela que mais me tenha dado na cabeça e quem mais me ralhou.” “Eu não me dou com o meu padrasto.” “Com o meu pai, eu sou unha e carne. Tenho maior ligação com o meu pai.” “Não, não há muitas brigas. Nós ajudamo-nos uns aos outros.”	União (por ligação afetiva) Relacionamentos (Ausência de relação com o padrasto; Boa relação com a mãe e com o pai) Existência de apoio (Escuta, aconselhamento e ajuda perante dificuldades/problemas - ajuda entre todos os familiares)	

	“Os meus pais são separados. Eu vivi com os meus pais até eles se separarem, eles estão separados há cerca de 4 ou 5 anos.”		
P-F-14	“É tudo descontrolado, porque agora está tudo separado.” “A minha relação com a minha avó era ótima, pela forma como ela me tratava e dava-me amor. A minha relação com a minha mãe era igual, tinha amor, nunca foi agressiva em momento algum.” “Era raro estar com o meu avô, porque estava no exército e não tenho muitas memórias dele. Ele morreu quando eu tinha 7 anos.” “Eu não convivo muito com o meu pai, eu não gosto dele nem de nenhum irmão dele. Como pai não gosto	Família desunida Relacionamentos (Boa relação com a avó, com a mãe e com o ex-padrasto; Má relação com o avô e com o pai) Existência de apoio (Apoio emocional-amor por parte da avó e da mãe) Cuidado (cuidado não especificado por parte do padrasto) Sentimentos negativos associados às figuras de referência (Inexistência de afeto pela figura paterna) Ausência de figuras de referência (Pai ausente)	

	dele, porque nunca teve comigo e nunca me criou. Quem é pai é quem cria. Ele nunca viveu comigo. Só tive a presença do meu avô e do meu ex-padrasto.” “A relação com o meu ex-padrasto era boa, levava-me para sair e era um bom amigo para mim.” “O meu padrasto estava sempre a cuidar de mim e do meu irmão quando a minha mãe não estava.” “O meu pai está preso.”	Familiar com histórico criminal (Pai preso)	
P-M-18	“O meu pai era um alcoólico e a minha mãe era muito passiva e gostava muito de fumar. O meu irmão parecia que assumia como responsabilidade ser meu pai. Esta responsabilidade que o meu irmão assumiu, surgiu porque os meus	Comportamentos aditivos na família (Pai alcoólico e Mãe fumadora) Negligência (outro indivíduo que assume as responsabilidades parentais - irmão)	

	pais não faziam o trabalho deles, o que gerou muito ódio no meu irmão...” “Eu não sentia muito que aquilo era uma família.” “O meu pai e a minha mãe saíram antes (de casa), porque se separaram.”	Família desunida (marcada pela ausência do sentimento de família)	
R-F-17	“Quando vivia com a minha mãe eu cheguei a passar fome e levava porrada... Eu é que cuidava dos meus irmãos mais novos, porque a minha mãe saia. Eu fui o apoio para os meus irmãos, e eu passei imensamente mal com esta situação. Tinha de me levantar muito cedo para ir a pé para a escola e tinha de fazer tudo para mim.” “(mãe) Eu não considero aquela mulher como minha mãe, para mim ela não	Negligência (Falta de satisfação de necessidades básicas por parte da figura materna; outro indivíduo assume as responsabilidades parentais – própria adolescente) Maltrato físico (por parte da mãe) Sentimentos negativos associados às figuras de referência (Inexistência de afeto pela figura materna)	

	existe, porque eu sofri muito nas mãos dela sobretudo quando me batia muito. Eu não gosto dela e não a quero voltar a ver nem ter contacto com ela. Como mulher e mãe acho que não devia fazer o que fez.” “O meu padrasto, muitas vezes, não deixava a minha mãe me bater, ou seja, protegia-me dela. Por exemplo, ele colocava-se à minha frente para ela não me bater. Ele não gostava nada que a minha mãe me fizesse aquilo. Ele foi um apoio para mim.” “Ele (padrasto) dava-me atenção, perguntava-me como estava a escola, por exemplo.” “...(padrasto) sei que num momento difícil se eu precisasse ele iria	Proteção e segurança (Proteção por parte do padrasto quando este defendia a adolescente da agressividade da mãe) Existência de apoio (Apoio emocional - atenção por parte do padrasto e partilha de emoções com o padrasto; Escuta, aconselhamento e ajuda perante dificuldades/problemas - ajuda por parte do padrasto; Interações físicas afetuosas - abraços e beijinhos por parte do padrasto) Cuidado (Preocupação com o estado de saúde psicológica da adolescente - preocupação por parte do padrasto; Relacionamentos (Boa relação com a irmã)	
--	---	--	--

	ajudar-me. Apesar de tudo, o meu padrasto foi o meu apoio, foi com quem desabafei e contei sobre a minha vida e sobre o que estava a sentir. Ao contrário da minha mãe, com quem eu nunca falava nem lhe dava um abraço ou um beijinho, com meu padrasto eu dava-lhe abraços e beijinhos, ou seja, tinha mais intimidade com ele.” “... eu tive pouco tempo com o meu irmão, pois só tive com ele quatro meses. Com a minha irmã eu passei mais tempo com ela, pois a minha mãe ia para os cafês e o meu padrasto ia trabalhar. A minha mãe deixava-nos sozinhas em casa, a mim e à minha irmã, trancadas em casa para não sairmos.... Tenho muita ligação com a minha irmã, tanto que	Ausência de figuras de referência (Pai desconhecido)	
--	--	---	--

	ela é que muitas vezes se colocava à frente da minha mãe para ela não me bater. Eu tenho uma boa relação com a minha irmã.” “Nunca conheci o meu pai e nunca o vi, nem tenho contacto com ele.”		
R-M-12	“A minha família é divertida, carinhosa, quase nunca havia brigas a reclamar com os filhos. Eu tinha uma boa relação com a minha mãe. Eu era mais próximo da mãe, porque o meu pai está quase sempre a trabalhar. Além disso, o meu pai é o homem da casa. Por outro lado, a minha mãe passava mais tempo connosco. Com a minha irmã, a relação também é boa... e com o meu irmão também não brigávamos muito e gostávamos muito um do outro.”	Existência de apoio (Apoio emocional-carinho) Relacionamentos (Boa relação com a mãe, a irmã e com o irmão)	

	“(família) Era carinhosa.”		
S-M-13	(Não respondeu)	Sem unidades de significado	
S-M-17	“A minha mãe dava-me atenção, ela amava-me, ela fazia tudo o que podia para o meu bem-estar, mesmo que estivesse envolvida em drogas. No entanto, quando estava sob o efeito de drogas a sua atenção para comigo diminuía...” “A minha avó tinha o mesmo comportamento que a minha mãe em relação a dar-me atenção, dar-me amor e garantir o meu bem-estar.” “Eu nunca morei com o meu pai, porque ele morreu quando eu era criança.” “Há uns anos a minha mãe voltou para a drogas.”	Existência de apoio (Apoio emocional-atenção e amor materno e da avó materna) Ausência de figuras de referência (Pai falecido) Comportamentos aditivos no contexto familiar (mãe usa drogas)	

T-F-16	“A minha família não estabelece muito afeto entre todos... a relação com a minha tia não existe, uma vez que não mantenho um contacto regular com esta. Mesmo com os meus pais não tenho muita ligação. Gosto imenso dos meus irmãos mais novos, mas infelizmente não consigo estabelecer contacto com eles...” “... com o meu pai eu não falo com ele, uma vez que se encontra preso.”	Relacionamentos (Má relação com ambos os pais; Ausência de relação com a tia, o pai e os irmãos) Falta de apoio emocional (por parte da família) Familiar com histórico criminal (Pai preso)	
T-M-16	“... desde que vim para a instituição, fiquei triste porque me afastei deles, o que faz com que tenhamos uma relação distante.”	Relacionamentos (Má relação com a família)	
Questão 3 - Como era a comunicação dentro da tua família?			
Participantes	Verbalizações	Unidades de Significado	Alguns exemplos elucidativos das verbalizações
A-F-17	“O tom da minha mãe se lhe pedisse algo era muito calmo, ela subia	Comunicação funcional (serena por parte da mãe)	

	de tom mais com os meus irmãos porque não a ouviam.” “(mãe e irmão mais velho) eles os dois começaram a reclamar muito um com o outro, porque o meu irmão não trabalhava muito...”	Comunicação disfuncional (presença de conflitos entre a mãe e o irmão)	
A-M-15	(Não respondeu)	Sem unidades de significado	
B-M-17	“Nunca demonstrei os meus sentimentos para com os meus pais.” “O meu pai tinha um tom mais agressivo e fazia-me sentir culpado por um assunto que tinha pouca relevância. Se fizesse algo mal, o meu pai colocava-me isso na cara. A minha mãe era mais calma a falar comigo, poucas vezes subia o tom de voz. Subia o tom de voz quando se chateava comigo por não ter	Comunicação disfuncional (passiva – omissão da expressão emocional por parte do adolescente para com os pais; agressividade verbal na forma como os pais falavam; passivo-agressiva pela culpabilização usada pelo pai) Comunicação funcional (serena por parte da mãe)	

	respeitado a minha avó, por exemplo.” “O meu pai era agressivo comigo, sentia-me atacado nas palavras, por exemplo.”		
D-M-12	“(com os pais) Eu falava sobre tudo com eles.” “A minha mãe tinha um tom calmo comigo, ela nunca gritou comigo. O meu pai também era calmo a falar comigo, mesmo quando me portava mal. Tal como a minha madrasta.” Investigadora: Se tu tivesses uma opinião diferente dos teus pais, o que sentias? Resposta do participante: “Eu compreendia o que os meus pais me queriam dizer. Também sentia que os meus pais	Comunicação funcional (abertura na comunicação com os pais; serena por parte da mãe, da madrasta e do pai; assertiva – entre o adolescente e os pais) Comunicação disfuncional (comunicação passiva - concordância sobre as opiniões dos pais sem questionamentos)	

	compreendiam aquilo que eu dizia.” Investigadora: Então e se tu achasses que uma coisa era cinzenta e os teus pais achassem que era verde, o que farias? “Eu iria concordar que era verde, eu não falava com os meus pais para que eles percebessem que aquilo podia ser de outra cor, apenas concordava.”		
D-M-15	“Desde que eu cresci, eu nunca mais desabafei com o meu pai...” “O meu pai ensinou-me, em que sempre que ele fala, eu apenas tenho de concordar. Neste caso, eu nem dizia nada.” Investigadora: O que sentias em relação à tua madrastra? Sentias, de alguma	Comunicação disfuncional (passiva – omissão da expressão emocional para com a figura paterna e concordância sobre as opiniões do pai sem questionamentos)	

	forma, que ela poderia impor a sua opinião ou sentias que ela te escutava? Resposta do participante: “(madrasta) Tentava-se impor mais do que eu, no entanto, como eu morava há mais tempo naquela casa do que ela, eu era mais teimoso do que ela.”		
D-M-16	(Não respondeu)	Sem unidades de significado	
D-M-17	“(mãe)... não sentia liberdade para falar com ela...” “Eu era agressivo a falar com todos.” “A minha mãe era agressiva a falar comigo quando eu me portava mal, nos outros casos era mais calma.” “Os meus avós e o meu pai eram pessoas calmas a falaram comigo.”	Comunicação disfuncional (dificuldade de comunicação com a mãe; agressividade verbal na forma como o adolescente falava com os familiares; passivo-agressiva: por o adolescente não escutar ou ignorar o que os pais dizem) Comunicação funcional (serena por parte do pai e dos avós; abertura na	

	“Por vezes, quando tinha opiniões diferentes dos meus pais e dos meus avós eu não ouvia o que eles tinham a dizer sobre o assunto... Eu ignorava o que o meu pai falava. Em relação à minha mãe eu ignorava-a completamente”. “Com o meu pai e os meus avós eu não sentia medo em falar com eles, pelo contrário sentia liberdade para falar.”	comunicação com o pai e os seus avós)	
E-M-17	(Não respondeu)	Sem unidades de significado	
F-F-15	“... eu nunca me abria com ninguém dentro de casa porque sinto essa dificuldade...” “Não me sentia à vontade para falar com as pessoas dentro de casa.” “Eu, dentro de casa, não me abria muito,	Comunicação disfuncional (passiva – não expressa as necessidades com a família e submete-se à perspectiva do outro, neste caso, com a figura paterna; dificuldades de comunicação - com a família)	

	não explorava o que estava a sentir.” “A comunicação com o meu pai era limitada, porque nunca falava muito com ele, nunca me abri com ele e, por isso, não sentia confiança em conversar com ele. Eu nunca fui de abraçar ou de dar carinho ao meu pai, evitava sempre o contacto físico com ele.” “Não tenho muita comunicação com a minha madrastra porque também a conheci há pouco tempo.” “Também não comunico muito com as minhas irmãs mais velhas, porque elas foram às suas vidas, então não falo muito com elas. Não tenho muito relação com elas para me abrir.”	Falta de proteção e segurança (com a família e com a figura paterna)	
--	---	---	--

	“Quando vivia com o meu padrasto e a minha mãe eu não comunicava dentro de casa. Eu falava apenas o básico, por exemplo, não debatia ideias com eles, falava apenas se me estivesse a sentir mal ou como correu a escola, por exemplo. Em comparação com a casa da minha madrasta e do meu pai, onde eu conseguia falar mais.” “Por exemplo, se o meu pai me afirmasse que era assim, eu apenas consentia.” “(família) Nem sempre me compreendiam se eu demonstrasse uma opinião diferente da deles.”		
F-M-14	“O meu pai era um apoio para mim, conseguia falar com ele abertamente sem restrições.”	Comunicação funcional (abertura na comunicação para com a figura paterna; equilibrada - o pai, o	

	“O meu pai tinha um tom calmo, mas também sério, ou seja, quando era brincadeira ele brincava, mas quando o assunto era mais sério ele assumia outra postura com um tom mais grosso, mas não gritava comigo. Nesses momentos, ele dizia-me para não voltar a fazer certas coisas, por exemplo. Tal como o meu tio e a minha tia.”	tio e a tia ajustavam o tom de voz consoante a situação)	
G-M-12	“Eu conseguia falar à vontade com os meus pais.” “Eu não brigava muito com o meu pai, ele falava de forma calma comigo. Por vezes, ele subia o tom de voz quando eu também subia o tom de voz quando estava chateado. Por exemplo, eu ficava zangado com um jogo, eu falava com ele sobre	Comunicação funcional (abertura na comunicação para com os pais; serena por parte do pai)	

	isso, ele não me compreendia e eu começava a levantar o tom de voz.” “Eu falava normalmente com a minha mãe, também falava alto quando acontecia o mesmo que expliquei anteriormente.”		
G-M-15	“Os meus pais eram calmos a falar comigo, por vezes discutiam, mas evitavam de o fazer à nossa frente.”	Comunicação funcional (serena por parte dos pais; pais evitam conflitos na presença do adolescente)	
H-F-18	“Os meus avós, com quem vivi no Brasil, eram pessoas conservadoras e agressivas na forma de falar.” “(mãe) No início ela era muito agressiva, tratava-me mal, chamava-me nomes, humilhava-me.” “(irmão) conversamos normal..., mas não vai	Comunicação disfuncional (agressiva por parte dos avós e da mãe; presença de conflitos com o irmão; dificuldades de comunicação com o irmão)	

	além disso. Nós brigávamos-nos muito...”		
I-F-16	“(mãe) eu e ela desenvolvemos algumas brigas... eram mais do tipo agressivo, sendo que, à medida que fui crescendo, quando aconteciam estas brigas eu ficava calada a ouvi-la e sentia que tinha algo entalado na garganta que gostava de falar, mas não conseguia dizer nada.” “Com a minha mãe era mais difícil de falar ...por vezes, tinha momentos em que estava com a cabeça quente e acabava por falar de forma agressiva e tinha comportamentos mais agressivos. Então acabava por ser difícil de estabelecer alguma comunicação com ela...”	Comunicação disfuncional (agressiva por parte da mãe e com a irmã; passiva - pela incapacidade em se expressar com a mãe; dificuldade de comunicação com a mãe) Comunicação funcional (serena por parte do padrasto) Maltrato psicológico (proliferação de insultos entre participante e irmã)	

	“... com o meu padrasto eu tinha maior facilidade para falar com ele, até porque ele era mais calmo e tranquilo na forma de falar e não apresentava comportamentos agressivos.” “Quando morava com a minha irmã, nós acabávamos por discutir, o que levava a que nos insultássemos todos os dias.”		
I-F-19	“É muito boa, porque nós sabemos falar entre todos. Conseguimos socializar e sabemos falar quando acontece alguma coisa.” “Eu falava tudo com os meus pais...” “A minha mãe é mesmo muito calma a falar connosco, já o meu pai é mesmo muito agressivo.”	Comunicação funcional (abertura na comunicação com os pais; serena por parte da figura materna) Comunicação disfuncional (agressividade por parte da figura paterna; passiva - pela submissão às opiniões dos pais e sem liberdade em expressar a sua opinião)	

	“Nós fomos criados de maneira a não responder e a não ser mal-educados com os pais, então nós tínhamos aquele medo de responder. Então, mesmo que tivéssemos uma opinião diferente, nós nem conseguíamos responder, sendo que o meu pai e a minha mãe ralhavam connosco e nós ficávamos calados. Nós pedíamos ao meu pai desculpa, sendo que tudo era na base do diálogo, o meu pai é que, de vez em quando, se passava e tornava-se mais agressivo.” “Atualmente o meu pai é uma pessoa mais calma.”		
I-M-17	“(comunicação com a mãe) Não era muito boa, não falávamos muito. Ela gritava um pouco.” “(ligação com o padrasto) Ultimamente	Comunicação disfuncional (agressiva por parte da mãe e por parte do padrasto; presença de conflitos entre a mãe e o padrasto)	

	a comunicação já não era boa, pois gritava muito comigo e eu já nem ligava ao que ele dizia.” “(relação da mãe com o padrasto) Mais ou menos, porque ao início davam-se bem, mas depois havia muita confusão e discutiam muito. Essas discussões eram sobre mim, porque eu falava mal com o meu padrasto.”	Maltrato psicológico (gritos por parte da mãe e do padrasto)	
J-F-17	“Eu não conseguia falar com a minha família sobre os meus sentimentos nem opiniões.” “Eu não falava nem com o meu pai nem com a minha madrasta, só ficava calada e pedia desculpa se fosse necessário ou chorava se o sentisse. Eu não tinha comunicação nem com o meu pai nem com a minha	Comunicação disfuncional (passiva – adolescente não se consegue expressar emocionalmente com a família e dificuldade de comunicação com a família, pai e madrasta; passivo-agressiva – por parte do pai e da madrasta caracterizada pela culpabilização) Falta de empatia (pelo facto do adolescente não se sentir	“Por exemplo, o meu pai abordava sobre algo e eu começava logo a tremer, porque, para mim, era um trauma.”

	madrasta, porque eu tinha medo... nem um lado nem o outro me compreendiam, então acabava por me calar.” “(vivência com pai e madrasta) Sempre que acontecia algo, por exemplo, desaparecia alguma coisa, culpavam-me sempre a mim.”	compreendido pelo pai e pela madrasta)	
J-M-15	“A minha mãe falava de forma calma comigo... As minhas irmãs também eram calmas a falar comigo. O meu padrasto também nunca levantou o tom de voz comigo.” “Se eu tivesse uma opinião contrária à minha mãe (e.g., se ela achasse que estar ao telemóvel muito tempo fazia mal, mas eu não), nós não falávamos sobre isso...”	Comunicação disfuncional (dificuldade de comunicação com a mãe e entre familiares) Comunicação funcional (serena por parte da mãe, do padrasto e das irmãs)	

	“Não era fácil a comunicação entre todos... (família)”		
J-M-16	“Com os meus avós nunca falei quando estava triste, era mais distante nestes casos, por não me sentir com facilidade de falar da minha tristeza com eles. Tinha maior facilidade para falar com a minha mãe e com a minha tia, pois sentia-me mais à vontade e com mais liberdade para falar com elas sobre o que estava a sentir no momento.” “A comunicação era calma, nunca ninguém subiu o tom de voz, não havia agressividade.”	Comunicação funcional (abertura na comunicação do adolescente para com a sua mãe e a sua tia; serena entre os familiares) Comunicação disfuncional (passiva – com os avós)	
L-F-16	“A comunicação não existia dentro de casa em nenhum sentido, porque eu nunca fui ouvida pela minha tia e muito menos pelo meu pai.”	Comunicação disfuncional (dificuldade de comunicação com a tia e o pai)	

		Falta de empatia (adolescente não se sente ouvida pela tia e pelo pai)	
L-M-17	“(mãe) Se tivesse uma opinião distinta não chegávamos a um consenso nem percebíamos a opinião um do outro.” “(comunicação com os irmãos) Nós conseguíamos falar uns com os outros, mesmo com opiniões diferentes, havendo respeito entre todos.”	Comunicação disfuncional (dificuldade de comunicação com a mãe) Falta de empatia (entre o adolescente e a mãe) Comunicação funcional (comunicação assertiva entre os irmãos)	
M-F-16	“Era má. Eu conseguia falar com os meus avós, com o meu pai e com a minha mãe, mas eu nunca conseguia falar sobre assuntos importantes, por exemplo. Com a minha mãe só comecei a conseguir falar com ela melhor, em virtude de uma briga que tivemos.”	Comunicação disfuncional (dificuldade de comunicação com a mãe, pai e avós)	

	“O meu pai não me visitava nem me ligava. Detalhe quando tive em França e passei fome, o meu pai nunca me ligou nesse período, depois que eu regresssei a Portugal eu recusei-me a falar com ele. Não existe comunicação desde que eu fiz 15 anos.”		
M-M-12	“Eu não falo muito com o meu padrasto.” “O meu irmão mais velho é que não fala com o meu padrasto.”	Comunicação disfuncional (dificuldade de comunicação com o padrasto e entre o padrasto e outros familiares)	
N-F-17	“Não há muita, cada um está no seu canto e ninguém fala uns com os outros. Há mais diálogo entre a minha avó e a minha tia. De resto, o meu pai não fala com ninguém. Se surgisse um problema na minha vida não falava com ninguém e tentava resolver sozinha ...”	Comunicação disfuncional (dificuldade de comunicação entre os familiares)	

O-M-13	“Falavam de forma calma.”	Comunicação funcional (serena entre familiares)	
O-M-15	(Não respondeu)	Sem unidades de significado	
P-F-14	“Quando falava com elas (avó e mãe), eu sentia-me à vontade para falar e dizia tudo o que sentia, não tinha limites.” “Eu estava sempre a falar com a minha bisavó, era com ela que eu desabafava e com quem eu me abri, porque a minha mãe e a minha avó estavam sempre a trabalhar e ela era a única que estava ali comigo. Eu conseguia falar mais com a minha bisavó do que com a minha mãe e a minha avó.” “Havia sempre guerras em casa, em que alguns se separavam por algum tempo...”	Comunicação disfuncional (presença de conflitos entre familiares) Comunicação funcional (abertura na comunicação por parte da adolescente para com a bisavó, avó e mãe; assertiva – por parte da mãe e da avó) Empatia (adolescente sente que era compreendida pela mãe e pela avó)	

	“Quando estávamos todos juntos era tudo calmo, as guerras que existiam era entre a minha avó e a minha mãe.” “Se eu tivesse uma opinião diferente da minha mãe, ela podia reclamar, mas depois ela conseguia perceber o meu lado.” “A minha avó era mais compreensível comigo, era raro reclamar.”		
P-M-18	“Havia muitos conflitos, principalmente do meu pai com toda a gente.” “O tom de voz do meu pai era muito agressivo...” “Eu não sei muito bem, porque eu própria também nunca percebi. No entanto, se eu tivesse de dizer, diria que a minha família	Comunicação disfuncional (presença de conflitos e agressividade por parte do pai; dificuldade de comunicação entre os familiares)	

	não comunicava muito.” “Dialogar entre todos nunca aconteceu. Nunca aconteceu reuniões ao jantar. Nunca ouve nada disso.” Investigadora: Sentias, de alguma forma, que vocês discutiam de forma saudável sobre uma opinião diferente? Resposta do participante: “Não, nós apenas fazíamos as coisas e depois se desse porcaria, acabava em discussão.”		
R-F-17	“Tinha abertura para falar com o meu padrasto.” “Se eu tivesse uma opinião diferente à da minha mãe, ela começava logo a gritar e a discutir comigo, até que começava a	Comunicação disfuncional (agressiva - por parte da mãe e presença de conflitos quando o adolescente discorda da sua mãe) Comunicação funcional (abertura na comunicação para com	

	ameaçar-me. Então já nem tentava mais falar com ela. No entanto, o meu padrasto dizia que eu tinha razão e pedia à minha mãe para se acalmar... a minha mãe ameaçava-me muito sobre me ir deixar à porta do tribunal e dizia às outras pessoas que eu não valia nada.” “Se eu tivesse uma opinião diferente do meu padrasto, nós ficávamos a discutir de forma saudável sobre o assunto, sem subir o tom de voz e respeitávamos as opiniões um do outro.”	o padrasto; assertiva com o padrasto) Maltrato psicológico (ameaças e gritos por parte da mãe)	
R-M-12	“Dentro de casa, eu apenas aceitava a opinião dos meus pais e não perguntava nem me defendia.”	Comunicação disfuncional (passiva - submissão à perspectiva dos pais por parte do adolescente)	
S-M-13	(Não respondeu)	Sem unidades de significado	
S-M-17	“A minha mãe quando começou a entrar para as drogas ela não me	Comunicação disfuncional (dificuldade de	

	ouvia, porque ela estava mais focada naquilo. Havia uma maior dificuldade para falar com ela.” “Se eu tivesse uma opinião diferente da minha mãe eu respeitava a opinião dela.” “Se a minha mãe me pedisse uma coisa que eu não gostasse, mas se não fosse algo severo, eu faria. No entanto, se fosse algo que ia completamente contra a minha vontade, eu não faria. Contudo, eu não diria logo que não à minha mãe, primeiro iria tentar dar à volta à situação.”	comunicação com a mãe quando estava sob o efeito de drogas) Comunicação funcional (assertiva - respeito pelas opiniões diferentes e o adolescente protege os próprios limites)	
T-F-16	“Se a minha tia me pedisse algo o seu tom de voz dependia de como ela se encontrava... Ela tinha um sentido de humor muito estranho. Ela vivia com muitos	Comunicação funcional (agressividade verbal por parte da tia) Maltrato psicológico (por parte da tia)	

	problemas. Se ela estivesse num dia mau, iria ter uma má reação, ou seja, era má e agressiva na forma como falava comigo.” “A minha tia falava particularmente alto e gritava muito comigo, mas não demonstrou muito da sua agressividade em termos físicos.”		
T-M-16	“Caso tivesse uma opinião diferente dos meus pais, eles diziam-me para eu não ficar com aquela opinião, e eles falavam a sua perspectiva acerca da situação. Por exemplo, defendiam que eu devia ir para a escola, mas eu não queria, porque tinha sempre a vontade de ficar em casa. Eu andava sempre com más companhias, e quando vim parar à instituição, os meus pais também ficaram tristes e o meu	Comunicação funcional (clareza - os pais tinham a preocupação de informar o adolescente e comunicam a sua opinião)	

	pai disse que se eu tivesse seguido as conversas deles, eu não estava nesta situação agora.”		
Questão 4 - Durante o tempo em que estiveste e/ou estás com os teus pais, como é/era o ambiente familiar (momentos em família)?			
Participantes	Verbalizações	Unidades de significado	Alguns exemplos elucidativos das verbalizações
A-F-17	“Havia momentos em família, mas não eram muitos.” “Eu gostava imenso de estarmos todos juntos.”	Existência de momentos em família Sentimento positivo em relação a estes momentos	
A-M-15	“Por vezes íamos jantar fora.” “Sentia felicidade.”	Existência de momentos em família Sentimento positivo em relação a estes momentos	
B-M-17	“Era mais no verão, íamos às termas, almoçar ou jantar fora” “Sentia união, uma relação mais próxima com os meus pais.” “O meu pai era mais calmo quando eu estava fora de casa, se	Existência de momentos em família Sentimento positivo em relação a estes momentos (e.g., maior proximidade com os pais) Inconstância no comportamento do pai	

	tivesse dentro de casa era mais agressivo. Já a minha mãe era a mesma coisa dentro e fora de casa.”	dentro versus fora de casa (pai apresenta-se mais calmo fora de casa e mais agressivo dentro de casa)	
D-M-12	“Fazíamos churrasco, íamos à praia e viajar, por exemplo. Eu ficava muito feliz porque estávamos juntos e sentia que todas as pessoas estavam próximas umas das outras. Gostava desses momentos.”	Existência de momentos em família Sentimento positivo em relação a estes momentos (e.g., maior proximidade entre os familiares)	
D-M-15	“...com a minha mãe eu lembro de ir a todo o lado com ela. Neste caso, a minha mãe saía e eu saía junto com ela.” “(pai e madrasta) Era raro fazermos algo juntos. Eu não gosto de sair com eles. Era mais no verão que nós saíamos, por exemplo, íamos à praia ou à piscina e jantar fora (era o que mais fazíamos).”	Existência de momentos em família Sentimentos ambivalentes: positivo (nos momentos com a mãe e maior proximidade com o pai) e negativo (nos momentos com o pai e a madrasta) Inconstância no comportamento da madrasta dentro versus fora de casa (por parte da madrasta)	

	Investigadora: O que é que tu sentias nesses momentos? Resposta do participante: “Feliz, mas triste em relação ao facto da minha mãe, pois eu não gostava de sair sem ela. Além disso, também sentia, nesses momentos, que estava mais próximo do meu pai.” Investigadora: O teu pai e a tua madrasta tinham as mesmas atitudes dentro e fora de casa? Resposta do participante: “Não, a minha madrasta tem duas caras. Fora de casa é uma coisa e dentro de casa ela é outra. Dentro de casa, a minha madrasta era irritante e até me incomodava, enquanto fora de casa ela era outra pessoa, ou seja, digamos que se apresentava como uma boa senhora.”	
--	---	--

D-M-16	“Íamos almoçar fora.” Investigadora: O que é que tu sentias nesses momentos? Resposta do participante: “Felicidade, porque estávamos todos juntos.”	Existência de momentos em família Sentimento positivo em relação a estes momentos	
D-M-17	“Sim. Com a minha mãe e com o meu pai já fui ao cinema. Com os meus avós fui à praia.” “Sentia-me feliz, acarinhado pela família e mais próximos deles, nestes momentos.”	Existência de momentos em família Sentimento positivo em relação a estes momentos (e.g., maior proximidade com os pais)	
E-M-17	“Eu tinha esses momentos com a minha mãe, por exemplo, íamos sair, íamos à praia, ficávamos horas a conversar, em contrapartida com o meu pai isso não acontecia.”	Existência de momentos em família (com a mãe) Falta de momentos em família (com o pai)	
F-F-15	“Sim, às vezes um fim de semana íamos dar uma volta de carro ou	Existência de momentos em família	

	ir parque, mas era por causa do meu irmão apenas porque ele era pequeno. Nesses momentos, eu estava a brincar com o meu irmão no parque, e sentia-me feliz com ele.”	Sentimento positivo em relação a estes momentos (quando estava a brincar com o irmão no parque)	
F-M-14	“Com o meu pai e a minha madrastra, nós criámos momentos em família, íamos almoçar fora, íamos ao parque, víamos um filme. Era um momento espontâneo.” “Com os meus tios e o meu pai, quando estávamos na Bélgica, fazíamos almoços juntos, por exemplo. Só com os meus tios, íamos ver filmes, jogar futebol, íamos até Bruxelas à capital passear.” “Sentia-me feliz e acolhido por todos, sentia que me podia aproximar mais dos	Existência de momentos em família Sentido pelo adolescente como um momento natural Sentimento positivo em relação a estes momentos	

	meus tios e do meu pai.”		
G-M-12	“Íamos jogar à bola num salão de jogos em família.” “Sentia-me normal, porque já era habitual para mim... porque se eu estava em casa era para conviver.”	Existência de momentos em família Sentido pelo adolescente como um momento natural	
G-M-15	“Jantares e churrasco, quase todos os sábados nós íamos para o terreno do meu pai fazer churrasco e ir para a piscina... Eu sentia felicidade.”	Existência de momentos em família Sentimento positivo em relação a estes momentos	
H-F-18	“Com os meus avós nós fazíamos jantares, fazíamos churrasco aos domingos” “Esses momentos eram muito divertidos, mas eu tinha de ter cuidado com os meus tios, porque eram perigosos e predadores.... Retirando esse aspeto, estes eram bons momentos...”	Existência de momentos em família Sentimentos ambivalentes: positivo (por ser divertido) e negativo (falta de segurança em relação aos tios) Falta de proteção e segurança (com os tios)	

I-F-16	“Desde que eu estou na instituição criamos mais momentos em família. Antes disso, estes momentos eram mais raros. Por exemplo, íamos todos para a sala, a minha mãe deitava-se no meu ombro, tapava-se e agarrava-se a mim. Também saímos a passear ou íamos às compras.” “... sinto-me bem e feliz, uma vez que estamos todos juntos à mesa, sinto que tenho ali a minha família. Eu fico muito entusiasmada com a situação.”	Existência de momentos em família Sentimento positivo em relação a estes momentos	
I-F-19	“Muitos. O momento que tivemos foi em 2020, em que nós fomos para albufeira.... Foram bons momentos.” “O sábado era sempre dia de ver filme, nós fazíamos pipocas.”	Existência de momentos em família Sentimento positivo em relação a estes momentos	

	“Eu sentia-me muito feliz, às vezes eu sinto que não aproveitei o suficiente...”		
I-M-17	“Eu não saia muito, mas havia momentos. Íamos ao shopping, jantar fora...” “O meu padrasto era mais calmo fora de casa. Enquanto dentro de casa ele assumia-se mais agressivo na forma como falava, pois, ele gritava imenso.”	Existência de momentos em família Inconstância no comportamento do padrasto dentro versus fora de casa (atitude do padrasto)	
J-F-17	“Natal, este é o único momento em que me ri mais, em que nos rimos todos e nos abraçamos.” “Eu sentia felicidade nesses momentos... No entanto, eu não conseguia confiar em ninguém da minha família...” “Eu não tenho saudades destes	Existência de momentos em família Sentimentos ambivalentes: positivo (felicidade e por estar com a irmã); negativo (pela falta de segurança sentida pela sua desconfiança) Falta de proteção e segurança (para com a família)	

	momentos. Só tenho saudades de estar com a minha irmã, ela é a única família que eu sinto que tenho neste momento.”		
J-M-15	“Acho que sim, mas era mais quando eu morava com os meus avós. Nós não saíamos de casa, íamos mais à horta do meu avô. Até vir para a instituição estes momentos eram uma coisa normal para mim, não sentia nada demais, quando vim para a instituição percebi que deveria ter aproveitado mais esses momentos. Nesses momentos sentia que estava mais próximo dos meus familiares. Quando vim para a instituição sentia-me mais triste ao me lembrar desses momentos, porque já não os tinha...”	Existência de momentos em família Sentido pelo adolescente como um momento natural Sentimento positivo em relação a estes momentos (saudade e tristeza pela ausência destes momentos após a institucionalização bem como a maior proximidade com os familiares)	
J-M-16	“Sim. Já fui a Paris à disneyland e ao	Existência de momentos em família	

	Algarve... também íamos várias vezes ao cinema.” “Sinto-me feliz e próximo da minha família que gostam de mim, há uma maior proximidade com os meus avós.”	Sentimento positivo em relação a estes momentos (e.g., maior proximidade com os familiares neste caso, os avós)	
L-F-16	“Nunca existiram esses momentos. Eu sinto-me normal com isso, porque foi sempre assim. Para eles era normal não existirem esses momentos.”	Falta de momentos em família Normalização da falta de convivência familiar	
L-M-17	“Não houve momentos em família.” “Não, não sinto falta daquilo que não existiu.”	Falta de momentos em família Normalização da falta de convivência familiar	
M-F-16	“Só me recordo de momentos específicos em separado com a minha mãe e o meu pai. Com o meu pai foi quando ele me levou às compras e me comprou um boneco e eu guardei esse boneco. Com a minha mãe eu	Existência de momentos em família (com os pais de forma separada)	

	faltei à escola e fiquei ao pé da minha mãe a desenhar e ela também ficou lá quieta, em que ela não me dizia nada e eu também não.”		
M-M-12	“Não.”	Falta de momentos em família	
N-F-17	“Não havia. Não sei, mas só ficava no meu quarto e não saia dali é como se eu não existisse.”	Falta de momentos em família	
O-M-13	“Sim. Íamos ao centro comercial todos juntos de vez em quando.”	Existência de momentos em família	
O-M-15	“Sim, claro. Eram bons momentos. Eu ia com o meu pai e a minha mãe almoçar, íamos passear. No verão íamos de férias. Eu gostava de estar em família. Agora isso já não acontece, porque mesmo que a minha mãe saia com o meu padrasto eu não vou, prefiro ficar em casa ou ir para o meu pai.”	Existência de momentos em família Sentimento positivo em relação a estes momentos	

P-F-14	“Sim, saímos para comer fora. Também havia momentos em que cozinávamos todas juntas. Ocorria mais ao fim de semana, quando as pessoas estavam mais em casa.” Investigadora: O que sentias em relação a esses momentos com a tua família? Resposta da participante: “...felicidade, porque estavam todos reunidos, a trabalhar em conjunto, sentia-me mais próxima da minha avó e da minha mãe nesses momentos. Naqueles momentos elas estavam mais próximas de mim, por estarmos mais juntas e concentradas no momento.”	Existência de momentos em família Sentimento positivo em relação a estes momentos (e.g., maior proximidade com os familiares)	
P-M-18	“Eu tenho muito a mania de ficar em casa, então cada vez que eles me forçavam a sair de	Existência de momentos em família Sentimento negativo	

	casa para ir à praia (o que eu também não gosto), eu acabava por odiar aquilo. E depois começava a querer ficar mais em casa e ficava nesse ciclo.” “Eu acho que eram momentos um bocado forçados, só para dizer que tínhamos momentos em família. Por exemplo, eles de manhã acordavam-me e diziam-me que íamos à praia e eles nem sequer me avisavam com antecedência...”	Sentido pelo adolescente como um momento não natural	
R-F-17	“Só com o meu padrasto e os meus irmãos. Por exemplo, se a minha mãe fosse ao supermercado com o meu irmão mais novo, eu ficava sozinha com o meu padrasto e a minha irmã. Eu estava a ver televisão com a minha irmã e o meu padrasto sentava-se ao nosso lado, abraçava-nos,	Existência de momentos em família (com o padrasto e os irmãos) Sentimento positivo em relação a estes momentos (aquando da ausência da sua mãe)	

	falava connosco e brincava connosco.” “Nesses momentos em família sem a minha mãe, eu adorava, sentia-me confortável de estar lá em casa e não sentia medo de lá estar ...”		
R-M-12	“Sim existiam esses momentos em família. Se fosse num dia comemorativo, por exemplo, um aniversário ou Natal nós juntávamos a família toda e fazíamos um jantar e um almoço. Não era muito frequente.”	Existência de momentos em família	
S-M-13	“Ia ao café com o meu pai.”	Existência de momentos em família	
S-M-17	“Com a minha família, por exemplo, comemorávamos as datas festivas (Natal, Páscoa...).” “Sentia feliz e bem.”	Existência de momentos em família (apenas em datas festivas) Sentimento positivo em relação a estes momentos	
T-F-16	“Não havia nada disso.”	Falta de momentos em família	

	“Eu sinto-me triste por esses momentos nunca terem existido...”	Sentimento negativo associado à falta de momentos em família (tristeza pela ausência desses momentos)	
T-M-16	“Sempre fizemos coisas juntas. Por exemplo, vou trabalhar com o meu pai aos fins-de semana e nas férias para ganhar dinheiro.” “Sim, gostava de estar ao pé da minha família, e de nos darmos todos bem e é o que interessa.”	Existência de momentos em família Sentimento positivo em relação a estes momentos	

Questões de apoio à Questão 2 do Tema 4			
Questão 1 - Quando te portavas mal, como reagiam os teus pais?			
Participantes	Verbalizações	Unidades de Significado	Alguns exemplos elucidativos das verbalizações
A-F-17	“A minha família avisava-me várias vezes para não me comportar mal e depois batiam-me, algumas vezes.”	Advertência Maus-tratos Físico/Punição física	“...era só uma chapada, por exemplo”

A-M-15	“A reação dos meus pais era má e colocavam-me de castigo.”	Castigo não especificado	
B-M-17	“A minha mãe tentava entender o que tinha acontecido, enquanto o meu pai me agredia. A minha mãe tentava perceber o porquê de ter feito aquilo e demonstrar que eu não o devia fazer. Por vezes, o meu pai tentava falar comigo. No entanto, se ele estivesse alcoolizado era agressivo, ou seja, se o meu pai estivesse alcoolizado ele batia-me logo e, caso estivesse sóbrio, tentava primeiro entender a situação.”	Diálogo (Clarificação do comportamento inadequado por parte da mãe e do pai se este último não estivesse alcoolizado) Maus-tratos Físico/Punição física (por parte do pai quando se encontrava alcoolizado) Comportamentos aditivos na família (Pai alcoólico)	
D-M-12	“... a minha mãe metia-me de castigo. Ela falava comigo sobre o porquê de eu me ter portado mal e dizia-me que não podia me portar mal e, no fim, castigava-me.”	Retirada de privilégios Diálogo (a mãe tenta compreender o que tinha ocorrido)	“...por exemplo, não podia ver a televisão durante um tempo.”

D-M-15	“Por exemplo, eu chegava tarde a casa, o meu pai primeiro perguntava onde é que eu tinha andado e depois começava a bater-me.” “(pai) Ele só me batia mesmo.” “No caso da minha mãe, ela ouvia-me mais, não gosta de dar castigos. Ela diz-me sempre que também já teve infância e, por isso, aquilo que eu fazia ela também já o tinha feito. Então ela dizia-me que, desde que eu viesse inteiro para casa e não fosse parar na esquadra era o importante.”	Maus-tratos físicos/ Punição física (por parte do pai) Diálogo (Clarificação do comportamento inadequado por parte da mãe)	
D-M-16	“A minha mãe colocava-me de castigo... retirava-me a consola.” “O meu pai colocava-me de castigo. Por vezes, ele também gritava comigo... às	Retirada de privilégios Maltrato psicológico (proliferação de gritos pelo parte do pai)	

	vezes também me tirava algumas coisas, tal como a minha mãe.” “O meu pai... gritava comigo e a minha mãe não.”		
D-M-17	“Quando me portei mal, a minha mãe partiu-me um pau na cabeça e o meu avô já me deu com um cinto.” “... a minha mãe batia-me e eu escondia-me debaixo da mesa.” “A minha mãe primeiro perguntava-me porque eu me portava de tal forma e depois batia-me logo, ela não me explicava porque eu não devia fazer aquilo.” “O meu pai só me dava palmadas, ele tentava perceber o que se passou e explicava-me que eu não podia fazer aquilo, ele era calmo a	Maus-tratos Físico/Punição física (por parte da mãe, do avô e do pai) Diálogo (Clarificação do comportamento inadequado por parte dos pais e da avó)	

	falar comigo. Tal como a minha avó.” “O meu avô acabava por chorar quando sabia que eu me portava mal, ele também tentava perceber o que se tinha passado, só que, por vezes, também lhe mentia.”		
E-M-17	“A minha mãe castigava-me. O meu pai agredia-me.”	Castigo não especificado (por parte da mãe) Maus-tratos Físico/Punição física (por parte do pai)	
F-F-15	“A minha mãe começava a gritar comigo sobre o meu mau comportamento e depois batia-me... ela não me explicava porque eu não podia fazer aquilo. Há uns anos para cá, o comportamento dela para comigo tornou-se mais grave, porque ela agredia-me imenso. O meu padrasto nestes	Advertência (por parte do pai) Maus-tratos Físico/Punição física (por parte da mãe e do pai)	“Por exemplo, ela (mãe) teve trinta minutos a bater com a minha cabeça na parede, ela batia-me com coisas, chegou-me a atirar-me para a cama e a enforçar-me...”

	momentos não via porque estava a trabalhar, e a minha mãe dizia-lhe apenas o que eu tinha feito e não o que ela me tinha feito a mim depois disso.” “Se eu me portasse mal.... ele (padrasto) falava comigo, tentava-me explicar porque eu não devia errar e nunca passava para a agressão.” “Em relação ao meu pai, ele gritava comigo, e fazia-me muitas ameaças, mas nunca tinha partido para a agressão, até começar a fazê-lo passado algum tempo. O meu pai dizia-me que me tinha avisado que eu não me podia comportar daquela maneira, mas nunca me explicou porque não devia fazê-lo. Simplesmente me dizia que não gostava	Maltrato psicológico (Gritos por parte da mãe e do pai; ameaças por parte do pai) Diálogo (Clarificação do comportamento inadequado por parte do padrasto e da madrastra)	
--	---	---	--

	daquela atitude e não queria que eu fizesse aquilo.” “... a minha madrasta falava comigo, falava com o meu pai para este mudar de ideias... Ela nunca me bateu nem foi agressiva comigo.”		
F-M-14	“O meu pai falava comigo sobre a situação, dizendo-me que aquilo era errado e que deveria melhorar as coisas. No entanto, quando eu voltava a repetir os meus atos, o meu pai começava a ficar muito chateado, porque achava uma falta de respeito o que fazia.” “Caso a situação fosse mais grave ele também me castigava... Tal como a minha mãe, no entanto, a minha mãe poucas vezes me bateu e dava-me menos castigos.”	Diálogo (Clarificação do comportamento inadequado do pai) Retirada de privilégios Maus-tratos Físico/Punição física (por parte da mãe)	“por exemplo, tirava-me o telemóvel...”

	“Quando comecei a ficar mais velho ela (mãe) acabava também por usar a palmatória, ou seja, batia-me na mão.” “Os meus tios ensinavam que não devia fazer aquilo e metiam-me de castigo, mas nunca me chegaram a bater.”		
G-M-12	“O meu pai metia-me de castigo, falava comigo do porquê de eu ficar de castigo e dizia-me, na maioria das vezes, o porquê de eu ter errado... Ele primeiro falava comigo e depois castigava-me.” “Os meus pais repreendiam-me, se fosse algo grave eles ficavam zangados.” “A minha mãe tinha uma atitude parecida à do meu pai, no entanto,	Retirada de privilégios Diálogo (Clarificação do comportamento inadequado por parte do pai, do padrasto e da madrasta) Repreensão (por parte dos pais)	“Por exemplo, retirava-me a consola e também me retirava o telemóvel, por vezes.”

	não me dava castigos tão graves quanto o meu pai.”		
G-M-15	“Os meus pais falavam comigo muito tempo. Eles tentavam explicar porque errei. No entanto, há uns erros que continuei a cometer, mas na sua maioria não voltei a fazer.”	Diálogo (Clarificação do comportamento inadequado por parte do padrasto e da madrastra)	
H-F-18	“Os meus avós batiam-me tal como os meus tios. Eles falavam palavrões, batiam e diziam que eu não podia fazer tal coisa, mas não explicavam nem tentavam compreender. Tal como a minha mãe.”	Repreensão Maus-tratos Físico/Punição física (por parte dos avós e da mãe)	
I-F-16	“Eles apenas ralhavam comigo e depois mandavam-me ir para o quarto...” “O meu padrasto, nestes momentos, nunca teve comportamentos agressivos para comigo.”	Repreensão Maus-tratos Físico/Punição física (por parte da mãe) Retirada de privilégios (obrigação de ir para o quarto)	

	“A minha mãe, por outro lado, acabava por me bater. Houve uma situação em que eu estava drogada e bêbeda e a minha mãe não queria que eu andasse nessa vida e acabou por me bater. Acabava por ter comportamentos mais agressivos.”		
I-F-19	“A minha mãe era muito calma, ela ralhava, porque o tinha de fazer, mas era muito serena, ela não armava alarido. A minha mãe só ralhava. Para a minha mãe nos bater é muito difícil de isso acontecer, tínhamos de fazer algo mesmo grave para a minha mãe nos bater.” “O meu pai já era mais agressivo. Quando nós fazíamos porcarias, ele dava-nos uma palmada ou uma chapada... No entanto, chegou a uma	Repreensão (por parte da mãe) Maus-tratos Físico/Punição física (por parte do pai)	

	altura em que ele era mesmo agressivo, em que chegou ao ponto de nos bater com um pau ou uma colher de pau.”		
I-M-17	“A minha mãe falava comigo e dizia-me que me mandava de volta para o meu país (Cabo Verde). Ela não tentava perceber porque eu errei. Ela não me dizia porque não havia de fazer tal coisa.” “(padrasto) Gritava muito comigo...”	Maltrato psicológico (ameaças por parte da mãe; gritos por parte do padrasto) Retirada de privilégios (por parte do padrasto)	“O meu padrasto retirava-me o telemóvel, ou seja, castigava-me.”
J-F-17	“A minha madrasta ralhava, mas depois explicava o porquê de eu estar errada. Já o meu pai partia logo para a violência. Eu preferia nem explicar, porque assim que eu dizia algo para me justificar, chamava-me, desde logo, mentirosa. Então ficava calada a ouvir em silêncio. O meu pai nunca me tentou	Repreensão (por parte da pela madrasta) Maus-tratos Físico/Punição física (representada pela agressividade do pai) Maltrato psicológico (por parte do pai com proliferação de insultos)	

	explicar porque é que eu errei e porque não o devia fazer.”		
J-M-15	“A minha mãe dava-me umas palmadas. Ela tentava falar porque eu errei e não devia fazer aquilo, mas quando via que não tinha solução acabava por me bater.” “Quando me portava mal, o meu padrasto não fazia nada.” “As minhas irmãs mais velhas falavam sempre comigo, diziam-me que eu não estava certo e que devia mudar este comportamento. No entanto, elas nunca me batiam.”	Maus-tratos Físico/Punição física (por parte da mãe) Diálogo (Clarificação do comportamento inadequado por parte da mãe e das irmãs) Negligência (falta de monitorização do comportamento do adolescente por parte do padrasto)	
J-M-16	“A minha mãe ralhava comigo e colocava-me de castigo, dizendo que eu não poderia usar o tablet e assim. Ela falava comigo sobre o que eu tinha feito de errado e o que devia mudar, ela nunca me	Repreensão (por parte da mãe) Retirada de privilégios (mãe dizia que não podia usar o tablet) Diálogo (Clarificação do comportamento	

	bateu nem foi agressiva. A minha tia fazia o mesmo.”	inadequado por parte da mãe)	
L-F-16	“Eu nunca dei muito trabalho, sempre tive na minha e nunca fiz nada de errado.”	Sem unidades de significado	
L-M-17	“A minha mãe castigava-me, ela não me ensinava que aquilo que tinha feito era um erro e que devia mudar”.	Castigo (não especificado)	
M-F-16	“Os meus avós nunca foram de gritar comigo, eles só corrigiam os erros que cometia, por exemplo, diziam-me que eu fiz aquilo e que não devia ter feito, sendo que eles me transmitiam isso sem que fosse de uma maneira brutesca. Já o meu pai, quando eu tinha um mau comportamento, começava a gritar comigo, mas nunca me bateu. A minha mãe também gritava e já me bateu duas vezes.”	Diálogo (Clarificação do comportamento inadequado por parte dos avós) Maus-tratos Físico/Punição física (por parte da mãe) Maltrato psicológico (gritos por parte do pai e da mãe)	

M-M-12	“Reclamavam comigo, mas não me batiam.” “(mãe e padrasto) Por vezes colocavam-me de castigo...”	Repreensão Retirada de privilégios (por parte da mãe e do padrasto)	“... (mãe e padrasto) retirarem-me o telemóvel.”
N-F-17	“Batiam-me. O meu pai saía da casa dele para me vir bater.”	Maus-tratos Físico/Punição física (por parte do pai)	
O-M-13	“Colocavam-me de castigo diziam-me que não podia fazer aquilo e o porquê.” “Primeiro colocavam-me de castigo e depois falavam comigo sobre a situação”. “Falavam de forma normal comigo sem gritar”.	Retirada de privilégios Diálogo	“... por exemplo, não me deixavam mexer no telemóvel...”
O-M-15	“A minha mãe ralhava comigo sobre o facto de eu me ter comportado mal e, depois, metia-me de castigo.” “(mãe) Ela falava comigo sobre o assunto e também me explicava porque é que	Repreensão (por parte da mãe) Maltrato psicológico (proliferação de gritos por parte da mãe) Retirada de privilégios (por parte da mãe)	“(mãe) retirava-me o telemóvel, por exemplo.”

	o meu comportamento era errado, para que eu pudesse entender o meu erro.” “Às vezes quando me portava mal a minha mãe gritava comigo.” “Ele (padrasto) não tem nada que reagir sobre mim.” “O meu pai é mais calmo, ele falava comigo. Caso fosse algo mais grave, também me colocaria de castigo. Ele falava comigo sobre o que fiz e assim. Eu sempre me dei melhor com o meu pai.”	Diálogo (Clarificação do comportamento inadequado por parte dos pais)	
P-F-14	“A minha avó vinha falar comigo e eu melhorava a minha atitude.” Investigadora: Sentias, de alguma forma, que a tua avó falava contigo sobre o erro que comeste? Como? Resposta da	Diálogo (Clarificação do comportamento inadequado por parte da avó) Repreensão (por parte da mãe) Retirada de privilégios	

	participante: “Sim falava, ela depois ficava chateada e eu ia lá e pedia-lhe desculpa. Eu entendia o erro que fazia. Ela nunca me bateu.” “A minha mãe também nunca me bateu. Ela repreendia o meu erro... também me castigava-me...” “Em relação ao meu avô, quando me portava mal (não tinha bem a noção) mas sei que ele não fazia nada e ficava apenas a ver televisão.” “... nunca convive muito com o meu pai”	Negligência (falta de monitorização do comportamento da adolescente por parte do avô)	“(castigo dado pela mãe) ... por exemplo, não podia ir ao parque ou ficava sem o telemóvel.”
P-M-18	“O meu pai não estava muito tempo em casa, porque ele trabalhava... O meu irmão, por outro lado, tentava fazer o papel de pai, então ele forçava-me a fazer as coisas. No caso de me	Maus-tratos Físico/Punição física (por parte do irmão)	

	portar mal, o meu irmão iria me bater... enquanto o meu pai era raro me bater porque não estava tanto tempo em casa.” “(irmão) Não, nós nunca falávamos sobre a situação...”		
R-F-17	“Eu sempre fui muito aberta com o meu padrasto, então ele tinha os seus momentos sérios e os momentos de brincadeira. Então quando ele via que era algo sério e grave, ele falava comigo, sentava-se e tentava entender a situação, sendo que ele nunca me bateu nem nada disso. Já a minha mãe começava logo aos gritos comigo, mas nunca me deu um castigo, pois ela batia-me logo. Eu nunca tive uma conversa com a minha mãe... A minha mãe batia-me por	Diálogo (compreensão e clarificação do comportamento inadequado por parte do padrasto) Maltrato psicológico (proliferação de gritos por parte da mãe) Maus-tratos Físico/Punição física (por parte da mãe)	

	qualquer razão, até mesmo quando discutia com o meu padrasto, ela batia em mim.” “(padrasto)... ele preferia que eu fizesse as coisas à frente dele e lhe dissesse do que lhe escondesse. Por exemplo, se quisesse beber ou experimentar algo, devia fazê-lo à frente do meu padrasto. Ou seja, eu nunca lhe escondia nada, e sentia-me à vontade para falar com ele sobre tudo.”		
R-M-12	“A minha mãe metia-me de castigo e repreendia-me.” “(pais) (...) davam-me palmadas.” “(pai) Também me colocava de castigo, repreendia-me como a minha mãe. Ele tinha a mesma atitude que a minha mãe.”	Repreensão (por parte dos pais) Maus-tratos Físico/Punição física (por parte dos pais) Retirada de privilégios (por parte da mãe)	“Retirava-me a playstation, não podia ir aos treinos da bola...”

S-M-13	“(pais)... ralhavam comigo. Brigavam comigo e diziam-me para eu não fazer mal.”	Repreensão (por parte dos pais) Retirada de privilégios	“Quando me portava mal os meus pais não me deixavam ir para a casa do meu tio...”
S-M-17	“A minha mãe falava comigo para entender a razão pela qual eu me tinha portado mal e aconselhava-me para não me voltar a portar mal.”	Diálogo (Clarificação do comportamento inadequado por parte da mãe) Retirada de privilégios	“Castigava-me, por exemplo, ficava sem telemóvel.”
T-F-16	“... sei que uma vez eu encontrei dinheiro e disse à minha mãe. E ela foi dizer ao meu pai que eu a tinha roubado e a reação do meu pai foi bater-me logo.” “Já com a minha tia quando eu me portava mal, a reação dela era má. Nestes episódios eu já não sentia que tinha muitos castigos, porque eu já não tinha nada. Por exemplo, eu não tinha telemóvel e nem sequer podia sair.	Maus-tratos Físico/Punição física (por parte do pai) Maltrato psicológico (proliferação de insultos e gritos por parte da tia)	

	Eu já nem tinha acesso a muita coisa, então a reação dela passava por me insultar, chamar-me nomes ofensivos e gritar comigo.”		
T-M-16	“Os meus pais ralhavam sempre comigo, davam-me nas orelhas, diziam-me que, se eu continuasse a portar-me mal, podia vir parar a um colégio, mas eu nunca liguei à conversa deles ...”	Repreensão (por parte dos pais) Retirada de privilégios (por parte dos pais)	“... davam-me alguns castigos, por exemplo, tiravam-me o telemóvel.”
Questão 2 – O que é que os teus pais faziam quando estavas triste (qual era a reação dos teus pais)?			
Participantes	Verbalizações	Unidades de Significado	Alguns exemplos elucidativos das verbalizações
A-F-17	“Davam-me atenção, abraços e beijinhos.” “A minha mãe tratava-me melhor, porque às vezes não queria tomar banho, nem cuidar de mim, nem trocar de roupa e, caso me sentisse triste, a minha mãe fazia isso por mim.”	Existência de apoio (Apoio emocional-atenção e Interações físicas afetuosas - abraços e beijos) Cuidado (cuidados básicos - a mãe cuidava da adolescente, por exemplo, na higiene pessoal)	

A-M-15	(Não respondeu)	Sem unidades de significado	
B-M-17	“(pais) Eles nunca souberem quando estava triste.” “(pais) Eles, por vezes, tentavam perceber o que se passava ou o que tinha acontecido, mas eu não os deixava aproximar muito.” “Por vezes notavam que eu estava triste, no entanto, nada faziam porque achavam que era cansaço. Acabavam por não ligar à situação.”	Cuidado (Preocupação com o estado de saúde psicológica do adolescente - preocupação por parte dos pais) Negligência (desconhecimento do estado psicológico do adolescente por parte dos pais; desvalorização do estado psicológico do adolescente por parte dos pais)	
D-M-12	“A minha mãe consolava-me, ela falava comigo para saber porque é que eu estava triste, ao que eu lhe dizia o motivo. Nestas conversas, eu sentia que ela me estava a ouvir e, por vezes, percebia aquilo que eu estava a passar naquele momento. Ela	Apoio emocional (acolhimento por parte dos pais e da madrastra; Escuta, aconselhamento e ajuda perante dificuldades/problemas - encorajamento por parte dos pais e da madrastra; escuta e compreensão por parte da mãe e o pai)	

	(mãe) encorajava-me para eu melhorar. O meu pai e a minha madrastra faziam a mesma coisa que a minha mãe.”	Cuidado (Preocupação com o estado de saúde psicológica do adolescente – por parte dos pais e da madrastra)	
D-M-15	“O meu pai nunca descobria que eu estava triste. Eu falava sempre era com a minha mãe, porque ela ouvia-me mais e compreendia-me melhor do que o meu pai. Enquanto com o meu pai, eu nunca sentia confiança para falar com ele.” “A minha mãe falava comigo e dava-me conselhos...” “Por exemplo, eu conseguia desabafar com a minha mãe e contava-lhe o que estava a sentir naquele momento. Enquanto com o meu pai eu não conseguia. No entanto, mesmo estando presa (mãe) eu continuo a	Existência de apoio (Apoio emocional - partilha de emoções com a mãe; Escuta, aconselhamento e ajuda perante dificuldades/problemas - por parte da figura materna) Falta de proteção e segurança (para com a figura paterna) Negligência (desconhecimento por parte da figura paterna sobre o estado de saúde psicológica do adolescente)	

	conseguir falar com ela.” “Com a minha madrasta eu não falava nada com ela.”		
D-M-16	“Davam-me carinho.” “(mãe) Perguntava-me o porquê de eu estar a chorar.” “(pai) Perguntava-me o porquê de eu estar assim.” Investigadora: Sentias carinho da parte do teu pai? De que forma? Resposta do participante: “Sim. Através de abraços.” “(padrasto) Perguntava-me se eu precisava de alguma coisa.”	Existência de apoio (Apoio emocional-transmissão de carinho; Interações físicas afetuosas - abraços dados pelo pai) Cuidado (Preocupação com o estado de saúde psicológica do adolescente - quando os pais perguntavam para saber como o adolescente estava psicologicamente)	
D-M-17	“Todos me davam carinho, mas quem me dava mais carinho era o meu pai e os meus avós.”	Existência de apoio (Apoio emocional-transmissão de carinho do pai e dos avós; Interação física afetuosas)	“... por exemplo, houve uma vez que me bateram na escola, ele (pai) aí ouvia-me e compreendia-me.”

	“Ele (pai) dava-me conselhos sobre o que não voltar a fazer, além disso dava-me carinho e abraços. Tal como os meus avós.” “A minha mãe era o contrário, ela não queria saber o que eu estava a sentir...”	- abraços dos pais e dos avós; Falta de empatia (por parte da figura materna)	
E-M-17	“O meu pai não me dava carinho, mas a minha mãe sim.”	Existência de apoio (Apoio emocional - carinho por parte da mãe) Falta de apoio emocional (por parte do pai)	
F-F-15	“Quando estava triste sentia mais apoio vindo do meu padrasto... ia ter comigo, tentava perceber como é que eu estava e o que se passava comigo.”	Cuidado (Preocupação com o estado de saúde psicológica da adolescente - o padrasto tentava compreender o estado psicológico do adolescente)	
F-M-14	“Quando estava triste, o meu pai sempre falava comigo, dava-me palavras de conforto. Por exemplo, quando o meu	Apoio emocional - acolhimento por parte do pai; Interações físicas afetuosas - a tia dava-lhe abraços; Implementação de um	

	padrasto faleceu ele (pai) deu-me uma palavra e levou-me para a garagem com ele, onde tem a sua mecânica, para me distrair...” “O contacto físico era mais com a minha tia, por exemplo, dava-me um abraço, já com o meu tio não havia. “	fator de distração face ao acontecimento negativo - por parte do pai)	
G-M-12	“Os meus pais tentavam perceber o que se tinha passado e depois tentavam ajudar-me.” “Eles encorajavam-me, por exemplo, diziam-me que me amavam.” “Se eu tivesse triste... eu ia ter com eles a mostrava que estava triste.”	Existência de apoio (Apoio emocional - transmissão de amor por parte dos pais; Escuta, aconselhamento e ajuda perante dificuldades/problemas-encorajamento e ajuda por parte dos pais) Cuidado (Preocupação com o estado de saúde psicológica do adolescente por parte dos pais)	
G-M-15	“No caso da morte da minha tia, quando fiquei triste, os meus pais ficaram comigo e	Existência de apoio (Escuta, aconselhamento e ajuda perante dificuldades/problemas	

	apoiaram-me naquela situação.” “Eles ficavam mais próximos de mim... dizendo-me coisas encorajadoras para melhorar.” “(pais) Havia contacto físico de ambos, por exemplo, abraço.” “(pais) Eles distraíam-me, ou seja, levava-me ao cinema, por exemplo, para eu não estar sempre a pensar naquilo, sendo que ficavam sempre ao meu lado.”	- encorajamento por parte dos pais) Apoio emocional (Interações físicas afetuosas – abraços; Implementação de um fator de distração face ao acontecimento negativo)	
H-F-18	“Uma vez eu falei para a minha mãe que eu defendi um amigo meu e ela deu-me porrada e disse-me que eu merecia que ela me batesse. Todas as vezes que eu tentava desabafar com a minha mãe, ela sempre encontrava forma de me colocar mal ou de	Maltrato físico (por parte da mãe) Implementação de um fator de distração face ao acontecimento negativo (por parte da avó) Falta de apoio emocional (por parte da figura materna)	“(avó) Por exemplo, uma vez quando estava triste, levou-me a um café e comprou-me um bolo.”

	me culpar da situação, fazendo me sentir pior...” “... a minha avó dava-me dinheiro para eu comprar comida...” “O meu avô nunca reparou que eu estivesse triste, ele nunca me deu atenção nem foi ter comigo em relação isso, eu também nunca fui até ele para falar.”	Negligência (desvalorização do estado psicológica da adolescente por parte da figura materna; desconhecimento por parte do avô sobre o estado psicológico do adolescente)	
I-F-16	“No início a minha mãe, quando estava triste e a ter crises de ansiedade, ela não fazia absolutamente nada para me ajudar, nem compreendia o que eu estava a sentir naquele momento. Mais tarde, quando estas minhas crises começaram a piorar, foi aí que a minha mãe notou realmente que eu não estava bem e ela acabou por se deitar ao meu lado e	Falta de apoio emocional (por parte da figura materna) Falta de empatia (por parte da mãe perante as crises de ansiedade do adolescente) Existência de apoio (Apoio emocional - carinho e acolhimento por parte da mãe; Interações físicas afetuosas - carinho físico; Disponibilidade - padrasto presente)	

	fazia-me “festas” na cabeça, dizendo-me para não ficar assim, que ia ficar tudo bem, e para eu descansar. Nessa altura, senti que a minha mãe esteve lá para mim. Deu-me carinho nesta época.” “... o meu padrasto encontrava-se sempre disponível para estar lá comigo a apoiar-me... sempre fomos muito apegados um ao outro. Adoro-o e eu sinto que ele nunca me falhou em nenhum momento.”		
I-F-19	“Sim, especialmente a minha mãe, pois ela perguntava-me o que se passava, a minha mãe queria saber o porquê de eu estar assim e o que se passava comigo e eu contava-lhe e sentia que ela estava ali a ouvir-me de forma genuína.”	Existência de apoio (Escuta, aconselhamento e ajuda perante dificuldades/problemas – escuta por parte da mãe) Apoio emocional (atenção transmitida pelos pais; Interações físicas afetuosas –	

	“... sempre que eu estava triste os meus pais acolhiam-me, davam-me atenção e falavam comigo.” “Da minha mãe eu recebia carinho de qualquer maneira ou todo o tipo de forma, tanto físico e emocional.” “O meu pai é uma pessoa mais dura que não gosta de mostrar o que ele sente, mas quando nos vê mesmo mal, ele acaba por tentar brincar connosco para nos distrair e dizer que não vale a pena estarmos assim. Agora em termos físicos (carinho), é mais complicado. O meu pai já não é uma pessoa de dar abraços. Isso é muito raro.”	abraços por parte da mãe; Implementação de um fator de distração face ao acontecimento negativo - dada pelo pai) Cuidado (Preocupação com o estado de saúde psicológica do adolescente - por parte da mãe)	
I-M-17	“Eu não ficava triste.”	Sem unidades de significado	

J-F-17	“(em relação ao pai e madrasta) Eu sentia que ninguém se aproximava para ver como estava.” “Mesmo que eu estivesse triste, nem o meu pai nem a minha madrasta, tentavam perguntar o que se passava ou tentavam compreender a minha situação.”	Falta de empatia (por parte do pai e da madrasta) Falta de apoio emocional (por parte da figura paterna e da madrasta)	
J-M-15	“Eu não ia até ao pé da minha mãe dizer que estava triste, mas se ela percebesse que eu estava triste, ela vinha ao pé de mim para perceber o que se passava. Nestes momentos, ela ouvia-me e dava-me soluções para os problemas que eu estava a enfrentar.” “Havia o contacto físico com a minha mãe, por exemplo, os abraços.”	Cuidado (Preocupação com o estado de saúde psicológica do adolescente - parte da mãe quando esta tenta compreender o que está a ocorrer) Apoio emocional (Interações físicas afetuosas - abraços) Existência de apoio (Escuta, aconselhamento e ajuda perante dificuldades/problemas – aconselhamento por parte da mãe)	

	“Em relação ao meu padrasto eu não o via muito, ele estava mais com a minha mãe no quarto e nas refeições em que estávamos juntos ou quando saíamos.”		
J-M-16	“A minha mãe e a minha tia consolavam-me, sentia maior proximidade. Elas chegavam ao pé de mim para perguntar como eu estava e o que estava a sentir, e eu dizia facilmente aquilo que estava a sentir.”	Existência de apoio (Apoio emocional - acolhimento por parte da mãe e da tia) Cuidado (Preocupação com o estado de saúde psicológica do adolescentes - por parte da mãe e da tia quando tentam compreender o que estava a acontecer)	
L-F-16	“(quando morava com a tia) Não havia carinho. Era eu e eu. Tanto que muitas vezes fui eu o meu próprio colo, porque ninguém me compreendia. Às vezes tinha medo devido àquilo que já se tinha passado com a minha mãe e outras coisas...”	Ausência de apoio emocional (por parte da tia) Falta de empatia (por parte da tia)	

L-M-17	“(quando morava com a mãe) Não, ninguém. Ficava no meu canto e ninguém me apoiava.”	Falta de apoio emocional (por parte da figura materna)	
M-F-16	“O meu pai sempre me tentou confortar de alguma forma, mas nunca funcionou. A minha mãe nunca teve paciência, ela dizia que a vítima era ela, porque trabalhava e, por isso, eu não devia estar triste, nem a chorar e nem a sentir-me mal.”	Existência de apoio (Apoio emocional - acolhimento por parte do pai) Negligência (desvalorização do estado psicológico da adolescente por parte da figura materna)	
M-M-12	“Os meus pais iam ter comigo para tentarem perceber o que se passava comigo quando estava triste e se eu não quisesse falar sobre o assunto, eles deixavam-me em paz.” “Por vezes, dizia-lhes para eles me deixarem em paz. Nessa situação, eles percebiam que eu estava chateado.”	Cuidado (Preocupação com o estado de saúde psicológica do adolescente - por parte dos pais)	

N-F-17	“O meu pai e os meus avós não me davam carinho. Não me davam um abraço nem havia nada disso.”	Ausência de apoio emocional (por parte do pai e dos avós)	
O-M-13	“...(pais) perguntavam-me como eu estava, davam-me palavras bonitas (por exemplo, diziam-me que aquela situação iria passar).” “Tentavam perceber o que eu tinha e o que sentia naquele momento.”	Existência de apoio (Escuta, aconselhamento e ajuda perante dificuldades/problemas – encorajamento e compreensão por parte dos pais) Cuidado (Preocupação com o estado de saúde psicológica do adolescente - quando os pais tentavam compreender o que estava a acontecer com o adolescente;	
O-M-15	“Se a minha mãe reparasse que eu estava triste, ia ter comigo e perguntava-me o que se passava comigo.”	Cuidado (Preocupação com o estado de saúde psicológica do adolescente - quando a mãe tentava compreender o que estava a acontecer com o adolescente)	
P-F-14	“A minha avó e a minha mãe. A minha avó estava sempre	Existência de apoio (Apoio emocional – acolhimento por parte	

	perto de mim, sempre aos abraços e a consolar-me.” Investigadora: Tu sentias-te à vontade para ir falar com a tua avó e a tua mãe nesses momentos? Resposta da participante: “Às vezes não, elas é que me viam, por vezes, naquele estado e vinham falar comigo.” “O meu pai é uma pessoa que não sabe nada da minha vida.”	da avó; Interações físicas afetuosas - abraços transmitidos por parte da avó) Cuidado (Preocupação com o estado de saúde psicológica do adolescente - por parte da avó e da mãe) Negligência (desconhecimento do estado de saúde física e psicológica da adolescente por parte da figura paterna)	
P-M-18	“Eles notavam que eu estava sempre no quarto que era para eu não os ter de ver. Quando a minha mãe via que eu estava triste, ela vinha ter ao pé de mim e também começava a chorar e tentava ficar ali comigo a confortar-me o máximo que podia.”	Existência de apoio (Apoio emocional - acolhimento por parte da mãe)	

	“... com o meu irmão, eu nunca cheguei ao pé dele.”		
R-F-17	“(padrasto) Ele às vezes vinha-se sentar comigo e tentava entender o meu lado. Ele compreendia-me e dizia o que achava melhor para mim diante das situações e até me tentava animar, por exemplo, dizia-me para não ver o lado mau das situações e há sempre solução.” “... eu nunca tive nenhuma intimidade com a minha mãe. Eu nunca lhe dei um abraço ou um beijinho à minha mãe.” “A minha mãe nem olhava para mim sequer.”	Existência de apoio (Apoio emocional - acolhimento por parte do padrasto; Escuta, aconselhamento e ajuda perante dificuldades/problemas - quando o padrasto compreendia o que o adolescente estava a sentir e encorajamento por parte do padrasto) Cuidado (Preocupação com o estado de saúde psicológica da adolescente - por parte do padrasto; Ausência de apoio emocional (por parte da mãe)	
R-M-12	“Sim. Eles perguntavam-me o que se passava comigo, se tinha acontecido alguma coisa na escola.”	Cuidado (Preocupação com o estado de saúde psicológica do adolescente - quando os pais tentavam compreender o que	

	“(pais) eles às vezes não viam que eu estava triste porque não estava a chorar, mas percebiam que alguma coisa se passava e então eles perguntavam-me. Por exemplo, mesmo quando estou em chamada com eles, os meus pais notam que estou triste e perguntam-me logo o que é que é essa vozinha e eu nem tinha chorado nem nada.”	estava a acontecer com o adolescente)	
S-M-13	(Não respondeu)	Sem unidades de significado	
S-M-17	“A minha mãe tentava-me consolar, mas eu também nunca fui uma pessoa de ficar triste...” “Falava mais com a minha mãe, porque a minha avó é testemunha de jeová, então há certas coisas que com ela eu não consigo falar.”	Existência de apoio (Apoio emocional - acolhimento por parte da mãe)	

T-F-16	“Os meus pais nunca me deram carinho, eles não são pessoas presentes na minha vida. Com a minha tia eu só tinha ligação com ela porque vivia com ela, mas não havia carinho nem afeto, baseava-se apenas em me sustentar...”	Ausência de apoio (por parte dos pais e da tia)	
T-M-16	“Falavam comigo, perguntavam como eu estava.”	Cuidado (Preocupação com o estado de saúde psicológica do adolescente - por parte dos pais)	
Questão 3 - O que é que faziam os teus pais quando estavas doente?			
Participantes	Verbalizações	Unidades de Significado	Alguns exemplos elucidativos das verbalizações
A-F-17	“A minha mãe sempre me cuidou, dava-me remédios, medicação, chás, comida mais apropriada.” “Sentia que ela me dava carinho, sentia-me muito pequenina nos braços nela. Ela abraçava-me e eu gostava muito”.	Cuidado (cuidados básicos – medicação, remédios e alimentação apropriada) Existência de apoio (Apoio emocional - carinho por parte da mãe; Interações físicas afetuosas - abraços por parte da mãe)	

A-M-15	“Sim. Não sei explicar.” “De vez em quando levava-me comida à cama, se estivesse pior.”	Cuidado (cuidados básicos – alimentação)	
B-M-17	“(pais) Eles perguntavam o que eu estava a sentir, levavam-me ao hospital ou davam-me medicamentos.” “Quem levava e fazia uma comida mais especial era sempre a minha mãe. O meu pai dava-me os medicamentos.”	Cuidado (cuidados básicos – medicação e saúde; Preocupação com o estado de saúde física do adolescente - percepção do estado de saúde física do adolescente por parte dos pais)	
D-M-12	“A minha mãe via se a situação era urgente e, se fosse, levava-me para o hospital. Em casa dava-me remédios e também me fazia sopa, por exemplo. O meu pai dava-me remédios e fazia-me sopa e, caso não ficasse melhor, levava-me ao hospital. Tal	Cuidado (cuidados básicos – medicação, e alimentação apropriada; Preocupação com o estado de saúde física do adolescente - percepção do estado de saúde física do adolescente por parte da mãe)	

	como a minha madrasta” “Eu gostava que eles me fizessem aquilo.”		
D-M-15	“Inicialmente, o meu pai falava comigo para entender o que eu tinha, caso eu tivesse alguma coisa dava-me algo que me ajudasse. Ia comigo ao hospital.” “(mãe) Fazia a mesma coisa, percebia quais eram os sintomas e dava-me algo se precisasse. Se eu tivesse de ir ao hospital eu iria.”	Cuidado (cuidados básicos – levar ao hospital; Preocupação com o estado de saúde física do adolescente - percepção do estado de saúde física do adolescente por parte do pai e da mãe)	
D-M-16	“Sim, eles levavam-me ao centro de saúde ou ao médico.” “(mãe) Por vezes dava-me aquarius e metia cebola o que me ajudava a melhorar.” “(mãe) Ia ter comigo para saber como eu estava.”	Cuidado (cuidados básicos – levar ao centro de saúde, alimentação e medicação; Preocupação com o estado de saúde física do adolescente - percepção do estado de saúde física do adolescente por parte da mãe)	

	“(pai) Ia comprar os comprimidos.”		
D-M-17	“O meu pai levava-me ao Centro de Saúde, dava-me os medicamentos, via se eu estava bem e se tinha alguma dor. Tal como a minha mãe.”	Cuidado (cuidados básicos – os pais levavam ao centro de saúde; os pais davam medicação; Preocupação com o estado de saúde física do adolescente - percepção do estado de saúde física do adolescente por parte dos pais)	
E-M-17	“A minha mãe cuidava-me, ia à farmácia comprar medicamentos ou xaropes, por exemplo ou então ia ao hospital comigo.”	Cuidado (cuidados básicos – medicação e deslocação a uma unidade de saúde por parte da mãe)	
F-F-15	“Se eu tivesse doente davam-me um comprimido, caso eu piorasse levavam-me ao médico, tanto a minha madrasta, a minha mãe, o meu padrasto como o meu pai.” “Eu apenas via que eles estavam a fazer o	Cuidado (cuidados básicos – medicação e deslocação a uma unidade de saúde por parte dos pais, do padrasto e da madrasta e alimentação apropriada dada pela mãe)	

	papel deles e era a obrigação deles. Não sentia que me aproximava deles de nenhuma maneira... Por exemplo, quando eu meti o meu aparelho, durante uma semana, a minha mãe triturava a comida para eu conseguir comer, sendo que ela seguia apenas as indicações que a médica lhe tinha dado.”		
F-M-14	“O meu pai perguntava logo o que eu tinha, e levava-me para o hospital, mas também como ele é bombeiro ele já sabia agir em algumas situações... Ele era atento e sentia que era cuidado em todos os aspetos. Outra vez eu não conseguia andar, o meu pai ficou desesperado, meteu os quatro piscas e acelerou até ao hospital...”	Cuidado (Preocupação com o estado de saúde física do adolescente - percepção do estado de saúde física do adolescente por parte do pai e dos tios; atenção pelo pai; cuidados básicos – deslocação a uma unidade de saúde por parte do pai e dos tios)	

	“Com os meus tios, uma vez quando estava com varicela, eles levaram-me logo ao hospital e ficaram muito preocupados comigo... Sempre senti que eles cuidaram bem de mim.”		
G-M-12	“A minha mãe dava-me medicamentos e cuidava de mim. Dava-me carinho... tal como o meu pai.” “Estavam lá para o que eu precisasse em qualquer momento.”	Cuidado (cuidados básicos – medicação dada pela mãe e pelo pai) Existência de apoio (Apoio emocional - carinho dados pelos pais; Disponibilidade - pais presentes em momentos onde o adolescente apresenta um estado de saúde física débil)	
G-M-15	“Eles davam-me remédios, por exemplo. Se fosse necessário, iam ao médico comigo.” “Aconchegavam-me mais nesse tempo.”	Cuidado (cuidados básicos – medicação e deslocação a uma unidade de saúde) Existência de apoio (Apoio emocional - acolhimento por parte dos pais)	

H-F-18	“... a minha avó tratava-me bem... tapava-me com uma manta para me proteger e dava-me comer na cama. Já o meu avô não fazia nada disso.” “A minha mãe fazia a mesma coisa que a minha avó...”	Cuidado (cuidados básicos – alimentação dada pela avó e mãe) Apoio emocional (Interações físicas afetuosas - por parte da avó e a mãe)	
I-F-16	“... uma vez fiquei um mês de cama, sendo que, durante este tempo todo, a minha mãe levava-me a comida à cama e tudo o que precisava. Para além das refeições, ela estava sempre comigo, a perguntar-me se eu estava melhor e a perceber se eu precisava de mais alguma coisa. Nestes momentos ela era muito cuidadosa, o que me fazia gostar daquele momento e sentia-me bem quando ela tratava de mim.”	Cuidado (cuidados básicos – alimentação dada pela mãe; Preocupação com o estado de saúde física do adolescente - percepção do estado de saúde física do adolescente por parte da mãe e do padrasto) Apoio emocional (Disponibilidade - mãe e padrasto presentes em momentos onde o adolescente apresenta um estado de saúde físico débil)	

	“O meu padrasto tinha a mesma reação, quando eu precisava de algo, ele dava-me e mesmo que não conseguisse, esforçava-se até conseguir algo. Acabava por estar sempre presente. Quando o meu padrasto chegava a casa, ia logo ao meu quarto e perguntava se eu estava melhor...”		
I-F-19	“A minha mãe era chata. Por exemplo, ela dizia-me para eu ir para a cama, sendo que eu queria ir à escola e ela dizia-me para ir para a cama. Já o meu pai dizia para a minha mãe me deixar ir para a escola e dizia: “ela é que vai sofrer não és tu.” “Os meus pais sempre foram muito acolhedores.”	Cuidado (Preocupação com o estado de saúde física do adolescente - por parte da mãe) Existência de apoio (Apoio emocional - acolhimento por parte dos pais)	
I-M-17	“Nunca estive doente...”	Sem unidades de significado	

J-F-17	“(pai e madrasta) mesmo estando doente, diziam que a culpa era minha e que devia ter tido mais cuidado para não ficar doente.”	Negligência (Desvalorização do estado de saúde física do adolescente por parte do pai e da madrasta)	
J-M-15	“A minha mãe perguntava à minha avó o que havia de dar, e, depois, dava-me medicação... As minhas irmãs não agiam muito nesse assunto, era mais a minha mãe.”	Cuidado (cuidados básicos – a mãe dava medicação)	
J-M-16	“A minha tia e a minha mãe chamam o médico a casa através do SNS, dava-me os medicamentos e cuidavam de mim. Os meus avós não se interferiam tanto neste caso...”	Cuidado (cuidados básicos – a tia e a mãe chamavam o médico e davam medicação)	
L-F-16	“(tia) Às vezes eu sentia que era cuidada, mas, muitas vezes, não ligava para mim nem queria saber como eu estava. Era eu mesma que cuidava de mim. Quando eu estava	Negligência (Desvalorização do estado de saúde física da adolescente por parte da tia; falta de satisfação de necessidades básicas por parte da tia)	

	mesmo muito mal, alguém me podia dar algum remédio, agora se fosse uma gripe ou assim ninguém me ajudava nem me davam medicação. Nunca fui cuidada em nenhuma forma, mesmo quando precisava, mesmo nos momentos felizes. Não havia ninguém para mim. Era mesmo eu e eu.”	Cuidado (cuidados básicos – davam medicação)	
L-M-17	“A minha mãe cuidava de mim. Por exemplo, dava-me os medicamentos necessários, perguntava se eu estava bem e, se fosse necessário, perguntava se era necessário ir comigo ao hospital.”	Cuidado (cuidados básicos – a mãe dava medicação; Preocupação com o estado de saúde física do adolescente - percepção do estado de saúde física do adolescente por parte da mãe)	
M-F-16	“A minha mãe preocupava-se, e era a época em que eu mais gostava de estar doente, porque não era por estar doente, mas porque sabia que a minha mãe e a minha	Cuidado (Preocupação com o estado de saúde física do adolescente - percepção do estado de saúde física do adolescente por parte da mãe e da avó)	

	avó estavam lá sempre presentes, davam-me atenção e tinham mais paciência comigo.” “(avó e mãe) ... iam à cama e perguntavam-me se eu precisava de alguma coisa, davam-me carinho e percebiam se estava bem.”	Existência de apoio (Apoio emocional - atenção por parte da mãe e da avó; Carinho dado pela mãe e a avó; Disponibilidade - mãe e avó presentes em momentos onde o adolescente apresenta um estado de saúde física débil)	
M-M-12	“Eu nunca fiquei doente.”	Sem unidades de significado	
N-F-17	“(avós e pai) Eu curava-me sozinha e nunca ninguém chegava a saber que eu estava doente, porque não tinha confiança para tal”.	Negligência (desconhecimento por parte dos avós sobre o estado de saúde física da adolescente) Falta de proteção e segurança (dentro da família)	
O-M-13	“(pais) Tratavam de mim, davam-me remédios... eles estavam assustados por eu estar doente.”	Cuidado (cuidados básicos – dar medicação; Preocupação com o estado de saúde física do adolescente - percepção do estado de saúde física do adolescente por parte	

		dos pais ao se mostrarem assustados)	
O-M-15	“Como toda a gente deve fazer, a minha mãe levava-me ao médico e dava-me remédios.” “(mãe) preocupava-se um pouco mais comigo.” “Por exemplo, se a minha irmã estivesse a ouvir música, a minha mãe, pedia-lhe para ela baixar o som ou então não falar tão alto.” “O meu padrasto não fazia nada nem quero que faça.” “O meu pai estava sempre preocupado, era capaz de nem dormir de preocupação.” “(pai) Se fosse uma constipação, era algo mais normal, mas ele ligava a toda a hora	Cuidado (cuidados básicos – medicação, levar a unidade de saúde; Preocupação com o estado de saúde física do adolescente - percepção do estado de saúde física do adolescente por parte dos pais)	

	para saber como estava.” “O meu pai não ia ao médico comigo, porque ele não gosta tanto dessas coisas, mas se precisasse de remédios, ele ia logo ver disso.”		
P-F-14	“A minha mãe estava sempre ao meu lado e a perceber se estava tudo bem comigo, ia sempre a comprar os remédios. Ela nunca me deixava faltar nada. Fazia-me sempre sopa, e ajudava-me a ir para a mesa para comer. A minha avó também estava sempre disponível para tudo, ela fazia o comer para mim e ia levá-lo à cama.” “A minha bisavó, quando acordava, ia sempre ver como eu estava.”	Existência de apoio (Escuta, aconselhamento e ajuda perante dificuldades/problemas - ajuda por parte da mãe) Cuidado (Preocupação com o estado de saúde física do adolescente - percepção do estado de saúde física do adolescente por parte da mãe e da bisavó; cuidados básicos – medicação, alimentação apropriada e deslocação à unidade de saúde) Apoio emocional (Disponibilidade - mãe	

	“Quem me levava ao hospital era a minha avó ou a minha irmã, porque a minha mãe nunca teve a minha guarda.”	e avó presentes em momentos onde o adolescente apresenta um estado de saúde física débil)	
P-M-18	“Quando eu ficava doente, eu ficava uma semana em casa a sofrer. Então a minha mãe deixava-me ficar em casa e tomava conta de mim. Ela dizia-me para eu ficar na cama.” “O meu irmão tinha a sua escola e tinha um horário muito mais pesado que o meu. Então ele também não podia ficar em casa a tomar conta de mim.”	Cuidado (cuidado não especificado por parte da mãe; Preocupação com o estado de saúde física do adolescente - percepção do estado de saúde física do adolescente por parte da mãe)	
R-F-17	“A minha mãe não fazia nada, não queria saber se tinha de ir à urgência. Uma vez tinha fortes dores de ouvidos e cheguei a ligar para a minha tia e fui com ela ao hospital, porque a minha mãe não quis saber.”	Negligência (falta de satisfação de necessidades básicas por parte da figura materna) Cuidado (cuidados básicos – a tia deslocou-se à unidade de saúde e	

	“Se fosse o meu padrasto ele até iria comigo ao hospital, no entanto, ele não conduzia e era mais difícil para ele. Se fosse em caso de me dar medicação, ele dava e se fosse preciso ele ia à farmácia.” “Sempre, se eu precisasse de algo ele (padrasto) fazia por mim.”	o padrasto dava medicação)	
R-M-12	“Sim. Davam-me remédios, íamos ao centro de saúde para saber se estava tudo bem.”	Cuidado (cuidados básicos – medicação e deslocação à unidade de saúde)	
S-M-13	“Iam ao hospital comigo.” “(Dentro de casa) Cuidavam de mim.”	Cuidado (cuidado não especificado dentro de casa; cuidados básicos – deslocação à unidade de saúde)	
S-M-17	“Eu raramente fico doente. No entanto, quando eu fico doente é por algum tempo. A minha mãe fazia por mim o normal, tentava ajudar-me, se estivesse	Cuidado (cuidados básicos – medicação) Existência de apoio (Apoio emocional - atenção por parte da mãe; Escuta,	

	com dores dava-me os medicamentos necessários. Falávamos sobre a minha situação.” “(mãe) Dava-me sempre um pouco mais de atenção, porque eu estava doente.”	aconselhamento e ajuda perante dificuldades/problemas – ajuda por parte da mãe)	
T-F-16	“Eu não estive muitas vezes doente, ficava apenas constipada. Nunca fiquei doente ao ponto de ter de ficar em casa. Quando estava constipada a minha tia dava-me remédios e eu sentia que era mais cuidada nestas ocasiões...”	Cuidado (cuidados básicos – medicação)	
T-M-16	“Os meus pais iam buscar a medicação para me tratarem e ficar melhor. Por exemplo, quando estive constipado, o meu pai e a minha mãe foram logo buscar remédios.”	Cuidado (cuidados básicos – medicação)	

7.4. Anexo D – Descrição dos resultados qualitativos

Tema 4: Identificar o conceito de família, bem como identificar a perceção dos/as participantes sobre a sua família e contexto familiar

A análise qualitativa apenas irá incidir sobre o Tema 4 que visa identificar: (1) o conceito de família, (2) a perceção dos/as participantes sobre a sua família (3) e a perceção dos/as participantes sobre o seu contexto familiar.

Tema 4 – Objetivo 1: Identificar o conceito de família

“Identificar o conceito de família” visa compreender a perceção dos/as participantes relativamente ao conceito de família. Da análise das verbalizações dos/as participantes resultaram as seguintes quatro categorias: (1) “Apoio parental”; (2) “Proteção e prestação de cuidados”; (3) “União”; (4) “Ambiente favorável ao bem-estar”.

Categoria 1: Apoio parental

Tal como ilustrado na Tabela 1, a categoria “Apoio parental” integra duas subcategorias: (1) “Apoio emocional” e (2) “Ajuda perante dificuldades/problemas”. Esta categoria refere o entendimento de família pelos/as participantes enquanto fonte de suporte emocional, manifestado em termos físicos (e.g., abraços) e verbais (e.g., amor), bem como apoio perante dificuldades ou problemas (e.g., ajuda em situações de necessidade pessoal ou em situações inesperadas).

Tabela 1

Categoria 1: Apoio parental

Categoria	Subcategorias	UR	UC
Apoio Parental	Apoio emocional	20	47
	Ajuda perante dificuldades/problemas	7	8

Nota. UR = unidades de registo; UC = unidades de contagem.

Tabela 2

Especificação da Tabela 1. Categoria 1: Apoio parental

Categoria	Subcategorias	Especificação das subcategorias	UR	UC
Apoio Parental	Apoio emocional	Acolhimento	1	1
		Amizade	8	13
		Amor	12	14
		Atenção	1	1
		Carinho	7	8
		Diálogo (escuta e compreensão)	3	3

Categoria	Subcategorias	Especificação das subcategorias	UR	UC
		Interações físicas afetuosas	1	2
		Partilha de sentimentos e experiências	5	5
	Ajuda perante dificuldades/problemas		7	8

Nota. UR = unidades de registo; UC = unidades de contagem.

A subcategoria “Apoio emocional” diz respeito ao suporte que a família deve proporcionar, baseando-se em manifestações físicas e verbais de afeto, com o propósito de auxiliar os seus membros na gestão adequada das emoções e na superação de situações adversas, de forma que os seus membros possam sentir-se acolhidos e compreendidos. Esta subcategoria apresenta no total 20 verbalizações de participantes (UC=47). Para melhor especificar, pode se verificar na Tabela 2, que esta subcategoria inclui: (1) 1 verbalização (UC=1) sobre acolhimento; (2) 8 verbalizações (UC=13) sobre amizade; (3) 12 verbalizações (UC=14) sobre amor; (4) 1 verbalização (UC=1) sobre atenção; (5) 7 verbalizações (UC=8) sobre carinho; (6) 3 verbalizações (UC=3) sobre diálogo que integra a escuta e a compreensão; (7) 1 verbalização (UC=2) sobre interações físicas afetuosas; e (8) 5 verbalizações (UC=5) sobre partilha de sentimentos e experiências. De seguida, estão ilustrados alguns exemplos:

B-M-17: “*São pessoas que estão lá para me ouvirem....*”

F-M-14: “*Família são aqueles que conversam contigo e ouvem-te.*”

I-M-17: “*A família também partilha entre si os seus sentimentos.*”

O-M-13: “*... partilham carinho, dão beijos, abraços...*”

A subcategoria “Ajuda perante dificuldades/problemas” refere-se a uma forma de apoio que se baseia numa ação de assistência aos membros do seio familiar perante a presença de situações adversas. Esta subcategoria integra as verbalizações de 7 participantes (UC=8), onde os mesmos fazem referência à família como um recurso funcional em momentos adversos:

A-F-17: “*... quem... me pode sempre ajudar.*”

M-F-16: “*Família é quem... ajuda quando acontece alguma coisa ou quando não é esperado.*”

Face ao exposto, observa-se que, na categoria “Apoio Parental”, a subcategoria de “Apoio emocional” assume maior relevância apresentando o maior número de unidades de registo (UR=20) e unidades de contagem (UC=47).

Categoria 2: Proteção e prestação de cuidados

A categoria “Proteção e prestação de cuidados”, representada na Tabela 3, não apresenta subcategorias e faz referência à proteção emocional (qualidade do vínculo afetivo) e proteção física (satisfação das necessidades básicas como a alimentação), evidenciando a família enquanto estrutura responsável pela segurança e provisão de recursos e prestação de cuidados essenciais.

Tabela 3

Categoria 2: Proteção e prestação de cuidados

Categoria	UR	UC
Proteção e prestação de cuidados	9	11

Nota. UR = unidades de registo; UC = unidades de contagem.

Nesta categoria, emergiram das verbalizações dos/as participantes UR=9 e UC=11 como, por exemplo:

H-F-18: “*Família é um porto seguro, se tudo der errado, a família está lá para te fazer sorrir.*”

I-F-19: “*É a nossa família que nos dá educação e comida...*”

Categoria 3: União

Representada na Tabela 4, a categoria “União” refere-se à percepção dos/as participantes entendendo a família como um conjunto de elementos ligados entre si. Este entendimento assenta na percepção da existência de um vínculo predominantemente afetivo, estabelecido entre indivíduos consanguíneos e/ou não consanguíneos, em detrimento dos laços estritamente biológicos. Baseia-se também num vínculo exclusivamente biológico entre sujeitos consanguíneos, ou ainda na combinação equilibrada de ambos os tipos de vínculo, biológico e afetivo. Tal categoria integra quatro subcategorias: (1) “Predominância do vínculo afetivo (consanguíneos e/ou não consanguíneos)”; (2) “Vínculo biológico”; (3) “Vínculo afetivo e biológico”; e (4) “Desunião”.

Tabela 4*Categoria 3: União*

Categoria	Subcategorias	UR	UC
União	Predominância do vínculo afetivo (consanguíneos e/ou não consanguíneos)	14	20
	Vínculo biológico	4	7
	Vínculo afetivo e biológico	6	10
	Desunião	1	3

Nota. UR = unidades de registo; UC = unidades de contagem.

A subcategoria “Predominância do vínculo afetivo (consanguíneos e/ou não consanguíneos)” refere-se à percepção de existência de ligações familiares baseadas predominantemente em vínculos afetivos, estabelecidos entre sujeitos consanguíneos e/ou não consanguíneos, sendo estes considerados mais importantes em comparação com os laços biológicos. Esta subcategoria destaca 14 verbalizações (UC=20) entre elas:

G-M-12: *“A família não é só ligada pelo sangue, ultrapassa isso, pois também inclui amizade e amor. Por exemplo, um amigo pode ser considerado família, porque me ajuda e é com quem eu partilho, por vezes, a minha felicidade.”*

M-F-16: *“Família... não é com quem nós crescemos ou quem supostamente é obrigatório ser família. Família é quem está mesmo lá e ajuda quando acontece alguma coisa ou quando não é esperado.”.*

A subcategoria “Vínculo biológico” reflete uma conceção de união familiar focada apenas nos laços consanguíneos, na qual a dimensão genética define a pertença ao sistema familiar e alberga 4 verbalizações (UC=7) das quais se destacam:

J-M-16: *“A família partilha o mesmo sangue e não ultrapassa isso.”*

O-M-15: *“Família é com quem crescemos, os nossos pais e irmãos.”*

A subcategoria “Vínculo afetivo e biológico” refere-se à articulação de duas ligações (laços emocionais e laços consanguíneos) com igual magnitude. Ou seja, os/as participantes percecionam a ligação familiar decorrente simultaneamente de um elo biológico e de um vínculo afetivo, reconhecendo ainda outros sujeitos não consanguíneos como membros da família. Esta subcategoria comporta 6 verbalizações (UC=10), destacando-se:

D-M-17: *“A família é unida pelo sangue e também porque gostam uns dos outros.”*

F-M-14: *“Pode ser a família biológica ou fraterna. A família biológica é a que nos fez e de onde nascemos, enquanto a fraterna é, por exemplo, um padrasto que cuidou de nós.”*

A subcategoria “Desunião” refere-se ao conceito de família como a ausência de vínculos emocionais e de coesão entre os membros familiares e compreende apenas a verbalização de uma participante (UC=3). Importa salientar que a participante tem como referência a destruturação da sua própria família, a partir da qual define família como desunião, tal como evidencia o exemplo:

N-F-17: *“... a minha família está separada, portanto eu construiria a família de forma separada, em que os familiares estão todos separados e cada um no seu canto.”*

Verifica-se, nesta categoria, que 14 participantes (UC=20) percecionam a ligação familiar como a “Predominância do vínculo afetivo (consanguíneos e/ou não consanguíneos)”. Curiosamente, a família também é percebida, por uma participante (UR=1) e (UC=3), como um espaço de desunião caracterizado pela separação e falta de coesão entre membros familiares tendo como referência a desunião da sua própria estrutura familiar.

Categoria 4: Ambiente favorável ao bem-estar

Tal como ilustrada na tabela 5, a categoria “Ambiente favorável ao bem-estar” compreende a família enquanto espaço emocionalmente positivo e seguro, onde os/as participantes associam a família a sentimentos e estados emocionais positivos, bem como a uma estabilidade relacional e respeitosa. Esta categoria compreende quatro subcategorias: (1) “Confiança e Disponibilidade”; (2) “Paz”; (3) “Respeito”; (4) “Convívio”.

Tabela 5

Categoria 4: Ambiente favorável ao bem-estar

Categoria	Subcategorias	UR	UC
Ambiente favorável ao bem-estar	Confiança e Disponibilidade	9	15
	Paz	2	2
	Respeito	1	2
	Convívio	7	7

Nota. UR = unidades de registo; UC = unidades de contagem.

A subcategoria “Confiança e Disponibilidade” diz respeito à perceção positiva dos/as participantes acerca de família e dos indivíduos que a integram, sendo esta

percecionada como um contexto seguro, marcada pela presença constante na vida do outro. Esta subcategoria é composta por 9 verbalizações (UC=15) como, por exemplo:

A-F-17: *“... é quem nunca nos deixa sozinhos.”*

B-M-17: *“Puder contar com os meus familiares para qualquer coisa, por exemplo, para falar sobre assuntos mais íntimos e sentimentais. São pessoas que estão lá para me ouvirem e me ajudarem.”*

P-M-18: *“Acho que são pessoas muito próximas com quem eu sinto que possa confiar na minha vida.”*

A subcategoria “Paz” associa o conceito de família à presença de tranquilidade e alberga 2 verbalizações (UC=2) sendo estas exemplificadas de seguida:

F-F-15: *“Família é onde eu consigo encontrar paz e amor. É o pilar, onde me possa segurar quando estou mal.”*

R-M-12: *“Família deve ser paz.”*

A subcategoria “Respeito” integra apenas 1 verbalização (UC=2) e diz respeito à existência de ações respeitosas entre familiares, favorecendo relações harmoniosas:

L-F-16: *“Família é um conjunto de pessoas que se relacionam e respeitam-se... Para além dos laços de sangue que partilham, a família partilha o respeito entre as pessoas.”*

A subcategoria “Convívio” consiste na convivência frequente entre familiares, sendo o conceito de família percecionado por sentimentos positivos associados à alegria e satisfação, bem como indivíduos que partilham mais tempo e estabelecem maior contacto direto entre si. Tal subcategoria é composta por 7 verbalizações (UC=7) dos quais se destacam os seguintes exemplos:

J-F-17: *“Família deve ser o pai e a mãe ou pessoas de coração com quem interagem e partilham... amizade, alegria...”*

M-M-12: *“(família)... são aqueles com quem estamos mais tempo e com quem nós nos damos mais.”*

T-M-16: *“Família deve ser aquelas pessoas com quem tu deves conviver mais no dia a dia.”*

Assim sendo, na categoria “Ambiente favorável ao bem-estar”, os/as participantes destacam a subcategoria “Confiança e Disponibilidade” verbalizada por 9 participantes e compreende UR=15.

Tema 4 – Objetivo 2: Identificar a percepção dos/as participantes sobre a sua família

“Identificar a percepção dos/as participantes sobre a sua família” traduz a percepção destes/as relativamente à sua própria família, a partir do qual se reconheceram quatro categorias principais: (1) “União”; (2) “Relacionamentos”; (3) “Características e dificuldades dos elementos da família”; (4) “Sentimentos negativos associados às figuras de referência. As categorias e respetivas subcategorias, tornam evidente a forma tão diversa como os/as participantes percebem a sua família. Tal diversidade vai desde representações de união ou desunião, à existência de boas ou más relações ou a inexistência destas, passando pela identificação de dificuldades manifestadas em elementos familiares até à verbalização de sentimentos negativos associados às figuras de referência.

Categoria 1: União

A categoria “União”, representada na Tabela 6, refere-se à presença ou ausência de vínculos afetivos ou biológicos entre membros do seio familiar dos/as participantes, evidenciando o grau de coesão relacional existente. Tal categoria inclui duas subcategorias: (1) “Unida”; (2) “Desunida”.

Tabela 6

Categoria 5: União

Categoria	Subcategorias	Subcategorias Secundárias	UR	UC
União	Unida	Ligação afetiva	3	5
		Ligação biológica	1	1
	Desunida		7	13

Nota. UR = unidades de registo; UC = unidades de contagem.

A subcategoria “Unida” diz respeito à ligação entre membros da família que assenta em dois eixos distintos (afetivos ou biológicos) e alberga duas subcategorias secundárias: (1) “Ligação afetiva”; (2) e “Ligação biológica”.

A subcategoria secundária “Ligação afetiva” relaciona-se ao vínculo afetivo que, desenvolvido em função da qualidade das interações das relações familiares, une os membros familiares além dos laços consanguíneos. Excecionalmente há um participante que verbaliza que a sua família era unida, no entanto, ele era o único que tinham um mau comportamento. Esta subcategoria secundária é composta por 3 verbalizações dos/as participantes (UC=5), das quais se destacam:

D-M-17: “*A minha família era unida, só eu é que me portava mal.*”

F-M-14: *“A nossa ligação é mais do que sangue, o meu pai fala comigo como se fosse meu amigo, o meu pai é tudo para mim.”; “...a minha mãe também é muito importante para mim... acho que ela tem muito afeto por mim.”*

O-M-15: *“... éramos cúmplices e unidos.”*

Por sua vez, a subcategoria secundária “Ligação biológica” representa o vínculo, baseado apenas nos laços consanguíneos, que conecta os membros do seio familiar. Esta subcategoria secundária apenas integra 1 verbalização (UC=1), tal como será ilustrado no seguinte exemplo:

I-M-17: *“A ligação da minha família é somente baseada nos laços de sangue e não vai além disso.”*

A subcategoria “Desunida” refere-se à ausência ou fragilização de vínculos responsáveis pela estrutura da coesão do grupo familiar dos/as participantes, bem como à percepção destes/as relativamente à ausência de uma estrutura e identidade familiar coerente. Esta subcategoria integra 7 verbalizações dos/as participantes (UC=13) como, por exemplo:

F-F-15: *“...há uma desunião na minha família, porque... faltou o lado afetivo do meu pai... Desde os meus dez anos que não recebo o amor da minha mãe.”*

J-F-17: *“Não são pessoas emocionais, eu ainda não experimentei aquela sensação do que é ter uma família.”; “Eu nunca senti o que era uma família...”;*

N-F-17: *“É muito desunida, cada um fala mal nas costas uns dos outros, tentam-se lixar-se uns aos outros. Para mim a minha família é muito falsa e não tenho confiança para falar com eles. Também não sinto que haja uma ligação afetiva nem apoio entre todos... há uma desunião.”*

Observa-se, no âmbito da categoria “União”, que a subcategoria “Desunida” destaca-se de forma significativa pelos/as participantes ao apresentar o maior número de unidades de registos (UR=7) e o maior número de unidades contagens (UC=13).

Categoria 2: Relacionamentos

A Tabela 7 que ilustra a categoria “Relacionamentos” refere-se aos diferentes tipos de interações emocionais, sociais, funcionais ou não que conectam os membros no seio familiar, podendo manifestar-se de diversas formas, desde relações fortes e positivas a vínculos frágeis ou ausentes. Tal categoria apresenta três subcategorias: (1) “Boas relações”; (2) Más relações; (3) e “Ausência de relações”.

Tabela 7*Categoria 6: Relacionamentos*

Categoria	Subcategorias	UR	UC
Relacionamentos	Boas relações	18	22
	Más relações	10	10
	Ausência de relações	10	11

Nota. UR = unidades de registo; UC = unidades de contagem.

Tabela 8*Especificação da Tabela 7. Categoria 6: Relacionamentos*

Categoria	Subcategorias	Especificação das subcategorias	UR	UC
Relacionamentos	Boa relação	Com a figura materna	4	5
		Com a figura paterna	1	2
		Com irmãos	7	9
		Com o madraستا/padrasto/ex-padrasto	3	3
		Com outros familiares	2	2
	Má relação	Com a figura materna	1	1
		Com a figura paterna	2	2
		Com ambos os pais	1	1
		Com irmãos/irmãs	3	3
		Com a família de forma geral	1	1
		Com outros familiares	2	2
	Ausência de relações	Com a figura paterna	3	3
		Com ambos os pais	1	2
		Com irmãos/irmãs	2	2
		Com padrasto	3	3
		Outros familiares	1	1

Nota. UR = unidades de registo; UC = unidades de contagem.

A subcategoria “Boas relações” representa os vínculos que evidenciam a boa qualidade das interações familiares, caracterizados pela ligação afetiva que fortalece o vínculo com determinados membros (pais, irmãos/irmãs, madrasta/padrasto e outros familiares). Tal como representado na Tabela 7, a subcategoria integra no total 18 verbalizações dos/as participantes (UC=22). De forma mais detalhada, conforme observado na Tabela 8, esta subcategoria inclui boas relações com: (1) a figura materna (UR=4) e (UC=5); (2) a figura paterna (UR=1) e (UC=2); (3) os irmãos/irmãs (UR=7) e (UC=9); (4) a madrasta/padrasto/ex-padrasto (UR=3) e (UC=3); (5) e outros familiares (UR=2) e (UC=2). Por exemplo:

I-F-16: *“Eu e o meu padrasto sempre estabelecemos uma boa relação. Este nunca teve comportamentos agressivos nem me insultava. Eu vejo-o como um pai biológico, um segundo pai. Comigo ele era muito amoroso e carinhoso.”*

P-F-14: *“A minha relação com a minha avó era ótima, pela forma como ela me tratava e dava-me amor. A minha relação com a minha mãe era igual, tinha amor, nunca foi agressiva em momento algum.”*

A subcategoria “Más relações” corresponde aos vínculos relativos e à má qualidade das interações, sendo estes caracterizadas por conflitos, relações distantes ou hostilidade, as quais comprometem a coesão e o funcionamento familiar. Considerando a Tabela 7, esta subcategoria integra no total 10 verbalizações de participantes (UC=10). Especificamente, e, de acordo com a Tabela 8, pode-se concluir que esta subcategoria inclui más relações com: (1) a figura materna (UR=1) e (UC=1); (2) a figura paterna (UR=2) e (UC=2); (3) ambos os pais (UR=1) e (UC=1); (4) irmãos/irmãs (UR=3) e (UC=3); (5) a família em geral (UR=1) e (UC=1); (6) e outros familiares (UR=2) e (UC=2).

F-F-15: *“Eu discutia imenso com a minha mãe, nós não nos entendemos bem.”*

H-F-18: *“Em relação ao meu irmão, nós temos uma relação distante com pouca intimidade...”*

Por sua vez, a subcategoria “Ausência de relações” representa a inexistência de vínculos sociais com determinados membros, resultando do distanciamento entre os sujeitos, da rutura dos laços afetivos e de acontecimentos adversos. Esta subcategoria, segundo a Tabela 8, alberga no total 10 verbalizações dos/as participantes (UC=11). Para melhor especificar, pode se observar na Tabela 8, que esta subcategoria inclui a ausência de contacto dos/as participantes com: (1) a figura paterna (UR=3) e (UC=3); (2) ambos

os pais (UR=1) e (UC=2); (3) irmãos/irmãs (UR=2) e (UC=2); (4) o padrasto (UR=3) e (UC=3); (5) e outros familiares (UR=1) e (UC=1). Exemplificando-se, de seguida, algumas destas verbalizações:

F-F-15: “... não mantenho contacto nem tenho laços com a minha mãe. A partir deste momento, acabei também por cortar laços com o meu padrasto, o mesmo aconteceu com o meu irmão mais novo...”

I-F-19: “Em relação ao meu pai, eu ainda não falo com ele, em virtude de acontecimentos passados...”; “... não falo com o meu irmão mais velho para eu não ter problemas com o outro irmão.”

T-F-16: “... a relação com a minha tia não existe, uma vez que não mantenho um contacto regular com esta... Gosto imenso dos meus irmãos mais novos, mas infelizmente não consigo estabelecer contacto com eles...”; “... com o meu pai eu não falo com ele, uma vez que se encontra preso.”

Em suma, na categoria “Relacionamentos”, as “Boas relações” assumem relevância, apresentando (UR= 18) e (UC=22). As subcategorias “Más relações” evidenciam (UR=10) e (UC=10) e “Ausência de relações” (UR=10) e (UC=11).

Categoria 3: Características e dificuldades dos elementos da família

A categoria “Características e dificuldades dos elementos da família”, apresentada na tabela 9, faz referência a um conjunto de fatores e características que configuram os membros da família dos/as participantes. Tal categoria não se limita à descrição da estrutura formal da família, mas integra fatores que podem influenciar o funcionamento familiar, a organização das dinâmicas internas e a qualidades das relações estabelecidas entre os seus membros. De tal forma, a categoria apresenta 8 subcategorias: (1) “Familiares desempregados”; (2) “Problemas financeiros dos membros da família”; (3) “Familiares com medidas de proteção”; (4) “Doença física e/ou doença mental nos pais”; (5) “Familiares com histórico criminal”; (6) “Ausência de figuras de referência”; (7) “Comportamentos aditivos na família”; (8) “Maus-tratos praticados por figuras de referência”.

Tabela 9

Categoria: Características e dificuldades dos elementos da família

Categoria	Subcategorias	Subcategorias secundárias	UR	UC
Características e dificuldades dos elementos da família	Familiares desempregados		1	2

Categoria	Subcategorias	Subcategorias secundárias	UR	UC
	Problemas financeiros dos membros da família		2	2
	Familiars com medidas de proteção		2	2
	Doença física e/ou doença mental nos pais	Doença mental/psiquiátrica	1	2
		Doença física	3	3
	Familiars com histórico criminal	Figura Paterna	3	3
		Figura Materna	1	2
	Ausência de figuras de referência	Ausência da figura paterna	8	9
		Figura paterna/materna falecida	3	4
		Desconhecimento da figura paterna/materna	4	4
	Comportamentos aditivos na família	Álcool	3	3
		Drogas	1	3
		Tabaco	2	2
	Maus-tratos por figuras de referência	Maus-tratos físicos	6	7
		Maus-tratos não especificados	1	1

Nota. UR = unidades de registo; UC = unidades de contagem.

A subcategoria “Familiars desempregados” refere-se a membros familiares sem vínculo laboral remunerado, o que pode influenciar tanto a estrutura material como a dinâmica relacional no seio familiar. Esta subcategoria é composta unicamente pela verbalização de 1 participante (UC=2) que relata que a sua mãe e o seu irmão mais velho

(figuras de referências e responsabilidade) estavam desempregados/as tendo como única fonte de rendimento o abono da família:

A-F-17: *“... a minha mãe não trabalhava e só recebia o nosso abono.”*; *“Inicialmente, o meu irmão mais velho não trabalhava.”*

A subcategoria “Problemas financeiros dos membros da família” diz respeito à insuficiência de recursos económicos necessários à satisfação das necessidades básicas da família e alberga 2 verbalizações dos/as participantes (UC=2):

A-F-17: *“... tem problemas financeiros acabam por desistir de trabalhar e pioram de condições.”*

M-F-16: *“A minha mãe sempre teve problemas financeiros.”*

A subcategoria “Familiares com medidas de proteção” refere-se a irmãos/irmãs dos/as participantes que estão abrangidos por intervenções legais destinadas à proteção de menores e comporta 2 verbalizações (UC=2):

D-M-12: *“Eu tenho uma irmã e dois irmãos, do mesmo pai e da mesma mãe e vieram todos para Portugal. Todos os meus irmãos foram para uma instituição.”*

D-M-16: *“A minha irmã mais velha estava numa instituição.”*

A subcategoria “Doença física e/ou doença mental nos pais” diz respeito à presença de doença física ou mental dos pais, o que pode influenciar a dinâmica familiar e a capacidade de prestar os devidos cuidados aos filhos/as. A mesma organiza-se em duas subcategorias secundárias: (1) “Doença mental/psiquiátrica”; (2) e “Doença Física”.

A subcategoria secundária “Doença mental/psiquiátrica” refere-se à presença de perturbações mentais numa progenitora que compromete o seu estado emocional, interferindo no seu raciocínio e na tomada de decisões de forma funcional. Assim, esta subcategoria secundária manifesta a verbalização de 1 participante (UC=2) sobre a figura materna que padece de uma condição psiquiátrica:

M-F-16: *“A minha mãe é instável... Por exemplo, a minha mãe tem bipolaridade e depressão e uma vez nós estávamos em casa e houve um problema de luz e fomos para casa de uma amiga da minha mãe. Depois, quando regressámos a casa, a minha mãe tinha comprado vinho branco e ela começou a beber e, quando ela não viu, eu despejei o vinho para ela não continuar a beber. Quando ela descobriu, começou a gritar comigo e houve uma tentativa por parte dela para me matar.”*

Por outro lado, a subcategoria secundária “Doença física” remete para a presença de pais com condições ou disfunções do sistema nervoso e alterações fisiológicas no organismo. Esta subcategoria secundária compreende 3 verbalizações de participantes

(UC=3), sendo que dois participantes relatam que a figura materna padece de uma doença neurológica e uma participante reconhece que a sua figura paterna padece da condição de diabetes:

A-F-17: *“A minha mãe tinha epilepsia...”; “O meu pai é diabético.”*

D-M-17: *“A minha mãe tem Alzheimer.”*

A subcategoria “Familiares com histórico criminal” corresponde à existência, no seio familiar, de progenitores com envolvimento em atividades ilegais ou crimes anteriormente cometidos. Assim sendo, a subcategoria integra duas subcategorias secundárias: (1) “Figura Paterna”; (2) e “Figura Materna”.

A subcategoria secundária “Figura Paterna” refere-se à figura paterna do seio familiar dos/as participantes que se encontra a cumprir uma pena de prisão em estabelecimento prisional e/ou que tenha estado envolvido em atividades criminais e inclui 3 verbalizações de participantes (UC=3):

L-F-16: *“No Brasil, eu perdi a minha mãe quando era pequena, porque foi assassinada pelo meu pai.”*

P-F-14: *“O meu pai está preso.”*

Por sua vez, a subcategoria secundária “Figura Materna” diz respeito à verbalização de 1 participante (UC=2) e corresponde à figura materna que se encontra a cumprir pena num estabelecimento prisional:

D-M-15: *“A minha mãe está presa.”; “... (mãe) até mesmo presa, ela está lá sempre para mim quando eu preciso.”*

A subcategoria “Ausência de figuras de referência” refere-se à ausência da figura materna e/ou paterna, seja pela sua ausência na vida dos/as participantes, pelo seu falecimento ou pelo facto de os/as participantes desconhecerem a sua identidade. Tal categoria integra três subcategorias secundárias: (1) “Ausência da figura paterna”; (2) “Figura paterna/materna falecida”; (3) “Desconhecimento da figura paterna/materna”.

A subcategoria secundária “Ausência da figura paterna” corresponde à figura paterna dos/as participantes que não esteve presente de maneira ativa, física e/ou emocional, ao longo da infância ou na vida dos/as participantes. Deste modo, esta figura não assegura nem o desempenho contínuo das funções parentais essenciais nem a promoção do desenvolvimento dos/as participantes. Esta subcategoria secundária destaca 8 verbalizações de participantes (UC=9), entre os quais estão:

A-F-17: *“O meu pai não estava presente, porque só o via duas vezes por ano, sendo que ele vivia perto de mim.”*

F-F-15: *“Muito atribulada, porque eu nunca fui criada pelo meu pai, quem me criou foi a minha mãe.”*; *“Cresci sem o amor paterno.”*

M-F-16: *“... (pai) ele nunca fez parte da minha infância...”*

A subcategoria secundária “Figura paterna/materna falecida” refere-se à perda física e precoce de um/a cuidador/a primário/a, impedindo a continuidade do exercício das suas funções afetivas, educativas e protetivas associadas às funções parentais. Assim, a subcategoria secundária compreende 3 verbalizações (UC=4), sendo que um participante afirmou que o seu pai já havia falecido e dois participantes confirmaram a morte da sua mãe, por exemplo:

E-M-17: *“A minha mãe já faleceu.”*

S-M-17: *“Eu nunca morei com o meu pai, porque ele morreu quando eu era criança.”*

A última subcategoria secundária “Desconhecimento da figura paterna/materna” refere à ausência de identificação e/ou reconhecimento da identidade do pai ou da mãe biológicos/as, implicando no desconhecimento da origem parental. Neste sentido, verificaram-se 4 verbalizações (UC=4), em que três participantes relataram desconhecer a sua figura paterna e um participante verbalizou não conhecer a sua figura materna como, por exemplo:

J-F-17: *“Eu não conheço a minha mãe.”*

M-M-12: *“Eu não conheço o meu pai, nem sei quem é.”*

A subcategoria “Comportamentos aditivos na família” indica a existência de dependência de substâncias em membros do núcleo familiar, desenvolvendo mudanças ou a perda de controle do seu comportamento sob o efeito destas substâncias, comprometendo o funcionamento saudável do sistema familiar. Tal subcategoria comporta três subcategorias secundárias: (1) “Álcool”; (2) “Drogas”; (3) e “Tabaco”.

A subcategoria secundária “Álcool” refere-se ao comportamento problemático do consumo de álcool por parte da figura paterna e/ou figura materna, que interfere de forma significativa no funcionamento individual e familiar, comprometendo as funções parentais e as relações internas. Identificaram-se, nesta subcategoria secundária, 3 verbalizações (UC=3), onde dois participantes falaram sobre a dependência alcoólica do pai e uma participante abordou sobre a dependência alcoólica da mãe:

B-M-17: *“Por vezes, o meu pai tentava falar comigo. No entanto, se ele estivesse alcoolizado era agressivo, ou seja, se o meu pai estivesse alcoolizado ele batia-me logo e, caso estivesse sóbrio, tentava primeiro entender a situação.”*

H-F-18: *“A minha mãe é descontrolada e bêbeda.”*

A subcategoria secundária “Drogas” indica a verbalização de 1 participante (UC=3) acerca da figura materna com dependência de estupefacientes, evidenciando a mudança de comportamento sob o efeito de drogas e o comprometimento das suas funções parentais.

S-M-17: *“A minha mãe dava-me atenção, ela amava-me, ela fazia tudo o que podia para o meu bem-estar, mesmo que estivesse envolvida em drogas. No entanto, quando estava sob o efeito de drogas a sua atenção para comigo diminuía...”; “Há uns anos a minha mãe voltou para a drogas.”*

A subcategoria secundária “Tabaco” apresenta a existência de hábitos associados ao tabagismo por parte de membros da família e compreende 2 verbalizações de participantes (UC=2):

A-F-17: *“O meu irmão mais velho não queria fazer nada, nem trabalhar. Ele gostava de fumar muito...”*

P-M-18: *“... a minha mãe... gostava muito de fumar.”*

A última subcategoria “Maus-tratos por figuras de referência” refere-se a atos de violência física e outras formas de maltrato não especificadas cometidos por cuidadores/as ou figuras de referência. Neste sentido, estas figuras ao invés de proverem cuidados, prejudicam os/as participantes, comprometendo as relações familiares e o funcionamento interno na família. Nesta subcategoria identificaram-se duas subcategorias secundárias: (1) “Maus-tratos físicos”; (2) e “Maus-tratos não especificados”.

A subcategoria secundária “Maus-tratos físicos” diz respeito ao relato de agressões físicas intencionais dirigidas por membros do seio familiar contra os/as participantes, afetando o funcionamento familiar e as relações interpessoais no núcleo. Esta categoria expõe 6 verbalizações de participantes (UC=7), sendo que cinco participantes revelam ter sido maltratos pela figura materna e uma participante relata ter sido maltrata pelo irmão:

A-F-17: *“(irmão) era este que nos batia imenso...”*

F-F-15: *“Desde os meus doze anos, a minha mãe agredia-me constantemente.”*

A subcategoria secundária “Maus-tratos não especificados” indica situações de violência cuja natureza não foi claramente identificada, sendo estas praticada pela tia (cuidadora) e contém apenas 1 verbalização (UC=1):

L-F-16: *“Quando perdi a minha mãe, fui viver com a minha tia que, ao invés de me cuidar, acabou por me maltratar imenso...”*

Conclui-se que, na categoria “Características e dificuldades dos elementos da família”, destaca-se a “Ausência da figura paterna” (integrada na subcategoria “Ausência de figuras de referência”), ao apresentar o maior número de verbalizações de participantes (UR=8; UC=9), conforme apresentado pelas respostas dos/as participantes. Seguidos destes, estão os “Maus-tratos físicos” de figuras de referência (integrado na subcategoria “Maus-tratos por figuras de referência”) (UR=6) e (UC=7). Importa salientar a presença de “Famíliares desempregados” (UR=1; UC=2), “Problemas financeiros dos membros da família” (UR=2; UC=2) e “Comportamento aditivos na família” como “Álcool” (UR=3; UC=3), “Drogas” (UR=1; UC=3) e “Tabaco” (UR=2; UC=2).

Categoria 4: Sentimentos negativos associados às figuras de referência

A categoria “Sentimentos negativos associados às figuras de referência”, ilustrada na tabela 10, refere-se a sentimentos negativos resultantes das vivências negativas com as figuras parentais, em relação às quais os/as participantes não sentem afeto e, face às quais, se percecionam de forma desintegrada no contexto familiar. Desta categoria resultam duas subcategorias: (1) “Sentimento de exclusão (figura paterna)”;

(2) e “Inexistência de afeto pelas figuras parentais”.

Tabela 10

Sentimentos negativos associados às figuras de referência

Categoria	Subcategorias	UR	UC
Sentimentos negativos associados às figuras de referência	Sentimento de exclusão (figura paterna)	2	2
	Inexistência de afeto pelas figuras parentais	3	4

Nota. UR = unidades de registo; UC = unidades de contagem.

A subcategoria “Sentimento de exclusão (figura paterna)” corresponde a sentimentos negativos de exclusão do contexto familiar por parte da figura paterna em comparação com outros membros familiares, nomeadamente irmãos/irmãs. Nesta categoria, destacam-se 2 verbalizações (UC=2):

D-M-15: *“... sentia-me excluído pelo meu pai. Por exemplo, havia alturas em que o meu pai dava coisas aos meus irmãos e a mim não. Outras vezes o meu pai saía de*

casa com os meus irmãos e comigo não... no fundo, ficava sentido, porque o meu pai levava os meus irmãos e não me levava a mim.”

M-F-16: *“Eu nunca senti nem afeto nem carinho do meu pai... Nunca me senti bem com o meu pai, porque não me sentia integrada, sendo que os meus irmãos estavam todos integrados e eu sentia-me de parte.”*

A subcategoria “Inexistência de afeto pelas figuras parentais” indica a inexistência de um vínculo afetivo para com a respetiva figura paterna ou materna, associada à ausência dessa figura na vida dos/as participantes ou ao sofrimento que lhes foi causado. Tal subcategoria contém 3 verbalizações (UC=4).

P-F-14: *“Eu não convivo muito com o meu pai, eu não gosto dele nem de nenhum irmão dele. Como pai não gosto dele, porque nunca teve comigo e nunca me criou. Quem é pai é quem cria. Ele nunca viveu comigo.”*

R-F-17: *“Eu não considero aquela mulher como minha mãe, para mim ela não existe, porque eu sofri muito nas mãos dela sobretudo quando me batia muito. Eu não gosto dela e não a quero voltar a ver nem ter contacto com ela. Como mulher e mãe acho que não devia fazer o que fez.”*

Em suma, os resultados mostram-se muito semelhantes no que respeita às subcategorias “Sentimento de exclusão (figura paterna)” (UR=2; UR=2) e “Inexistência de afeto pelas figuras parentais” (UR=3; UR=4).

Tema 4 – Objetivo 3: Identificar a perceção dos/as participantes sobre o seu contexto familiar

“Identificar a perceção dos/as participantes sobre o seu contexto familiar” refere-se à identificação da perceção dos/as participantes acerca das características do funcionamento do contexto familiar. Das verbalizações dos/as participantes emergiram 8 categorias principais: (1) “Apoio Parental”; (2) “Cuidado Parental”; (3) “Empatia”; (4) “Proteção e segurança”; (5) “Convivência familiar”; (6) “Comunicação”; (7) “Reação ao comportamento do/a adolescente”; (8) “Negligência das figuras parentais”.

Categoria 1: Apoio Parental

Na tabela 11 está representada a categoria “Apoio Parental” e refere-se à existência ou à falta de apoio emocional e de elementos que caracterizam a escuta, aconselhamento e ajuda necessária à gestão das adversidades, no contexto familiar e/ou por outros membros da família. Esta categoria organiza-se em duas subcategorias: (1) “Existência de apoio” e (2) “Falta de apoio”.

Tabela 11*Categoria 9: Apoio Parental*

Categoria	Subcategorias	Subcategoria secundárias	UR	UC
Apoio Parental	Existência de apoio	Apoio emocional	25	88
		Escuta, aconselhamento e ajuda perante dificuldades/problemas	13	23
	Falta de apoio		13	23

Nota. UR = unidades de registo; UC = unidades de contagem.

A subcategoria “Existência de apoio” refere-se à presença de apoio emocional bem como, de elementos caracterizadores da escuta, aconselhamento e ajuda perante situações adversas dentro do seio familiar e/ou por de determinados membros da família. Esta subcategoria alberga duas subcategorias secundárias: (1) “Apoio emocional” e (2) “Escuta, aconselhamento e ajuda perante dificuldades/problemas”.

A subcategoria secundária “Apoio emocional” indica a presença de acolhimento, amor, carinho, atenção, partilha de emoções, bem como interações físicas afetuosas por pelo núcleo familiar ou um ou mais membros deste meio. Inclui, igualmente, a utilização de estratégias de distração face a acontecimentos negativos e a disponibilidade, manifestada através da presença de determinados membros da família e/ou de toda a família em diferentes momentos da vida dos/as participantes. Esta subcategoria baseia-se no discurso de 25 participantes (UC=88), entre os quais se destaca:

G-M-12: *“(família) Havia amor. Davam abraços e diziam que gostavam de mim.”*

J-M-15: *“Sentia carinho vindo da minha mãe e ela também me dava abraços.”*

I-F-16: *“Mais tarde, quando estas minhas crises começaram a piorar, foi aí que a minha mãe notou realmente que eu não estava bem e ela acabou por se deitar ao meu lado e fazia-me “festas” na cabeça, dizendo-me para não ficar assim, que ia ficar tudo bem, e para eu descansar. Nessa altura, senti que a minha mãe esteve lá para mim. Deu-me carinho nesta época.”*

R-F-17: *“...(padrasto) sei que num momento difícil se eu precisasse ele iria ajudar-me. Apesar de tudo, o meu padrasto foi o meu apoio, foi com quem desabafei e contei sobre a minha vida e sobre o que estava a sentir... eu dava-lhe abraços e beijinhos, ou seja, tinha mais intimidade com ele.”*

A subcategoria secundária “Escuta, aconselhamento e ajuda perante dificuldades/problemas” considera o processo de escuta ativa, aconselhamento, encorajamento e ajuda prestada pelos pais ou por outros membros da família, procurando compreender e assegurar a orientação e o auxílio necessários para que os/as participantes possam gerir as adversidades. Esta subcategoria secundária reúne 13 verbalizações (UC=23) das quais se destacam:

J-M-15: *“(mãe)... se ela percebesse que eu estava triste, ela vinha ao pé de mim para perceber o que se passava. Nestes momentos, ela ouvia-me e dava-me soluções para os problemas que eu estava a enfrentar.”*

O-M-13: *“...(pais) perguntavam-me como eu estava, dava-me palavras bonitas (por exemplo, diziam-me que aquela situação iria passar).”; “Tentavam perceber o que eu tinha e o que sentia naquele momento.”*

R-F-17: *“(padrasto) Ele às vezes vinha-se sentar comigo e tentava entender o meu lado. Ele compreendia-me e dizia o que achava melhor para mim diante das situações e até me tentava animar, por exemplo, dizia-me para não ver o lado mau das situações e há sempre solução.”*

A subcategoria “Falta de apoio” refere-se à carência de apoio afetivo, tanto em termos físicos como em termos verbais, dentro do contexto familiar e/ou por determinados membros da família, contribuindo para o mal-estar dos/as participantes. Esta subcategoria compreende 13 verbalizações (UC=23) entra quais se apresentam os seguintes exemplos:

H-F-18: *“Uma vez eu falei para a minha mãe que eu defendi um amigo meu e ela deu-me porrada e disse-me que eu merecia que ela me batesse. Todas as vezes que eu tentava desabafar com a minha mãe, ela sempre encontrava forma de me colocar mal ou de me culpar da situação, fazendo me sentir pior...”*

L-F-16: *“(quando morava com a tia) Não havia carinho. Era eu e eu. Tanto que muitas vezes fui eu o meu próprio colo, porque ninguém me compreendia. Às vezes tinha medo devido àquilo que já se tinha passado com a minha mãe e outras coisas...”*

Resumidamente, no âmbito da categoria “Apoio Parental”, a subcategoria “Existência de apoio” destaca-se de forma significativa com a sua subcategoria secundária “Apoio emocional”, tendo sido, esta última, mencionada por mais de metade dos/as participantes (UR=25; UC=88). Importa referir que a subcategoria “Falta de apoio” inclui 13 verbalizações dos/as participantes (UC=23).

Categoria 2: Cuidado Parental

A categoria “Cuidado Parental”, representada na Tabela 12, diz respeito às responsabilidades parentais assumidas por determinados familiares, integrando não apenas cuidados prestados (não especificados ou reativos a necessidades imediatas como doença), mas também a preocupação relativamente ao estado de saúde física e/ou psicológica dos/as adolescentes. Esta categoria subdivide-se em três subcategorias: (1) “Cuidados básicos”; (2) “Cuidado não especificado”; (3) “Preocupação com o estado de saúde física e/ou psicológica dos/as adolescentes”.

Tabela 12

Categoria 10: Cuidado Parental

Categoria	Subcategorias	UR	UC
Cuidado Parental	Cuidados básicos	27	54
	Cuidado não especificado	4	4
	Preocupação com o estado de saúde física e/ou psicológica dos/as adolescentes	23	41

Nota. UR = unidades de registo; UC = unidades de contagem.

A subcategoria “Cuidados básicos” engloba um conjunto de ações reativas, realizadas por um ou mais membros do seio familiar, destinadas a satisfazer as necessidades básicas dos/as participantes, particularmente quando estes se encontram num estado de saúde vulnerável, incluindo aspetos relacionados com a alimentação, saúde e higiene. Esta subcategoria compreende 27 verbalizações (UC=54), apresentando-se, de seguida, alguns exemplos ilustrativos:

A-F-17: *“A minha mãe tratava-me melhor, porque às vezes não queria tomar banho, nem cuidar de mim, nem trocar de roupa e, caso me sentisse triste, a minha mãe fazia isso por mim.”*

P-F-14: *“(caso de doença) A minha mãe estava sempre ao meu lado e a perceber se estava tudo bem comigo, ia sempre a comprar os remédios. Ela nunca me deixava faltar nada. Fazia-me sempre sopa, e ajudava-me a ir para a mesa para comer. A minha avó também estava sempre disponível para tudo, ela fazia o comer para mim e ia levá-lo à cama.”*

A subcategoria “Cuidado não especificado” diz respeito à prestação de cuidados não explicitados pelos/as participantes, concedidos por um ou mais membros do núcleo

familiar em diferentes situações. Tal subcategoria integra 4 verbalizações dos/as participantes (UC=4) das quais se destacam:

P-F-14: *“O meu padrasto estava sempre a cuidar de mim e do meu irmão quando a minha mãe não estava.”*

P-M-18: *“Quando eu ficava doente, eu ficava uma semana em casa a sofrer. Então a minha mãe deixava-me ficar em casa e tomava conta de mim. Ela dizia-me para eu ficar na cama.”*

A subcategoria “Preocupação com o estado de saúde física e/ou psicológica dos/as adolescentes” refere-se a um conjunto de atitudes caracterizadas por vigilância, interesse e preocupação manifestadas por um ou mais elementos pertencentes ao seio familiar, com o objetivo de compreender o estado de saúde física e/ou psicológica dos/as participantes. Esta subcategoria integra o discurso de 23 participantes (UC=41) ilustrando, assim, alguns exemplos representativos:

F-F-15: *“Quando estava triste sentia mais apoio vindo do meu padrasto... ia ter comigo, tentava perceber como é que eu estava e o que se passava comigo.”*

F-M-14: *“O meu pai perguntava logo o que eu tinha, e levava-me para o hospital, mas também como ele é bombeiro ele já sabia agir em algumas situações... Ele era atento e sentia que era cuidado em todos os aspetos. Outra vez eu não conseguia andar, o meu pai ficou desesperado, meteu os quatro piscas e acelerou até ao hospital...”*

I-F-19: *“Sim, especialmente a minha mãe, pois ela perguntava-me o que se passava, a minha mãe queria saber o porquê de eu estar assim e o que se passava comigo e eu contava-lhe e sentia que ela estava ali a ouvir-me de forma genuína.”*

Perante a análise da categoria “Cuidado Parental” as subcategorias “Cuidados básicos” (UR=27; UR=54) e “Preocupação com o estado de saúde física e/ou psicológica dos/as adolescentes” (UR=23; UC=41) revelaram-se claramente mais expressivas pelos/as participantes, em comparação com a subcategoria “Cuidado não especificado” (UR=4; UC=4).

Categoria 3: Empatia

A categoria “Empatia”, apresentada na Tabela 13, diz respeito à presença ou à falta de capacidade de compreender os sentimentos dos/as participantes por parte de um ou mais membros do seio familiar. Esta categoria subdivide-se em duas subcategorias: (1) “Existência de empatia” e (2) “Falta de empatia”.

Tabela 13*Categoria 11: Empatia*

Categoria	Subcategorias	UR	UC
Empatia	Existência de empatia	2	3
	Falta de empatia	6	8

Nota. UR = unidades de registo; UC = unidades de contagem.

A subcategoria “Existência de empatia” refere-se à capacidade demonstrada pela figura materna ou pela avó de escutarem e compreenderem a perspetiva dos/as participantes e alberga 2 verbalizações (UC=3):

B-M-17: *“A minha mãe sempre me tentava entender e ouvir, estando sempre presente.”*

P-F-14: *“Se eu tivesse uma opinião diferente da minha mãe, ela podia reclamar, mas depois ela conseguia perceber o meu lado; “A minha avó era mais compreensível comigo...”*

Por outro lado, a subcategoria “Falta de empatia” diz respeito à incompreensão ou desinteresse pelos sentimentos ou opiniões alheias, manifestadas quer por um ou mais membros do contexto familiar em relação aos/às participantes, quer nas interações entre participantes e familiares. Esta subcategoria integra 6 verbalizações (UC=8) entre as quais se destacam:

D-M-17: *“A minha mãe... não queria saber o que eu estava a sentir...”*

I-F-16: *“No início a minha mãe, quando estava triste e a ter crises de ansiedade, ela não fazia absolutamente nada para me ajudar, nem compreendia o que eu estava a sentir naquele momento.”*

L-M-17: *“(mãe) Se tivesse uma opinião distinta não chegávamos a um consenso nem percebíamos a opinião um do outro.”*

De forma geral, na categoria “Empatia” destaca-se a subcategoria “Falta de empatia” que integra (UR= 6) e (UC=8) em comparação com a subcategoria “Existência de empatia”, (UR=2) e (UC=3).

Categoria 4: Proteção e segurança

A categoria “Proteção e segurança”, apresentada na tabela 14, faz referência à perceção dos/as participantes quanto à existência ou não de proteção e de sentimento de segurança proporcionado por um ou mais membros da família. Tal categoria integra duas subcategorias: (1) “Existência de proteção e segurança” e (2) “Falta de proteção e segurança”.

Tabela 14*Categoria 12: Proteção e segurança*

Categoria	Subcategorias	Subcategoria secundárias	UR	UC
Proteção e segurança	Existência de proteção e segurança	Por parte da figura paterna e da avó	1	1
		Por parte da figura materna	3	3
		Por parte do padrasto	1	2
		Dentro do contexto familiar	1	2
	Falta de proteção e segurança	Figura paterna	2	3
		Figura materna	1	1
		Outros familiares	1	3
		Contexto familiar	3	4

Nota. UR = unidades de registro; UC = unidades de contagem.

A subcategoria “Existência de proteção e segurança” refere-se à manifestação de comportamentos protetores por parte de um ou mais membros da família, face a situações adversas provocadas por sujeitos internos e/ou externos ao contexto familiar. Esta categoria subdivide-se em quatro subcategorias secundárias: (1) “Por parte da figura paterna e da avó”; (2) “Por parte da figura materna”; (3) “Por parte do padrasto”; (4) “Dentro do contexto familiar”.

A subcategoria secundária “Por parte da figura paterna e da avó” integra o discurso de 1 participante (UC=1) e refere-se ao comportamento protetor da figura paterna e da avó face ao ato agressivo originado pela mãe em relação ao participante:

D-M-17: *“Quando a minha mãe me bateu, o meu pai e a minha avó foram-me proteger.”*

A subcategoria secundária “Por parte da figura materna” integra 3 discursos de participantes (UC=3) e faz referência à perceção destes relativamente à presença de ações de proteção por parte da figura materna:

J-M-15: *“Se alguém me fizesse mal, a minha mãe protegia-nos.”*

L-F-16: *“Sentia-me acarinhada e protegida pela minha mãe.”*

A subcategoria secundária “Por parte do padrasto” integra a narrativa de 1 participante (UC=2) e refere-se ao comportamento de proteção adotado pelo padrasto perante as atitudes agressivas da mãe dirigidas à participante:

R-F-17: *“O meu padrasto, muitas vezes, não deixava a minha mãe me bater, ou seja, protegia-me dela. Por exemplo, ele colocava-se à minha frente para ela não me bater. Ele não gostava nada que a minha mãe me fizesse aquilo. Ele foi um apoio para mim.”*

A subcategoria secundária “Dentro do contexto familiar” integra o discurso de 1 participante (UC=2) e compreende a presença de proteção exercida entre o núcleo familiar face a sujeitos externos a este contexto:

G-M-15: *“(família) Nós protegemo-nos uns aos outros. Por exemplo, se o meu irmão mais novo se colocasse numa briga com outras pessoas todos o defendíamos.”*

A subcategoria “Falta de proteção e segurança” faz referência à percepção dos/as participantes relativamente ao sentimento de insegurança experimentado no contexto familiar e/ou em relação a um membro do núcleo familiar. Tal subcategoria é composta por quatro subcategorias secundárias: (1) “Figura paterna”; (2) “Figura materna”; (3) “Outros familiares”; (4) “Contexto familiar”.

A subcategoria secundária “Figura paterna” integra 2 discursos de participantes (UC=3) e refere-se à ausência de confiança em relação à figura paterna, em virtude da dificuldade em estabelecer comunicação com a mesma:

D-M-15: *“O meu pai nunca descobria que eu estava triste... eu nunca sentia confiança para falar com ele.”*

F-F-15: *“... eu não sinto amor pelo meu pai. Não tenho nenhuma ligação com ele... para mim ele não é meu pai, é só um homem que me teve... então eu nunca tive muita confiança com ele.”; “A comunicação com o meu pai era limitada, porque nunca falava muito com ele, nunca me abri com ele e, por isso, não sentia confiança em conversar com ele.”*

A subcategoria secundária “Figura materna” integra o relato de 1 participante (UC=1) e refere-se ao sentimento de insegurança em relação à figura materna, resultando da ausência de afeto e dos comportamentos agressivos por esta manifestados:

D-M-17: *“Não sentia muito afeto por parte da minha mãe, quando, por exemplo, ela me batia e, por isso, não conseguia confiar nela.”*

A subcategoria secundária “Outros familiares” alberga a narrativa de 1 participante (UC=3) e refere-se à sensação de insegurança em relação a outros familiares,

decorrente da percepção negativa sobre o seu carácter e da limitada proximidade emocional estabelecida com os mesmos:

H-F-18: *“Em relação aos meus tios, com quem vive no Brasil, eu não gosto deles, porque acho que são maus, e não consigo confiar neles nem para segurar o meu casaco.”*; *“Em relação ao meu irmão, nós temos uma relação distante com pouca intimidade... não me sinto confortável a falar com ele.”*

A subcategoria secundária “Contexto familiar” integra o discurso de 3 participantes (UC=4) e refere-se à percepção de ausência de segurança em relação aos membros que constituem o núcleo familiar:

F-F-15: *“Não me sentia à vontade para falar com as pessoas dentro de casa.”*

J-F-17: *“... eu não conseguia confiar em ninguém da minha família...”*

Perante o exposto, na categoria “Proteção e segurança”, destacaram-se as subcategorias secundárias “Por parte da figura materna” (integrada na subcategoria “Existência de proteção e segurança”) e “Contexto familiar” (integrada na subcategoria “Falta de proteção e segurança”). Ambas foram as mais referidas pelos/as participantes (UR=3), sendo que a primeira subcategoria secundária teve UC=3, enquanto a segunda teve UC=4.

Categoria 5: Convivência familiar

Na tabela 15, a categoria “Convivência familiar” refere-se à presença ou à falta de momentos partilhados com toda a família, ou com alguns dos seus membros, às percepções dos/as participantes sobre estes momentos e às alterações comportamentais dentro e fora do lar, manifestando ainda sentimentos positivos ou negativos, conforme as experiências individuais. A categoria integra cinco subcategorias: (1) “Existência de momentos em família”; (2) “Sentimentos associados aos momentos em família”; (3) “Inconstância no comportamento do pai/madrasta/padrasto dentro versus fora de casa”; (4) “Falta de momentos em família”; (5) “Sentimentos associados à falta de momentos em família”.

Tabela 15

Categoria 13: Convivência familiar

Categoria	Subcategorias	Subcategorias secundárias	UR	UC
Convivência familiar	Existência de momentos em família		29	41
		Sentimentos positivos	18	25

Categoria	Subcategorias	Subcategorias secundárias	UR	UC
	Sentimentos associados aos momentos em família	Sentimento negativo	1	1
		Sentimentos ambivalentes	3	8
		Sentido como um momento natural	3	3
		Sentido como um momento não natural	1	1
	Inconstância no comportamento do pai/madrasta/padrasto dentro versus fora de casa		3	5
	Falta de momentos em família		6	6
	Sentimentos associados à falta de momentos em família	Sentimento negativo associado à falta de momentos em família	1	1
		Normalização da falta de convivência familiar	2	2

Nota. UR = unidades de registo; UC = unidades de contagem.

A subcategoria “Existência de momentos em família” corresponde à existência de momentos partilhados com o núcleo familiar e às diferentes formas como os/as participantes percebem estes mesmos momentos, seja com toda a família ou com um ou mais membros, abrangendo desde pequenas interações dentro de casa e fora de casa até episódios como viagens, reuniões familiares regulares ou a celebração de datas festivas. Tal subcategoria inclui 29 verbalizações de participantes (UC=41) apresentando, de seguida, alguns exemplos:

G-M-15: *“Jantares e churrasco, quase todos os sábados nós íamos para o terreno do meu pai fazer churrasco e ir para a piscina.”*

R-F-17: *“Só com o meu padrasto e os meus irmãos. Por exemplo, se a minha mãe fosse ao supermercado com o meu irmão mais novo, eu ficava sozinha com o meu padrasto e a minha irmã. Eu estava a ver televisão com a minha irmã e o meu padrasto sentava-se ao nosso lado, abraçava-nos, falava connosco e brincava connosco.”*

R-M-12: *“Sim existiam esses momentos em família. Se fosse num dia comemorativo, por exemplo, um aniversário ou Natal nós juntávamos a família toda e fazíamos um jantar e um almoço.”*

A subcategoria “Sentimentos associados aos momentos em família” refere-se à percepção, pelos/as participantes, dos momentos partilhados com o núcleo familiar, seja de forma positiva, negativa, simultaneamente positiva e negativa, ou experiências percebidas como naturais ou não naturais. Por conseguinte, a subcategoria alberga cinco subcategorias secundárias: (1) “Sentimentos positivos”; (2) “Sentimento negativo”; (3) “Sentimentos ambivalentes”; (4) “Sentido como um momento natural”; (5) “Sentido como um momento não natural”.

A subcategoria secundária “Sentimentos positivos” diz respeito a sentimentos de felicidade, acolhimento e entusiasmo, bem como à percepção de maior proximidade com um ou mais membros do núcleo familiar durante os momentos de convivência familiar. Inclui, ainda, sentimentos de saudade e tristeza face à ausência destes momentos na atualidade. Assim, nesta subcategoria secundária verifica-se 18 verbalizações de participantes (UC=25), tal como ilustrado por alguns dos seguintes exemplos:

D-M-12: *“Eu ficava muito feliz porque estávamos juntos e sentia que todas as pessoas estavam próximas umas das outras. Gostava desses momentos.”*

D-M-16: *“Felicidade, porque estávamos todos juntos.”*

F-M-14: *“Sentia-me feliz e acolhido por todos, sentia que me podia aproximar mais dos meus tios e do meu pai.”*

J-M-15: *“Até vir para a instituição estes momentos eram uma coisa normal para mim, não sentia nada demais, quando vim para a instituição percebi que deveria ter aproveitado mais esses momentos. Nesses momentos sentia que estava mais próximo dos meus familiares. Quando vim para a instituição sentia-me mais triste ao me lembrar desses momentos, porque já não os tinha...”*

A subcategoria secundária “Sentimento negativo” corresponde apenas à narrativa de 1 participante (UC=1) e refere-se ao sentimento negativo, nomeadamente o ódio, relativamente aos momentos em família, uma vez que o participante descreve ter sido forçado a sair de casa contra a sua vontade:

P-M-18: *“Eu tenho muito a mania de ficar em casa, então cada vez que eles me forçavam a sair de casa para ir à praia (o que eu também não gosto), eu acabava por odiar aquilo.”*

A subcategoria secundária “Sentimentos ambivalentes” corresponde a sentimentos contraditórios face aos momentos de convívio com a família ou com determinados membros do núcleo familiar. Por um lado, emergem sentimentos de felicidade, proximidade, saudade e diversão, por outro, a convivência familiar é marcada por tristeza, ausência de confiança e situações percebidas como perigosas. Tal subcategoria secundária é apresentada 3 verbalizações de participantes (UC=8):

D-M-15: *“Feliz, mas triste em relação ao facto da minha mãe, pois eu não gostava de sair sem ela. Além disso, também sentia, nesses momentos, que estava mais próximo do meu pai.”*

J-F-17: *“Eu sentia felicidade nesses momentos... No entanto, eu não conseguia confiar em ninguém da minha família...”*

A subcategoria secundária “Sentido como um momento natural” faz referência à percepção dos/as participantes de que os momentos partilhados com familiares ocorrem de forma espontânea e constituem uma prática habitual na sua rotina. Deste modo, a subcategoria secundária integra 3 verbalizações de participantes (UC=3) como, por exemplo:

F-M-14: *“Com o meu pai e a minha madrasta, nós criámos momentos em família, íamos almoçar fora, íamos ao parque, víamos um filme. Era um momento espontâneo.”*

G-M-12: *“Sentia-me normal, porque já era habitual para mim... porque se eu estava em casa era para conviver.”*

A subcategoria secundária “Sentido como um momento não natural” integra a verbalização de 1 participante (UC=1) e refere-se à forma como este percebe que os momentos em família não ocorriam de forma espontânea, sendo experienciados como forçados e desprovidos de naturalidade por parte da família:

P-M-18: *“Eu acho que eram momentos um bocado forçados, só para dizer que tínhamos momentos em família. Por exemplo, eles de manhã acordavam-me e diziam-me que íamos à praia e eles nem sequer me avisavam com antecedência...”*

A subcategoria “Inconstância no comportamento do pai/madrasta/padrasto dentro versus fora de casa” corresponde à variação do comportamento da figura paterna, madrasta ou padrasto entre os ambientes internos e externos ao lar. Tais figuras manifestam-se de forma calma e civilizada fora de casa e mais agressivas e incomodativas dentro do lar, conforme relatado pelos/as participantes. Esta subcategoria compreende 3 verbalizações de participantes (UC=5):

B-M-17: *“O meu pai era mais calmo quando eu estava fora de casa, se tivesse dentro de casa era mais agressivo.”*

D-M-15: *“Não, a minha madrasta tem duas caras. Fora de casa é uma coisa e dentro de casa ela é outra. Dentro de casa, a minha madrasta era irritante e até me incomodava, enquanto fora de casa ela era outra pessoa, ou seja, digamos que se apresentava como uma boa senhora.”*

A subcategoria “Falta de momentos em família” refere-se à inexistência de convívio com o núcleo familiar ou com determinados membros do mesmo, estando representada por 6 verbalizações (UC=6) como, por exemplo:

E-M-17: *“Eu tinha esses momentos com a minha mãe, por exemplo, íamos sair, íamos à praia, ficávamos horas a conversar, em contrapartida com o meu pai isso não acontecia.”*

L-M-17: *“Não houve momentos em família.”*

A subcategoria “Sentimentos associados à falta de momentos em família” compreende a forma como os/as participantes interpretam a falta de momentos partilhados com a família, caracterizando-se por sentimentos negativos ou pela normalização dessa ausência. Esta subcategoria inclui duas subcategorias: (1) “Sentimento negativo associado à falta de momentos em família”; (2) “Normalização da falta de convivência familiar”.

A subcategoria secundária “Sentimento negativo associado à falta de momentos em família” integra 1 verbalização (UC=1) e representa o sentimento de tristeza manifestado pelo participante em consequência da falta de momentos de convívio familiar:

T-F-16: *“Eu sinto-me triste por esses momentos nunca terem existido...”*

A subcategoria secundária “Normalização da falta de convivência familiar” revela a conformidade com a inexistência de momentos criados em família e alberga 2 verbalizações (UC=2), sendo estas:

L-F-16: *“Nunca existiram esses momentos. Eu sinto-me normal com isso, porque foi sempre assim. Para eles era normal não existirem esses momentos.”*

L-M-17: *“Não, não sinto falta daquilo que não existiu.”*

De uma forma geral, na categoria “Convivência familiar”, a subcategoria “Existência de momentos em família” destaca-se significativamente ao representar (UR=29) e (UC=41). Importa salientar que a subcategoria secundária “Sentimentos positivos” (integrada na subcategoria “Sentimentos associados aos momentos em

família”) também assume relevância ao ser mencionada por mais de metade dos/as participantes (UR=18; UC=25).

Categoria 6: Comunicação

A categoria “Comunicação”, tal como representada na Tabela 16, refere-se aos estilos de comunicação (funcionais ou disfuncionais) dentro do contexto familiar. Esta categoria integra duas subcategorias: (1) “Comunicação funcional”; (2) “Comunicação disfuncional”.

Tabela 16

Categoria 14: Comunicação

Categoria	Subcategorias	Subcategorias secundárias	UR	UC
Comunicação	Comunicação funcional	Comunicação assertiva	6	8
		Comunicação aberta	11	12
		Comunicação serena	16	17
		Comunicação equilibrada	1	1
		Pais evitam conflitos na presença do adolescente	1	1
	Comunicação disfuncional	Passiva	10	14
		Agressiva	14	20
		Passivo-agressiva	5	7
		Dificuldade de comunicação	16	12

Nota. UR = unidades de registo; UC = unidades de contagem.

Tabela 17

Especificação da Tabela 16. Categoria 14: Comunicação

Categoria	Subcategorias	Subcategorias secundárias	Especificação das subcategorias secundárias	UR	UC
Comunicação	Comunicação funcional	Comunicação assertiva	Entre o/a adolescente e os pais	1	2
			Entre irmãos	1	1
			Por parte da figura materna	1	1
			Por parte de outros familiares	2	2

		Do próprio adolescente para com a mãe	1	2
	Comunicação aberta	Entre o/a adolescente e os pais/ mãe/ pai	7	7
		Entre o/a adolescente e outros familiares	4	5
	Comunicação serena	Por parte da figura materna	6	6
		Por parte da figura paterna	4	4
		Outros familiares	6	7
	Comunicação equilibrada		1	1
	Pais evitam conflitos na presença dos/as filhos/as		1	1
Comunicação disfuncional	Passiva	Entre o/a adolescente e os pais/ mãe/ pai	7	11
		Entre a família	2	2
		Outros familiares	1	1
	Agressiva	Por parte da figura materna	5	7
		Por parte da figura paterna	3	6
		Outros familiares	4	5
		Do adolescente para com os familiares	1	1
		Entre familiares	1	1

Passivo-agressiva	Por parte da figura paterna ou materna	3	3
	Por parte da madrasta	1	1
	Do/a adolescente para com os pais	1	3
Dificuldade de comunicação	Com a figura materna e/ou paterna	8	14
	Com outros familiares	4	5
	Com família em geral	3	6
	Entre familiares	1	1

Nota. UR = unidades de registo; UC = unidades de contagem.

A subcategoria “Comunicação funcional” diz respeito à presença de um estilo de comunicação caracterizado pela assertividade, abertura, serenidade e equilíbrio no contexto familiar dos/as participantes, bem como à forma como alguns membros familiares procuram evitar conflitos na presença dos/as filhos/as. Partindo deste pressuposto, a subcategoria integra cinco subcategorias secundárias: (1) “Comunicação assertiva”; (2) “Comunicação aberta”; (3) “Comunicação serena”; (4) “Comunicação equilibrada”; (5) “Pais evitam conflitos na presença dos/as filhos/as”.

A subcategoria secundária “Comunicação assertiva” corresponde à forma como o próprio/a participante ou um ou mais membros do seu seio familiar adotam um estilo de comunicação caracterizado pela compreensão e pelo respeito de perspetivas alheias, assegurando a proteção dos próprios limites.

Tal como se pode observar na tabela 16, esta subcategoria inclui, no total, 6 verbalizações (UC=8). De forma mais específica, e, de acordo com a Tabela 17: (1) 1 verbalização (UC=2) diz respeito à comunicação entre o participante e os pais; (2) 1 verbalização (UC=1) aborda o diálogo entre irmãos; (3) 1 narrativa (UC=1) refere-se ao discurso adotado pela figura materna; (4) 2 verbalizações (UC=2) abordam a postura de outros familiares; (5) e 1 discurso (UC=2) diz respeito à própria comunicação do

adolescente para com a figura materna. Assim sendo, exemplificam-se, de seguida, alguns exemplos:

D-M-12: *“Eu compreendia o que os meus pais me queriam dizer. Também sentia que os meus pais compreendiam aquilo que eu dizia.”*

R-F-17: *“Se eu tivesse uma opinião diferente do meu padrasto, nós ficávamos a discutir de forma saudável sobre o assunto, sem subir o tom de voz e respeitávamos as opiniões um do outro.”*

S-M-17: *“Se eu tivesse uma opinião diferente da minha mãe eu respeitava a opinião dela.”; “Se a minha mãe me pedisse uma coisa que eu não gostasse, mas se não fosse algo severo, eu faria. No entanto, se fosse algo que ia completamente contra a minha vontade, eu não faria. Contudo, eu não diria logo que não à minha mãe, primeiro iria tentar dar à volta à situação.”*

A subcategoria secundária “Comunicação aberta” faz referência a um estilo de comunicação caracterizado pela liberdade com que os/as participantes expressam os seus pensamentos, sentimentos e opiniões junto de um ou mais membros do contexto familiar.

No total, conforme indicado na Tabela 16, verificaram-se 11 verbalizações (UC=12). De forma mais detalhada, e, segundo a Tabela 17, estas distribuem-se da seguinte forma: (1) 7 verbalizações (UC=7) sobre a comunicação entre os/as adolescentes e os pais/mãe/pai; (2) e 4 verbalizações (UC=5) sobre a comunicação entre os/as adolescentes e outros familiares:

J-M-16: *“Tinha maior facilidade para falar com a minha mãe e com a minha tia, pois sentia-me mais à vontade e com mais liberdade para falar com elas sobre o que estava a sentir no momento.”*

P-F-14: *“Quando falava com elas (avó e mãe), eu sentia-me à vontade para falar e dizia tudo o que sentia, não tinha limites.”*

A subcategoria secundária “Comunicação serena” refere-se à forma como um ou mais membros do núcleo familiar dos/as participantes utilizam um tom de voz tranquilo e calmo, evidenciando, em diversas vezes, a ausência de agressividade.

Por conseguinte, esta subcategoria secundária alberga no total 16 verbalizações (UC=17), conforme representado na Tabela 16. De forma mais específica e, de acordo com a Tabela 17, esta subcategoria secundária inclui: (1) o discurso de 6 participantes (UC=6) relativamente ao tom de voz da figura materna; (2) a narrativa de 4 participantes (UC=4) em relação ao tom calmo adotado pela figura paterna; (3) e 6 verbalizações de participantes (UC=7) sobre o tom de voz tranquilo de outros familiares. Por exemplo:

D-M-12: *“A minha mãe tinha um tom calmo comigo, ela nunca gritou comigo. O meu pai também era calmo a falar comigo, mesmo quando me portava mal. Tal como a minha madrasta.”*

I-F-16: *“... com o meu padrasto eu tinha maior facilidade para falar com ele, até porque ele era mais calmo e tranquilo na forma de falar e não apresentava comportamentos agressivos.”*

A subcategoria secundária “Comunicação equilibrada” refere-se ao estilo de comunicação por parte da figura paterna e dos tios/as, caracterizado pela capacidade de adaptar a sua forma de expressão face às diferentes situações, desde interações mais tranquilas a contextos mais adversos. Tal como pode ser observado nas Tabelas 16 e 17, esta subcategoria integra o relato de 1 participante (UC=1):

F-M-14: *“O meu pai tinha um tom calmo, mas também sério, ou seja, quando era brincadeira ele brincava, mas quando o assunto era mais sério ele assumia outra postura com um tom mais grosso, mas não gritava comigo. Nesses momentos, ele dizia-me para não voltar a fazer certas coisas, por exemplo. Tal como o meu tio e a minha tia.”*

A subcategoria secundária “Pais evitam conflitos na presença dos/as filhos/as” integra o relato de 1 participante (UC=1), conforma observado nas Tabela 16 e 17, e refere-se à forma como os pais procuram evitar discussões na presença dos/as filhos:

G-M-15: *“Os meus pais eram calmos a falar comigo, por vezes discutiam, mas evitavam de o fazer à nossa frente.”*

A subcategoria “Comunicação disfuncional” refere-se a um estilo de comunicação ineficaz no seio familiar, manifestado por um ou mais membros deste seio familiar ou pelo/a próprio/a adolescente. De um modo geral, estes estilos de comunicação caracterizam-se pela incapacidade de se expressar, pela dificuldade em comunicar com os/as outros/as, pela agressividade ou por comportamentos passivo-agressivos. Para tal, esta subcategoria é composta por quatro subcategorias secundárias: (1) “Passiva”; (2) “Agressiva”; (3) “Passivo-agressiva”; (4) “Dificuldade de comunicação”.

A subcategoria secundária “Passiva” refere-se à incapacidade dos/as participantes em expressar emoções ou opiniões, à concordância sobre as opiniões dos pais sem questionamentos, ou à submissão à perspetiva de um ou mais membros do núcleo familiar.

Segundo a Tabela 16, esta subcategoria secundária integra no total 10 verbalizações de participantes (UC=14). Especificamente, e, conforme a Tabela 17, pode-se observar que a mesma subcategoria secundária engloba: (1) 7 verbalizações (UC=11)

sobre a comunicação entre o/a adolescente e os pais/ mãe/ pai; (2) 2 verbalizações (UC=2) sobre a comunicação entre membros da família; (3) 1 verbalização (UC=1) relativa à interação com outros familiares. Destas verbalizações destacam-se:

D-M-15: *“Desde que eu cresci, eu nunca mais desabafei com o meu pai...”; “O meu pai ensinou-me, em que sempre que ele fala, eu apenas tenho de concordar. Neste caso, eu nem dizia nada.”*

I-F-16: *“(mãe) eu e ela desenvolvemos algumas brigas... eram mais do tipo agressivo, sendo que, à medida que fui crescendo, quando aconteciam estas brigas eu ficava calada a ouvi-la e sentia que tinha algo entalado na garganta que gostava de falar, mas não conseguia dizer nada.”*

J-F-17: *“Eu não conseguia falar com a minha família sobre os meus sentimentos nem opiniões.”*

R-M-12: *“Dentro de casa, eu apenas aceitava a opinião dos meus pais e não perguntava nem me defendia.”*

A subcategoria secundária “Agressiva” refere-se à ocorrência de conflitos e de agressividade verbal por parte de um ou mais membros do núcleo familiar dos/as participantes. No total, conforme verificado na Tabela 16, esta subcategoria secundária alberga 14 verbalizações (UC=20). Em detalhe, e, de acordo com a Tabela 17, a subcategoria secundária corresponde: (1) à narrativa de 5 participantes (UC=7) relativo ao tom agressivo da figura materna; (2) o discurso de 3 participantes (UC=6) relativo à figura paterna; (3) 4 verbalizações (UC=5) sobre a comunicação agressiva de outros familiares; (4) 1 relato de um/a participante (UC=1) sobre a interação com familiares; (5) e 1 verbalização (UC=1) referente à dinâmica agressiva entre familiares. Destas verbalizações destacam-se os dois exemplos seguintes:

R-F-17: *“Se eu tivesse uma opinião diferente à da minha mãe, ela começava logo a gritar e a discutir comigo, até que começava a ameaçar-me. Então já nem tentava mais falar com ela.”*

T-F-16: *“Se a minha tia me pedisse algo o seu tom de voz dependia de como ela se encontrava... Ela tinha um sentido de humor muito estranho. Ela vivia com muitos problemas. Se ela estivesse num dia mau, iria ter uma má reação, ou seja, era má e agressiva na forma como falava comigo.”; “A minha tia falava particularmente alto e gritava muito comigo, mas não demonstrou muito da sua agressividade em termos físicos.”*

A subcategoria secundária “Passivo-agressiva” refere-se à utilização de estratégias de culpabilização por parte de um ou mais membros do núcleo familiar em situações adversas, bem como à forma como um participante evita o confronto direto com os familiares, desconsiderando opiniões contrárias à sua perspectiva. Na Tabela 16, pode-se verificar que esta subcategoria secundária inclui no total 5 verbalizações (UC=7). Enquanto na Tabela 17 e, de forma mais rigorosa, esta subcategoria secundária integra: (1) 3 verbalizações (UC=3) relativas à comunicação passivo-agressiva da mãe ou do pai; (2) 1 verbalização (UC=1) referente à comunicação da madrasta; (3) e 1 verbalização (UC=3) relativa à utilização deste tipo de comunicação pelo/a participante com os pais:

B-M-17: *“O meu pai tinha um tom mais agressivo e fazia-me sentir culpado por um assunto que tinha pouca relevância. Se fizesse algo mal, o meu pai colocava-me isso na cara.”*

D-M-17: *“Por vezes, quando tinha opiniões diferentes dos meus pais e dos meus avós eu não ouvia o que eles tinham a dizer sobre o assunto... Eu ignorava o que o meu pai falava. Em relação à minha mãe eu ignorava-a completamente”.*

A subcategoria secundária “Dificuldade de comunicação” refere-se à limitada comunicação com um ou mais membros do seio familiar, ou do contexto familiar geral, e à forma como os/as participantes se sentiam constrangidos em se expressar. Em determinadas circunstâncias, estas dificuldades em comunicar estavam associadas à agressividade, ao medo, à incompreensão ou ao corte de relações com um ou mais membros do núcleo familiar. Tal subcategoria secundária incorpora no total 16 verbalizações (UC=12), como se observa na Tabela 16. De forma mais detalhada, esta mesma subcategoria secundária, integra, de acordo com a Tabela 17: (1) 8 verbalizações (UC=14) relativas à comunicação com a figura materna e/ou paterna; (2) 4 verbalizações (UC=5) relativas à comunicação com outros familiares; (3) 3 verbalizações (UC=6) sobre a utilização desta forma de comunicação no contexto familiar geral; (4) e a 1 verbalização (UC=1) referente à dificuldade de comunicação entre os familiares. Para tal, apresentam-se dois exemplos ilustrativos:

I-F-16: *“Com a minha mãe era mais difícil de falar ...por vezes, tinha momentos em que estava com a cabeça quente e acabava por falar de forma agressiva e tinha comportamentos mais agressivos. Então acabava por ser difícil de estabelecer alguma comunicação com ela...”*

J-F-17: *“Eu não falava nem com o meu pai nem com a minha madrasta, só ficava calada e pedia desculpa se fosse necessário ou chorava se o sentisse. Eu não tinha*

comunicação nem com o meu pai nem com a minha madrastra, porque eu tinha medo... nem um lado nem o outro me compreendiam, então acabava por me calar.”

Em resumo, na categoria “Comunicação”, os/as participantes destacaram, de forma significativa e em igual medida, duas subcategorias secundárias com estilos de comunicação completamente dispares: a “Comunicação Serena” (integrada na subcategoria “Comunicação funcional”) e a “Dificuldade de comunicação” (integrada na subcategoria “Comunicação disfuncional”). Ambas as subcategorias secundárias contêm o mesmo número de verbalizações (UR=16), sendo que “Comunicação Serena” inclui UC=17 e a “Dificuldade de comunicação” apresenta UC=12. Importa referir que a subcategoria “Comunicação disfuncional” se destaca por mais 14 participantes através da comunicação “Agressiva” (UC=20).

Categoria 7: Reação ao comportamento do/a adolescente

Na tabela 18, a categoria “Reação ao comportamento do/a adolescente” refere-se à forma como um ou mais membros do seio familiar respondem às ações em geral dos/as participantes ou a comportamentos negativos destes/as. Esta categoria agrupa sete subcategorias: (1) “Advertência”; (2) “Repreensão”; (3) “Maus-tratos Físico/Punição física”; (4) “Maus-tratos Psicológicos”; (5) “Retirada de privilégios”; (6) “Castigo não especificado”; (7) “Diálogo”.

Tabela 18

Categoria: Reação ao comportamento do/a adolescente

Categoria	Subcategorias	Subcategorias secundárias	UR	UC
Reação ao mau comportamento do/a adolescente	Advertência		2	2
	Repreensão		12	14
	Maus-tratos Físicos/Punição física		18	33
	Maus-tratos Psicológicos	Proliferação de insultos	3	3
		Chantagem ou ameaças	3	4
		Uso de gritos	7	16
	Retirada de privilégios		15	35

Castigo não especificado	3	3
D diálogo	16	30

Nota. UR = unidades de registo; UC = unidades de contagem.

A subcategoria “Advertência” corresponde ao aviso emitido pela família ou pela figura paterna com o objetivo de corrigir os comportamentos considerados inadequados dos/as participantes e alberga 2 verbalizações (UC=2):

A-F-17: *“A minha família avisava-me várias vezes para não me comportar mal...”*

F-F-15: *“O meu pai dizia-me que me tinha avisado que eu não me podia comportar daquela maneira, mas nunca me explicou porque não devia fazê-lo.”*

A subcategoria “Repreensão” refere-se à crítica dirigida por um ou mais membros do núcleo familiar face à adoção de comportamentos considerados inapropriados dos/as participantes e inclui 12 verbalizações (UC=14) entre elas estão:

O-M-15: *“A minha mãe ralhava comigo sobre o facto de eu me ter comportado mal e, depois, metia-me de castigo.”*

T-M-16: *“Os meus pais ralhavam sempre comigo, davam-me nas orelhas, diziam-me que, se eu continuasse a portar-me mal, podia vir parar a um colégio, mas eu nunca liguei à conversa deles ...”*

A subcategoria “Maus-tratos Físicos/Punição física” refere-se ao uso da força física, usado por um ou mais membros do núcleo familiar, face a comportamentos considerados inadequados ou desagradáveis por parte dos/as participantes, na tentativa de controlar estes comportamentos. Esta subcategoria integra 18 verbalizações (UC=33) das quais se destacam:

D-M-17: *“Quando me portei mal, a minha mãe partiu-me um pau na cabeça e o meu avô já me deu com um cinto.”*

F-F-15: *“A minha mãe começava a gritar comigo sobre o meu mau comportamento e depois batia-me... ela não me explicava porque eu não podia fazer aquilo. Há uns anos para cá, o comportamento dela para comigo tornou-se mais grave, porque ela agredia-me imenso.”*

I-F-19: *“O meu pai já era mais agressivo. Quando nós fazíamos porcaria, ele dava-nos uma palmada ou uma chapada... No entanto, chegou a uma altura em que ele*

era mesmo agressivo, em que chegou ao ponto de nos bater com um pau ou uma colher de pau.”

A subcategoria “Maus-tratos Psicológicos” compreende o uso de gritos, insultos, intimidações e ameaças por parte de um ou mais membros do seio familiar em resposta aos comportamentos dos/as participantes ou a situações adversas que surgiam no contexto familiar. Esta subcategoria alberga três subcategorias secundária: (1) “Proliferação de insultos”; (2) “Chantagem ou ameaças”; (3) “Uso de gritos”.

A subcategoria secundária “Proliferação de insultos” diz respeito ao uso de ofensas durante discussões recorrentes entre o/a participante e um membro da família, ou à utilização de insultos, por um familiar, face a comportamentos considerados errados dos/as participantes. Esta subcategoria integra 3 verbalizações (UC=3), entre as quais se destacam:

I-F-16: *“Quando morava com a minha irmã, nós acabávamos por discutir, o que levava a que nos insultássemos todos os dias.”*

T-F-16: *“Já com a minha tia quando eu me portava mal, a reação dela era má. Nestes episódios eu já não sentia que tinha muitos castigos, porque eu já não tinha nada. Por exemplo, eu não tinha telemóvel e nem sequer podia sair. Eu já nem tinha acesso a muita coisa, então a reação dela passava por me insultar, chamar-me nomes ofensivos e gritar comigo.”*

A subcategoria secundária “Chantagem ou ameaças” refere-se a estratégias negativas com recurso à intimidação ou manipulação adotadas pela figura paterna ou materna, utilizadas para responder a comportamentos considerados inapropriados ou à divergência de opiniões. Esta subcategoria secundária compreende o discurso de 3 verbalizações (UC=4) das quais se destacam:

I-M-17: *“A minha mãe falava comigo e dizia-me que me mandava de volta para o meu país (Cabo Verde). Ela não tentava perceber porque eu errei. Ela não me dizia porque não havia de fazer tal coisa.”*

R-F-17: *“Se eu tivesse uma opinião diferente à da minha mãe, ela... começava a ameaçar-me. Então já nem tentava mais falar com ela... a minha mãe ameaçava-me muito sobre me ir deixar à porta do tribunal e dizia às outras pessoas que eu não valia nada.”*

A subcategoria secundária “Uso de gritos” refere-se a uma forma de maus-tratos psicológicos caracterizados pela elevação do tom de voz por parte da figura materna, paterna ou de outro membro do seio familiar, em resposta a opiniões divergentes ou a

comportamentos considerados inadequados ou desagradáveis por parte dos/as participantes. Esta subcategoria secundária contém 7 verbalizações (UC=16) de onde se evidenciam alguns dos seguintes exemplos:

M-F-16: *“Já o meu pai, quando eu tinha um mau comportamento, começava a gritar comigo, mas nunca me bateu. A minha mãe também gritava e já me bateu duas vezes.”*

R-F-17: *“Se eu tivesse uma opinião diferente à da minha mãe, ela começava logo a gritar...”*

A subcategoria “Retirada de privilégios” refere-se a uma medida disciplinar, aplicada pelos/as cuidadores/as, consistente na suspensão temporária de determinadas permissões ou benefícios dos/as participantes em resposta a comportamentos considerados errados. Esta subcategoria comporta 15 verbalizações (UC=35) das quais se destacam:

D-M-16: *“A minha mãe colocava-me de castigo... retirava-me a consola.”*

S-M-13: *“Quando me portava mal os meus pais não me deixavam ir para a casa do meu tio...”*

A subcategoria “Castigo não especificado” expõe 3 verbalizações (UC=3) sobre a utilização de uma sanção por parte de cuidadores/as, cuja forma ou duração não é especificada, em resposta ao comportamento considerando inadequado dos/as participantes:

A-M-15: *“A reação dos meus pais era má e colocavam-me de castigo.”*

L-M-17: *“A minha mãe castigava-me, ela não me ensinava que aquilo que tinha feito era um erro e que devia mudar...”*

A subcategoria “Diálogo” refere-se à comunicação estabelecida entre cuidadores/as e participantes, proporcionando aos últimos a oportunidade de expressar e clarificar o seu comportamento inadequado, enquanto os/as cuidadores/as explicam em que medida tais comportamentos são inadequados e as suas consequências. Esta subcategoria alberga 16 verbalizações (UC=30) como, por exemplo:

O-M-15: *“(mãe) Ela falava comigo sobre o assunto e também me explicava porque é que o meu comportamento era errado, para que eu pudesse entender o meu erro.”*

S-M-17: *“A minha mãe falava comigo para entender a razão pela qual eu me tinha portado mal e aconselhava-me para não me voltar a portar mal.”*

Observa-se, na categoria “Reação ao comportamento do/a adolescente”, que os/as participantes destacaram significativamente a subcategoria “Maus-tratos Físico/Punição física”, (UR=18) e (UC=33).

Categoria 8: Negligência das figuras parentais

Representada, na tabela 19, a categoria “Negligência das figuras parentais” refere-se à incapacidade dos/as cuidadores/as ou de outros familiares em identificar e valorizar as necessidades de saúde física e/ou psicológica dos/as adolescentes, bem como assegurar as condições necessárias à sua sobrevivência e bem-estar. Inclui ainda a ausência de resposta adequada face a comportamentos considerados desajustados dos/as adolescentes, evidenciando uma falha no exercício das responsabilidades parentais. Neste contexto, as figuras (paterna e/ou materna), que deveriam garantir cuidado, proteção e orientação, acabam por negligenciar os seus deveres e não cumprir adequadamente as suas funções. Esta categoria integra também outras figuras do núcleo familiar que assumem responsabilidades parentais, particularmente quando a figura paterna se encontra ausente ou não desempenha o seu papel. Esta categoria subdivide-se em 5 subcategorias: (1) “Desvalorização e/ou desconhecimento do estado de saúde física e/ou psicológica do/a adolescente”; (2) “Falta de satisfação de necessidades básicas”; (3) “Outros indivíduos que assumem as responsabilidades parentais (irmão ou próprio/a adolescente)”; (4) “Outros sujeitos que representam a figura paterna; (5) “Falta de monitorização do comportamento do/a adolescente”.

Tabela 19

Categoria 16: Negligência das figuras parentais

Categoria	Subcategorias	UR	UC
Negligência das figuras parentais	Desvalorização e/ou desconhecimento do estado de saúde física e/ou psicológica do/a adolescente	8	10
	Falta de satisfação de necessidades básicas	2	3
	Outros indivíduos que assumem as responsabilidades parentais (irmão ou próprio/a adolescente)	3	6
	Outros sujeitos que representam a figura paterna	3	7
	Falta de monitorização do comportamento do/a adolescente	2	2

Nota. UR = unidades de registo; UC = unidades de contagem.

A subcategoria “Desvalorização e/ou desconhecimento do estado de saúde física e/ou psicológica do/a adolescente” caracteriza-se como uma forma de negligência em que os/as cuidadores/as ou outros membros familiares não reconhecem nem valorizam o estado físico e/ou psicológico dos/as participantes, seja por ausência de acompanhamento adequado, seja por falta de confiança dos/as participantes. Esta subcategoria é composta por 8 verbalizações de participantes (UC=10), entra quais se destacam:

M-F-16: *“A minha mãe nunca teve paciência, ela dizia que a vítima era ela, porque trabalhava e, por isso, eu não devia estar triste, nem a chorar e nem a sentir-me mal.”*

N-F-17: *“Eu curava-me sozinha e nunca ninguém chegava a saber que eu estava doente, porque não tinha confiança para tal”.*

A subcategoria “Falta de satisfação de necessidades básicas” diz respeito a outra forma de negligência em que a figura materna ou a tia (responsáveis pelo/a adolescente) não garantiam o acesso às condições essenciais para a sua sobrevivência, nomeadamente alimentação e cuidados de saúde. Tal categoria agrupa 2 verbalizações (UC=3) ilustradas nos seguintes exemplos:

L-F-16: *“(tia)... muitas vezes, não ligava para mim nem queria saber como eu estava. Era eu mesma que cuidava de mim... se fosse uma gripe ou assim ninguém me ajudava nem me davam medicação. Nunca fui cuidada em nenhuma forma, mesmo quando precisava, mesmo nos momentos felizes. Não havia ninguém para mim. Era mesmo eu e eu.”*

R-F-17: *“Quando vivia com a minha mãe eu cheguei a passar fome...”; “A minha mãe não fazia nada, não queria saber se tinha de ir à urgência. Uma vez tinha fortes dores de ouvidos e cheguei a ligar para a minha tia e fui com ela ao hospital, porque a minha mãe não quis saber.”*

A subcategoria “Outros indivíduos que assumem as responsabilidades parentais (irmão ou próprio/a adolescente)” refere-se à situação em que a negligência dos pais biológicos, como o incumprimento dos seus deveres de cuidado, proteção e orientação, leva à assunção dessas responsabilidades por outros membros da família (irmão ou o/a próprio adolescente). Esta subcategoria alberga 3 verbalizações de diferentes participantes (UC=6) como, por exemplo:

F-F-15: *“Eu é que fui criando o meu irmão, eu é que o levava para a escola, eu é que lhe dava de comer... antes de ir para a minha escola, deixava-o na escola e depois quando saía da escola, eu é que o ia buscar.”*

P-M-18: *“O meu pai era um alcoólico e a minha mãe era muito passiva e gostava muito de fumar. O meu irmão parecia que assumia como responsabilidade ser meu pai. Esta responsabilidade que o meu irmão assumiu, surgiu porque os meus pais não faziam o trabalho deles, o que gerou muito ódio no meu irmão...”*

A subcategoria “Outros sujeitos que representam a figura paterna” faz referência às responsabilidades parentais assumidas por outros familiares (padrasto, avô ou bisavô) devido à ausência do pai biológico no acompanhamento do desenvolvimento do/a adolescente. Esta subcategoria integra 3 verbalizações (UC=7) entre as quais se destacam:

F-F-15: *“... quem me criou foi o meu padrasto... o meu padrasto pode não ser do mesmo sangue que o meu, mas é como se fosse meu pai... criou-me desde os meus cinco anos até aos meus quinze anos... e, por isso, este é o meu pai.”*

M-F-16: *“... o meu pai é como se fosse o meu bisavô, pois era ele que estava presente na minha vida e não o meu pai.”*

A subcategoria “Falta de monitorização do comportamento do/a adolescente” corresponde a mais uma forma de negligência, referindo-se ao padrasto e avô. Estas figuras não cumprem o dever de aplicar medidas disciplinares diante de comportamentos considerados inadequados por parte do/a adolescente. Esta subcategoria alberga 2 verbalizações (UC=2) ilustradas nos seguintes exemplos:

J-M-15: *“Quando me portava mal, o meu padrasto não fazia nada.”*

P-F-14: *“Em relação ao meu avô, quando me portava mal (não tinha bem a noção) mas sei que ele não fazia nada e ficava apenas a ver televisão.”*

Em suma, na categoria “Negligência das figuras parentais”, verifica-se que a “Desvalorização e/ou desconhecimento do estado de saúde física e/ou psicológica do/a adolescente” assume maior relevância, (UR= 8) e (UC=10). Importa referir que a subcategoria “Outros indivíduos que assumem as responsabilidades parentais (irmão ou próprio/a adolescente)” acresce a relevância desta categoria com (UR=3) e (UC=6).

7.5. Anexo E – Tabelas complementares à análise quantitativa do objetivo 5

Objetivo 5 - Descrever as competências socioemocionais dos/as participantes em função do gênero e da idade

Tabela 20

Teste comparativo nas dimensões das competências socioemocionais em função do gênero

Dimensões	Gênero masculino (n=22)		Gênero feminino (n=12)		<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d</i>	Magnitude
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>(DP)</i>				
Intrapessoal	14.00	3.41	14.17	4.28	-0.124	0.902	-0.045	Fraca
Interpessoal	37.86	5.16	37.42	4.70	0.249	0.805	0.089	Fraca
Gestão de <i>Stress</i>	32.64	5.17	30.67	2.71	1.226	0.229	0.440	Próxima da moderada
Adaptabilidade	29.14	4.24	25.17	5.04	2.443	0.020	0.877	Forte
Humor Geral	44.27	7.01	37.17	6.49	2.896	0.007	1.039	Forte
Impressão Positiva	16.41	3.36	14.83	2.73	1.391	0.174	0.499	Próxima da moderada

Nota. *n* = tamanho da amostra; *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *t* = valor T-Student; *p* = probabilidade de significância. A magnitude do efeito foi interpretada segundo Cohen (1988). 0.2 = fraco; 0.5 = moderado; > 0.8 = forte.

Tabela 21*Teste comparativo nas dimensões das competências socioemocionais em função da idade*

Dimensões	12-15 anos (<i>n</i> =14)		16-19 anos (<i>n</i> =20)		<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d</i>	Magnitude
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>				
Intrapessoal	14.64	3.05	13.65	4.08	0.770	0.447	0.268	Fraca
Interpessoal	38.36	4.36	37.25	5.36	0.638	0.528	0.222	Fraca
Gestão de <i>Stress</i>	33.79	3.49	30.65	4.77	2.094	0.044	0.730	Moderada
Adaptabilidade	28.00	4.67	27.55	5.09	0.262	0.795	0.091	Fraca
Humor Geral	45.86	5.87	38.90	7.41	2.926	0.006	1.020	Forte
Impressão Positiva	17.00	2.48	15.05	3.46	1.807	0.080	0.630	Moderada

Nota. *n* = tamanho da amostra; *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *t* = valor T-Student; *p* = probabilidade de significância. A magnitude do efeito foi interpretada segundo Cohen (1988). 0.2 = fraco; 0.5 = moderado; > 0.8 = forte.